

As Paisagens do rio Doce

Um olhar coletivo para a região da foz



Atlas das paisagens da Foz do rio Doce

135p.

Organização e revisão técnica: Georgia Jordão

Projeto Gráfico: Billy Blay

Coordenação: Milena Rêgo e Mirna Castro Folco

O Atlas das paisagens da Foz do rio Doce foi desenvolvido por meio de cooperação da UNESCO com a Fundação Renova, no âmbito do projeto 570BRZ3006 - Construção da paz e do diálogo para o desenvolvimento sustentável das regiões atingidas pela barragem de fundão: fortalecendo a capacidade institucional e de implementação de ações da Fundação Renova.

O conteúdo dessa publicação foi organizado a partir dos produtos e do trabalho desenvolvidos pela seguinte equipe: Fernanda Rennó (Coordenação Técnica), Milena Rêgo (Coordenação UNESCO), Raul Lanari (Coordenador de equipe), Alexandra Freitas (consultora) Cinthia Creatini (consultora), Clayton Peron (consultor), Georgia Jordão (consultora), Sara Aredes (consultora), Silvia Paquetet (Coordenação Fundação Renova), Thais Herdy (Fundação Renova) e Emília Paiva (Fundação Renova). Os produtos desenvolvidos podem ser consultados e baixados no site www.paisagensdoriodoce.com.br, na subseção “Nosso olhar”.

Sumário

Paisagens da Foz do rio Doce.....	1
Vida nos Mares	1
Praias.....	4
Foz.....	8
Vilas	12
Patrimônios	17
Vida nos rios	20
Terra em Transe.....	27
Cacau.....	31
Represas.....	35
Matas	38
Pastagens	41
Indústrias.....	45
Roças.....	48
Conjuntos habitacionais	52
Café	54
Lagoas	58
Cidades.....	65
Acessos.....	71
Alagáveis.....	75

Condomínios	78
Cultivos Agrícolas e Florestais	80
Comunidades Rurais	84
Vidas Quilombolas	89
Re-Existências	95
Eucalipto	100
Vidas Indígenas.....	105
Vida nos mangues.....	112
Terras Altas.....	117
Pessoas	120
Referências Bibliográficas	131

Paisagens da Foz do rio Doce

O Atlas das paisagens da Foz do rio Doce apresenta os resultados da análise socioespacial realizada entre os anos de 2019 e 2020 nesta região. Com o objetivo de criar uma visão integrada dos lugares, das pessoas e dos significados e sentimentos associados ao rio Doce, o estudo promoveu um mergulho profundo na região da foz e em municípios lindeiros a ela, no litoral capixaba.

Vale destacar que as investigações do estudo da paisagem vão além do desastre do rompimento da barragem de Fundão em Mariana e da escuta exclusiva de atingidos. Em nenhum momento o desastre do rompimento da barragem de Fundão saiu do radar analítico, mas a ele são adicionadas outras narrativas que ampliam as referências sobre o rio Doce.

A configuração socioespacial da foz do rio Doce é o resultado de processos históricos de disputas e permanências espaciais, culturais, políticas e econômicas. As paisagens que emergem deste contexto são fragmentos desta dinâmica. Quando articuladas ao rio Doce, elas nos revelam um entendimento mais fidedigno sobre as pessoas e sobre os significados do rio neste território.

Revelar paisagens é, portanto, sensibilizar os interlocutores que vivem e se interessam pelo território atravessado pelo rio Doce, a resgatar processos ambientais, históricos, políticos, econômicos e culturais que ajudam a compreender a sua complexidade. A integração destes aspectos na ideia de paisagem é uma chave de acesso a contextos do presente e um importante insumo para sonhar os futuros dessa região.

O rio Doce é o elemento referente e o fio condutor das 28 paisagens apresentadas no Atlas. Algumas delas têm uma forte relação com o rio Doce. Outras têm relações nem tão visíveis ou diretas. As relações das paisagens com o rio Doce são influenciadas pela geomorfologia, por relações de vizinhança e pela influência do rio na organização social das comunidades. As pessoas e as representações artísticas do território do Doce são as protagonistas das paisagens. É através delas que conseguimos chegar mais pertinho do território!

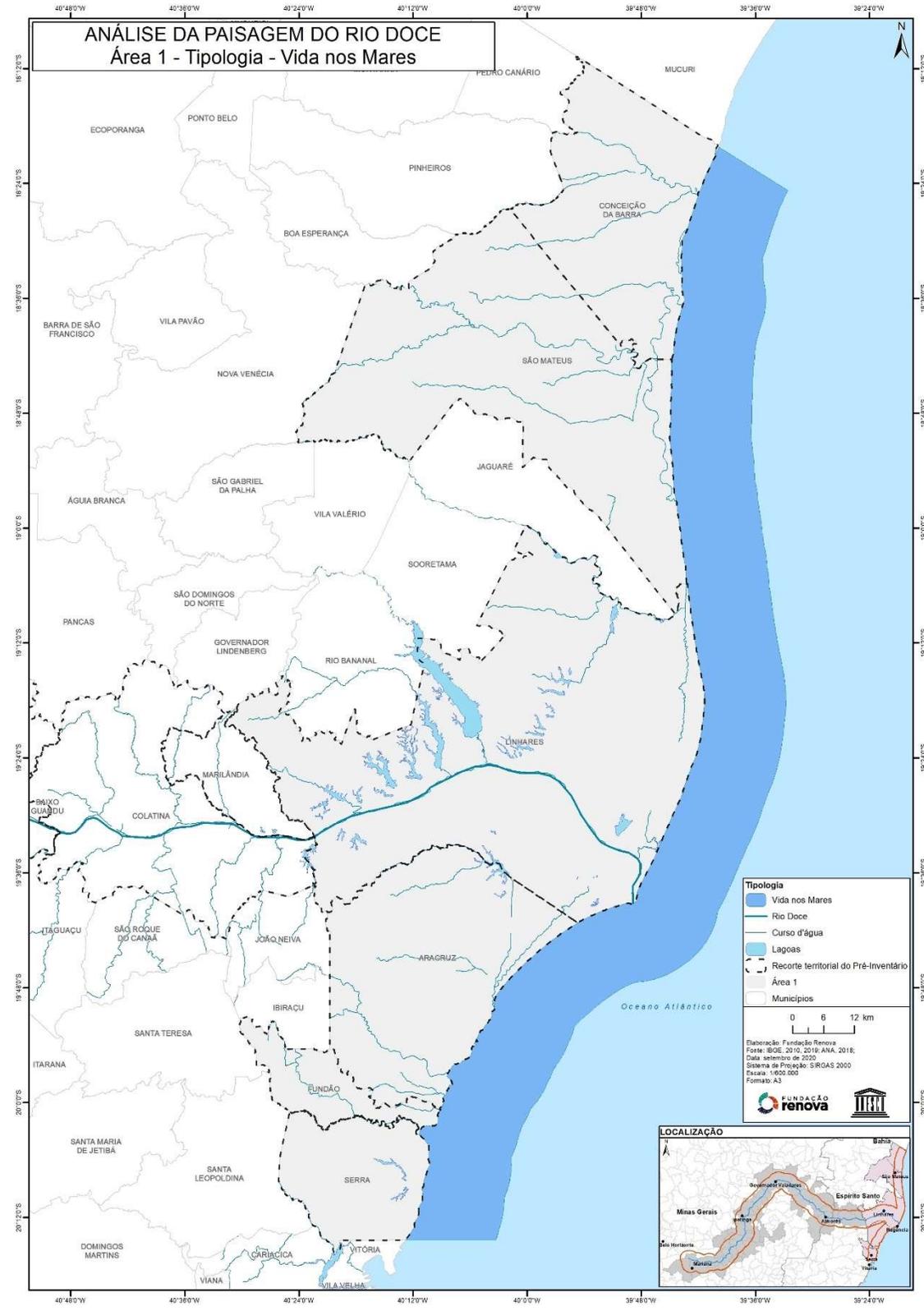
As paisagens não têm limites definidos e podem ocorrer em vários pontos do território percorrido. Assim, será possível observar que as paisagens se conectam, se sobrepõem, se isolam e se articulam ao rio Doce sob perspectivas físicas e simbólicas. Se você tem interesse em se aprofundar no método de identificação e análise das paisagens, acesse o nosso site: www.paisagensdoriodoce.com.br

Vida nos Mares

Entre as areias e as nuvens

Embarcamos no rio Doce pelo Oceano Atlântico próximo a costa do Espírito Santo. De lá, de onde se diz "terra à vista", forma-se a imagem da primeira paisagem identificada: Vida nos Mares. De cores que variam entre cinzas ou castanhos nas beiradas e azuis e verdes nas partes mais profundas, essa paisagem se estende do norte ao sul do Litoral Capixaba. Ela foi o cenário da entrada de portugueses, naturalistas europeus, pessoas escravizadas de países africanos e pioneiros que exploraram a bacia do rio Doce desde o século XVII.

Devido a sua grande biodiversidade e ao desenvolvimento econômico da região nos últimos sessenta anos, a paisagem de Vidas no Mares se diversificou e hoje é intensa. Na região ela se caracteriza pela coexistência de atividades econômicas de alta e baixa tecnologia, pela presença de grupos sociais envolvidos com a pesca artesanal, com o turismo, com o surfe, com a preservação ambiental e com o lazer.



A paisagem de Vida dos Mares está conectada ao rio Doce pela foz e é simultaneamente fonte de vida, de trabalho, de lazer, de subsistência, de surfe e de narrativas culturais. Na Vida nos Mares próximo à foz do rio Doce, a história de Caboclo Bernardo é uma importante referência cultural. Sua compreensão diz muito sobre a identidade das comunidades desta região. Em 2015, a lama de rejeitos do rompimento da barragem de Fundão, em Mariana, Minas Gerais, chegou ao mar na altura da praia de Regência Augusta. A pluma de rejeitos atingiu a reserva biológica de Comboios e o litoral ao norte e ao sul da foz do rio Doce. Desde fins de 2015 até 2020, as atividades marítimas de pesca artesanal e de lazer seguem parcialmente interrompidas na região.



Figura 1 - Mapa temático da capitania de Porto Seguro sob a perspectiva do mar. Fonte: João Teixeira Albernaz, 1631.



Figura 2 - Mar em praia de Nova Almeida. Serra/ES, 2020.



“(...) normalmente eu saio de manhã para ir pescar, vou na praia pescar ou para alto mar. Às vezes eu saio daqui, viajo para outra cidade para trabalhar em alto mar, fico aí quinze dias, vinte dias, depende da embarcação, ou fico fora de casa. Da última vez eu fiquei quase cinquenta dias fora de casa. Porque eu fui para Aracruz, porque como o valor do mercado aqui caiu muito, aí eu vou para outro lugar. Porque na questão financeira tem preço de camarão aí acaba eu indo e voltando, a hora que eu chego aqui é isso aí. Vou pescar na praia, de dia estou com a minha família, à noite eu saio para ir na beira do cais dar uma volta. Geralmente quando não estou pescando eu chego para ficar em casa e passear com os meninos né?”

Fábio da Silva Clarindo. Conceição da Barra/ES.

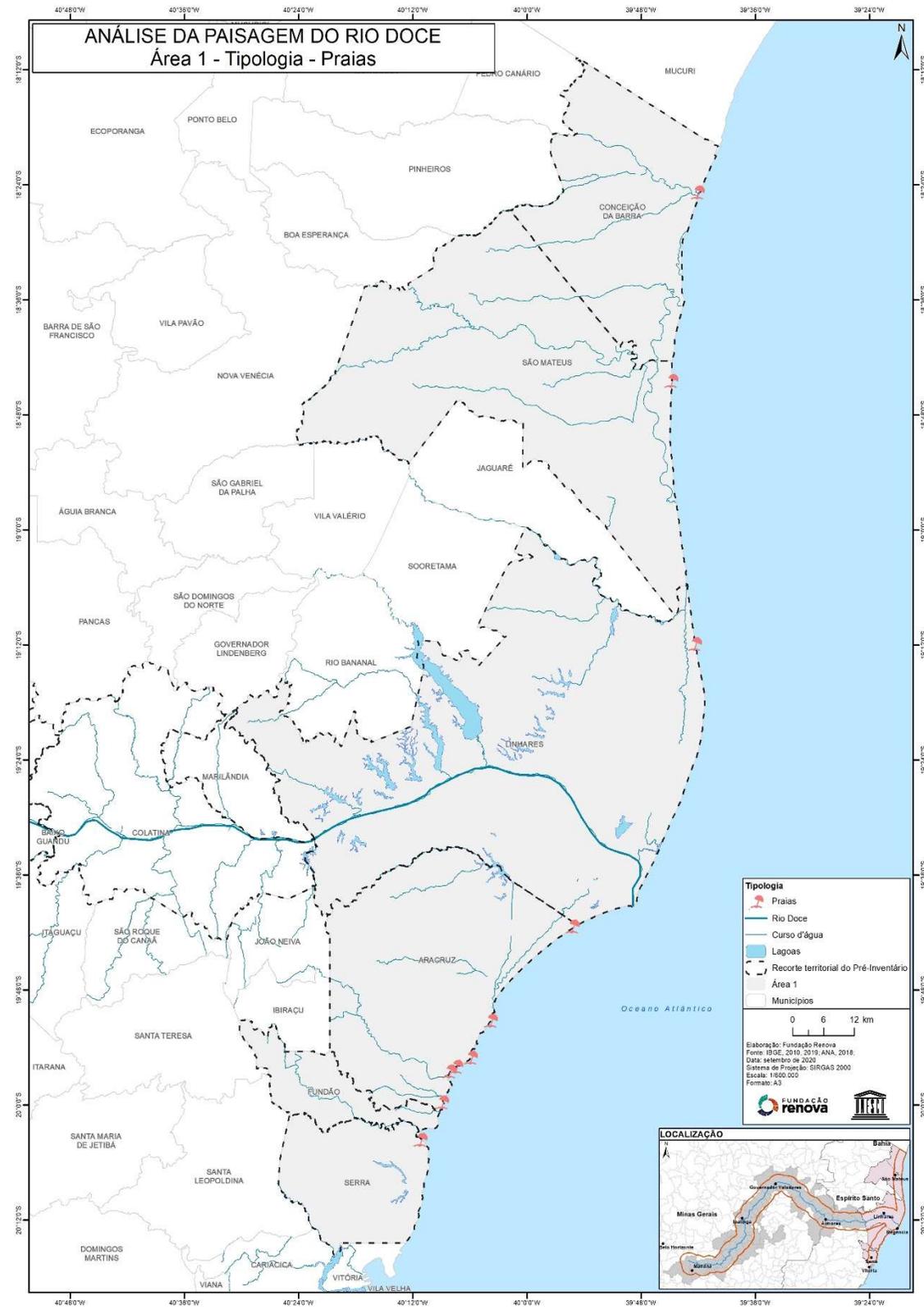
Praias

As beiras de areias e de encontros

O balanço das águas do mar conduz os passageiros do sobrevoos às paisagens de Praias. As paisagens de Praias se configuram em ambientes de mar, rios ou lagoas. Elas se caracterizam por conectar dois elementos básicos para a sobrevivência física e afetiva dos seres humanos: a água e a terra.

Todas as águas que compõem o território – doces e correntes, internas, contidas e salgadas - possuem uma faixa mais ou menos estreita de areia que as delimita e dá origem a essa paisagem. Elas podem ter livre acesso ao público ou ser privada.

Devido à prevalência de planícies e da baixa declividade na região da foz do rio Doce, há uma grande concentração de lagoas na área percorrida. As paisagens de Praias são frequentes no município de Linhares, onde há uma grande concentração de lagoas. Ela também ocorre nas praias de Itaúnas no município de Conceição da Barra; na praia dos Padres em Aracruz e na praia de Comboios no distrito de Regência Augusta.



As Praias são paisagens marcadas por sons distintos a depender da estação do ano e do período do dia. Na área percorrida elas são berçários de tartarugas marinhas e representam encontros, lazer e diversidade social. O rio Doce se conecta à paisagem de Praias na foz, próximo à localidade de Povoação e ao distrito de Regência Augusta.



Figura 3 - Praia de Comboios no distrito de Regência Augusta. Linhares /ES, 2020.

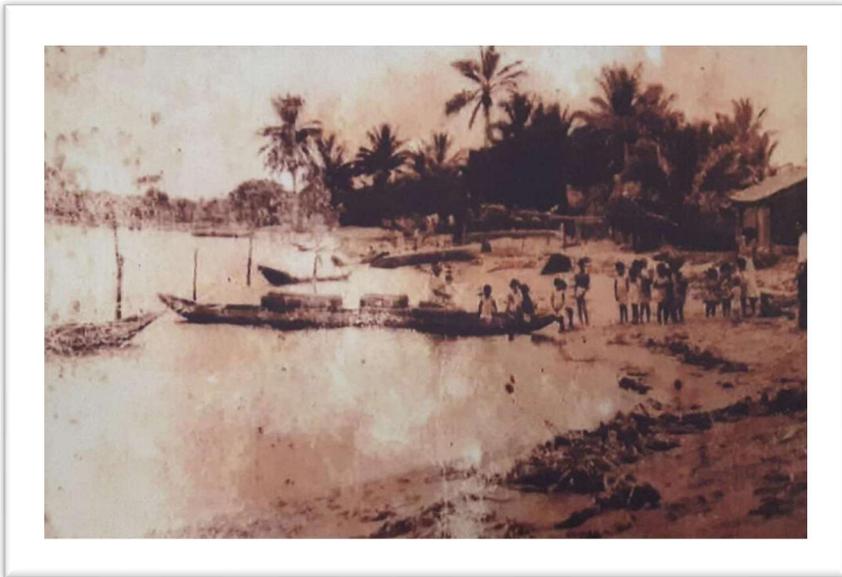


Figura 4 - Acampamento temporário de pescadores numa praia da Lagoa Juparanã. Linhares/ES, 2019.



Figura 5 - Salomão da Silva Pinto. Conceição da Barra/ES.

“(...) chegando no final da praia ali, você não vê mais aquele bairro, você vê aquelas pedras protegendo o mar e você pensar que ali era o meu lugar, que era o meu refúgio. Eu tinha dez anos, nove anos eu sumia andando, meu pai ficava doido comigo, eu ia pescar.”



*Figura 6 - Praia da Bugia na década de 1950. Conceição da Barra/ES.
Fonte: Acervo IBGE.*



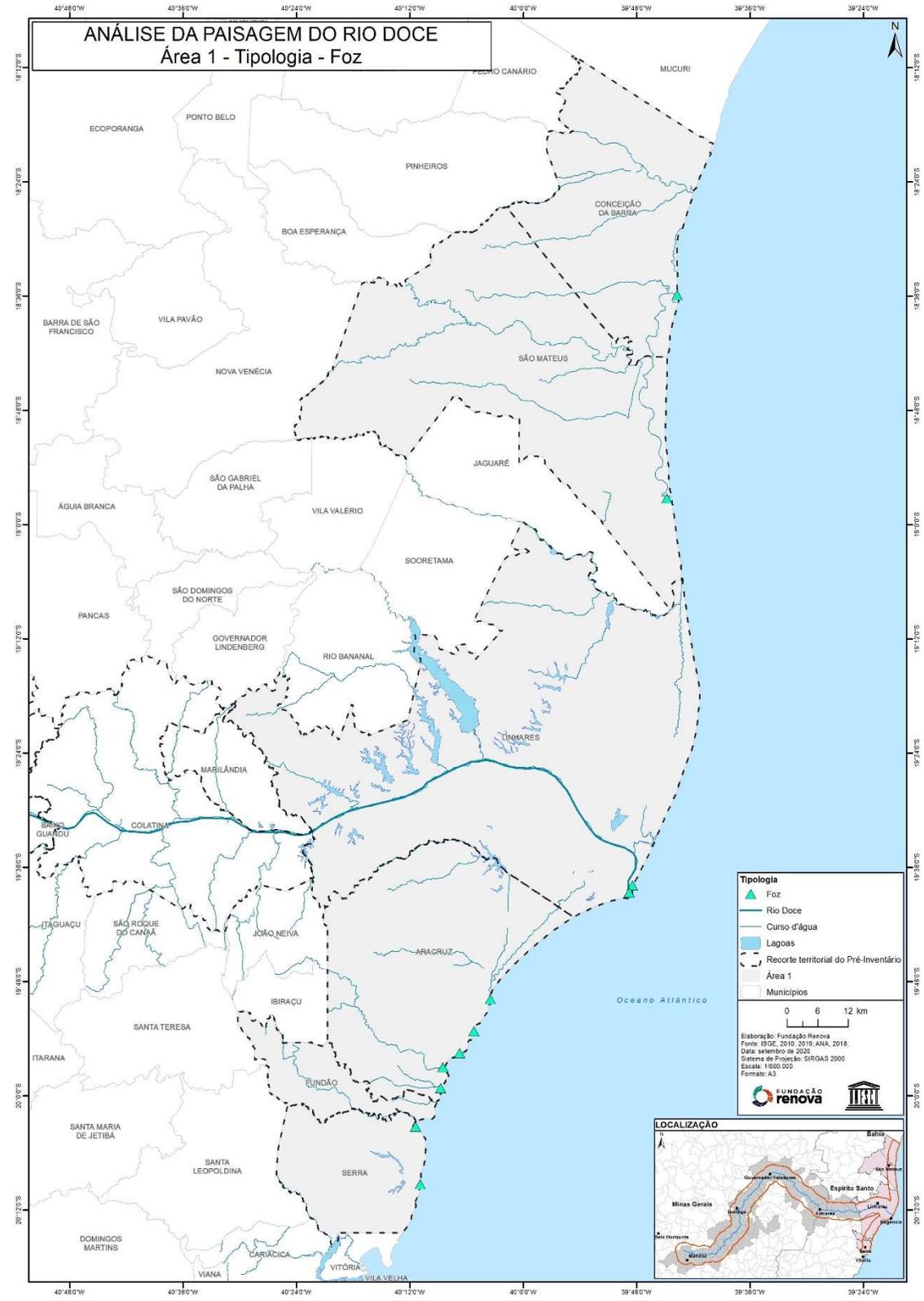
Figura 7 - Praia às margens do rio no encontro com o mar em Pontal do Ipiranga. Linhares/ES, 2020.

Foz

A dança das águas

A paisagem de Foz é uma dança dinâmica. Ela é o produto de disputas e acordos que constrói e reconstrói os formatos do seu estuário em processos de longa duração. O encontro entre as águas dos rios e do mar nem sempre é perceptível. Ele pode ocorrer de forma sutil, quando é difícil identificar a origem da água, do rio ou mar. Ou de forma marcante, em rios com menor declividade e velocidade da água como o rio Doce. Paisagens de Foz ocorrem ao norte do rio Doce, como a Foz no Mariricu e no São Mateus. E ao sul, a exemplo da Foz no Piraquê-Açu. As paisagens de Foz são palcos de comunidades tradicionais, da pesca artesanal, da festa da manjuba e do robalo, do Jongo, do Congo e do Ticumbi.

No litoral, os sucessivos processos de ocupação da terra e a miscigenação da população marcam as feições e cores das comunidades e ressaltam a mistura e a co-presença das populações negra, branca e indígena.



A Foz no rio Doce é uma paisagem que conecta as paisagens Vidas nos Mares, Praias, Vilas e Vida nos rios. É emblemático a conexão que a paisagem de Foz promove entre as comunidades pesqueiras de Povoação e de Regência Augusta. A proximidade física gerada pela posição geográfica da foz do rio Doce promove uma liga cultural que une as duas margens. Na Foz, a "lama" que veio do rompimento da barragem de Mariana misturou-se às águas do oceano Atlântico.



Figura 8 - Soldats à Linhares. Fonte: Maximilian Wied-Neuwied, 1822.
Fonte: <https://www.brasilianaiconografica.art.br>



Figura 9 - Foz do rio Doce. Fonte: Acervo Fundação Renova, 2018.



Figura 10 - Maria da Penha Monteiro. Biriricas, Aracruz/ES.

“é o banho, é o rio, é o mar... um banho no rio, um banho no mar”



Figura 11 - Ivan Monteiro.São Mateus/ES.

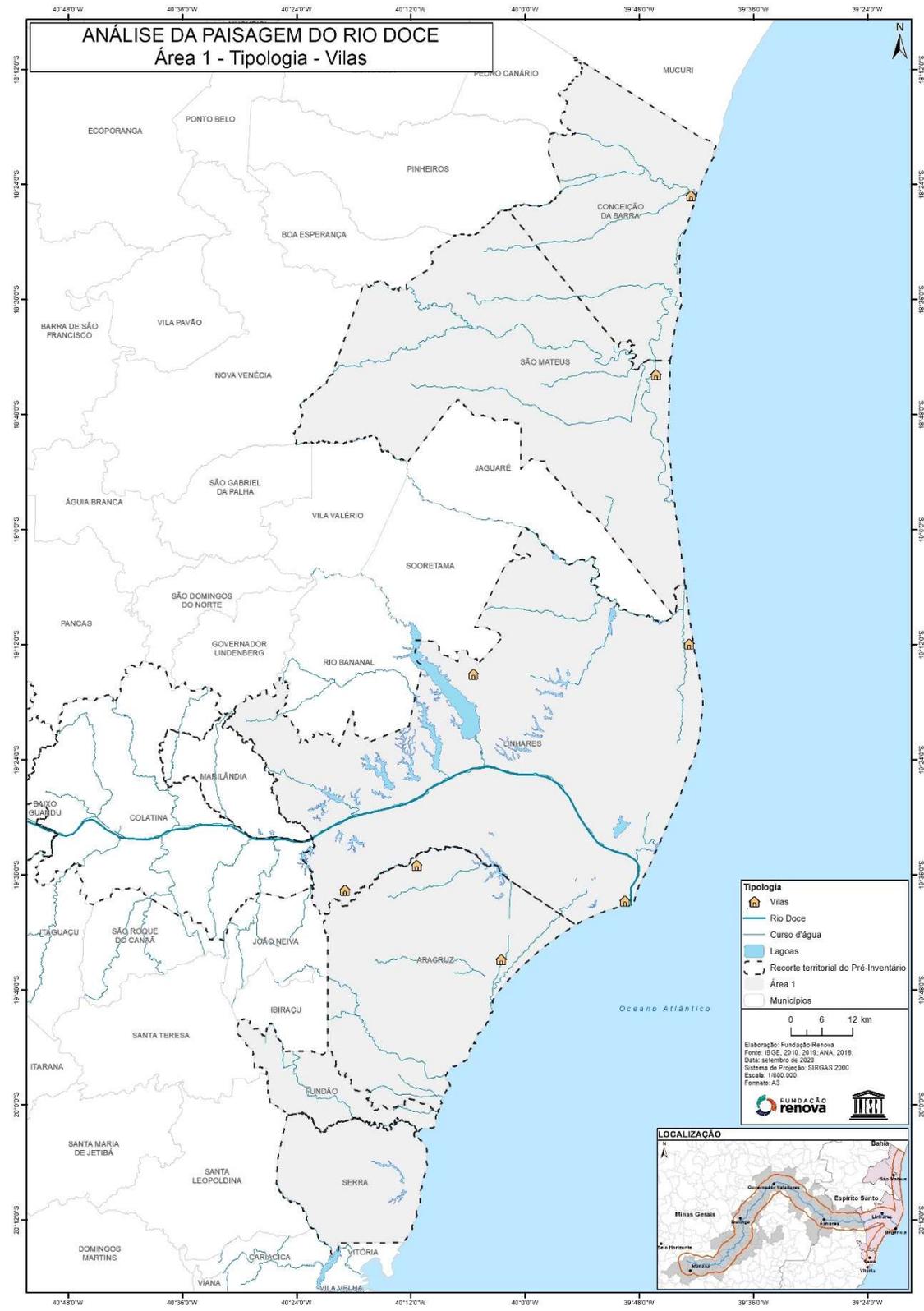
*“entra e volta... O
Mariricu vem e vai
por aqui. A maré
encheu, volta para
trás”*

Vilas

Lugarejos centrais

Da Foz no rio Doce chega-se a Vila em Regência Augusta. As Vilas são caracterizadas como paisagens centrais e de intimidade. A centralidade delas deriva do processo de evolução urbana que se intensificou nos anos de 1990 e da progressiva oferta de bens e serviços nessas localidades. São exemplos destes serviços os supermercados, agências postais, agências bancárias, postos de saúde e escolas. Já o atributo da intimidade é reflexo da população pouco numerosa, condição que favorece a manutenção de redes de solidariedade, vizinhança e parentesco. A intimidade gera, em alguma medida, a coesão do tecido social. Os laços familiares e a convivência social fazem com que as Vilas sejam literalmente o lugar onde *“todo mundo conhece todo mundo”*.

No Litoral Capixaba, as Vilas ocorrem nas sedes de distritos, mas não somente nelas. Como exemplo de paisagens de Vilas pode-se citar a Ilha de Guriri em São Mateus; o distrito de Regência Augusta, na foz do rio Doce, em Linhares; e Itaúnas, em Conceição da Barra.



Nas paisagens de Vilas, as igrejas, associações, praças e estabelecimentos comerciais são lugares de convivência comunitária e de preservação de atividades culturais tradicionais. As Vilas são paisagens de contradição. Percebe-se um saudosismo da simplicidade de outrora, ao mesmo tempo em que se valoriza o progresso simbolizado pelo asfalto, pontes e casas de alvenaria. O rio Doce se conecta fortemente com a paisagem de Vilas em Regência Augusta. Nesta paisagem, a crescente oferta de serviços especializados convive com a forte presença de comunidades de pesca artesanal



Figura 12 - Carnaval de rua na vila de Regência Augusta. Regência Augusta. Linhares/ES, 2020

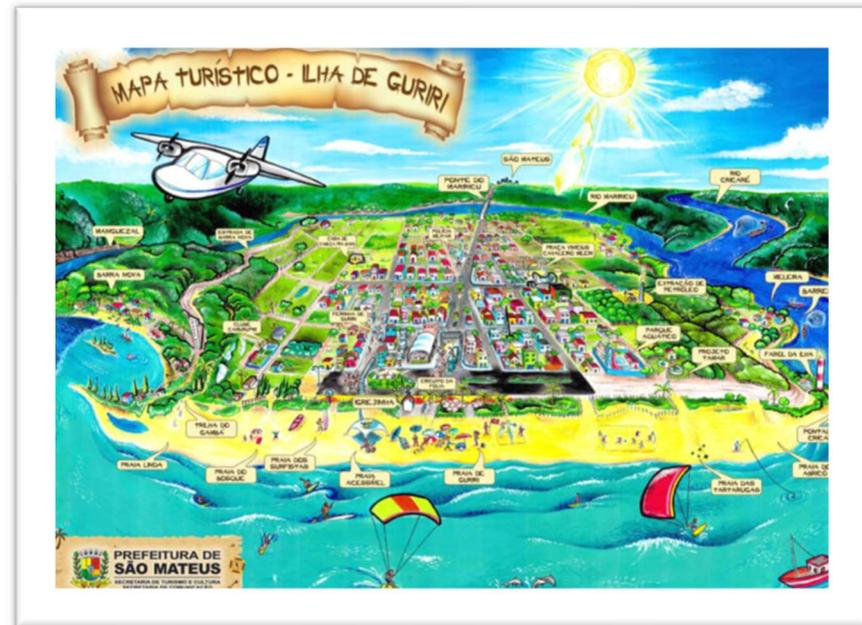


Figura 13 - Mapa Turístico da Ilha de Guriri. São Mateus (ES).



“É muito bonita [a Praça de Itaúnas] eu adoro, vivo bem ali sentada, só olhando para a praça, é linda a praça (...).”

Figura 14 - Evânia do Rosário Conceição. Itaúnas, Conceição da Barra/ES.

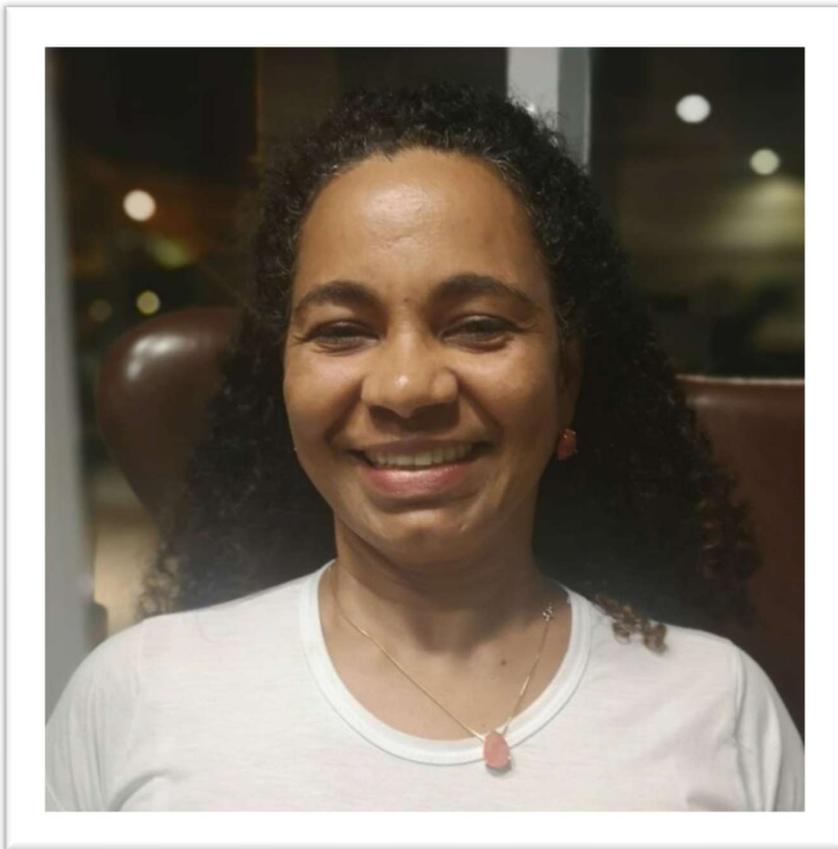


Figura 15 - Luciana Oliveira. Regência Ausgusta, Linhares/ES.

“Regência com as suas ruas de terra batidas, com suas casas ainda de estuque outras é...acompanhando a mudança dos tempos, estão erguendo muros, colocando grades, mas ainda a gente, mesmo assim, mesmo dentro dos muros, as grades, tem pessoas simples que põe não por causa da violência, põe porque é tendência sabe? Mas mesmo assim, a gente ainda consegue saber quem nós somos, nós somos um povo da água, um povo da batida do Congo, nós somos um povo guerreiro porque somos descendentes de índios botocudos que não se dobrou a coroa portuguesa nós somos um povo que consegue pensar em coletividade, então, acho que isso tudo se transforma numa magia que está no ar e quando você chega em Regência é muito difícil você não se deixar contaminar dessa vibração gostosa”



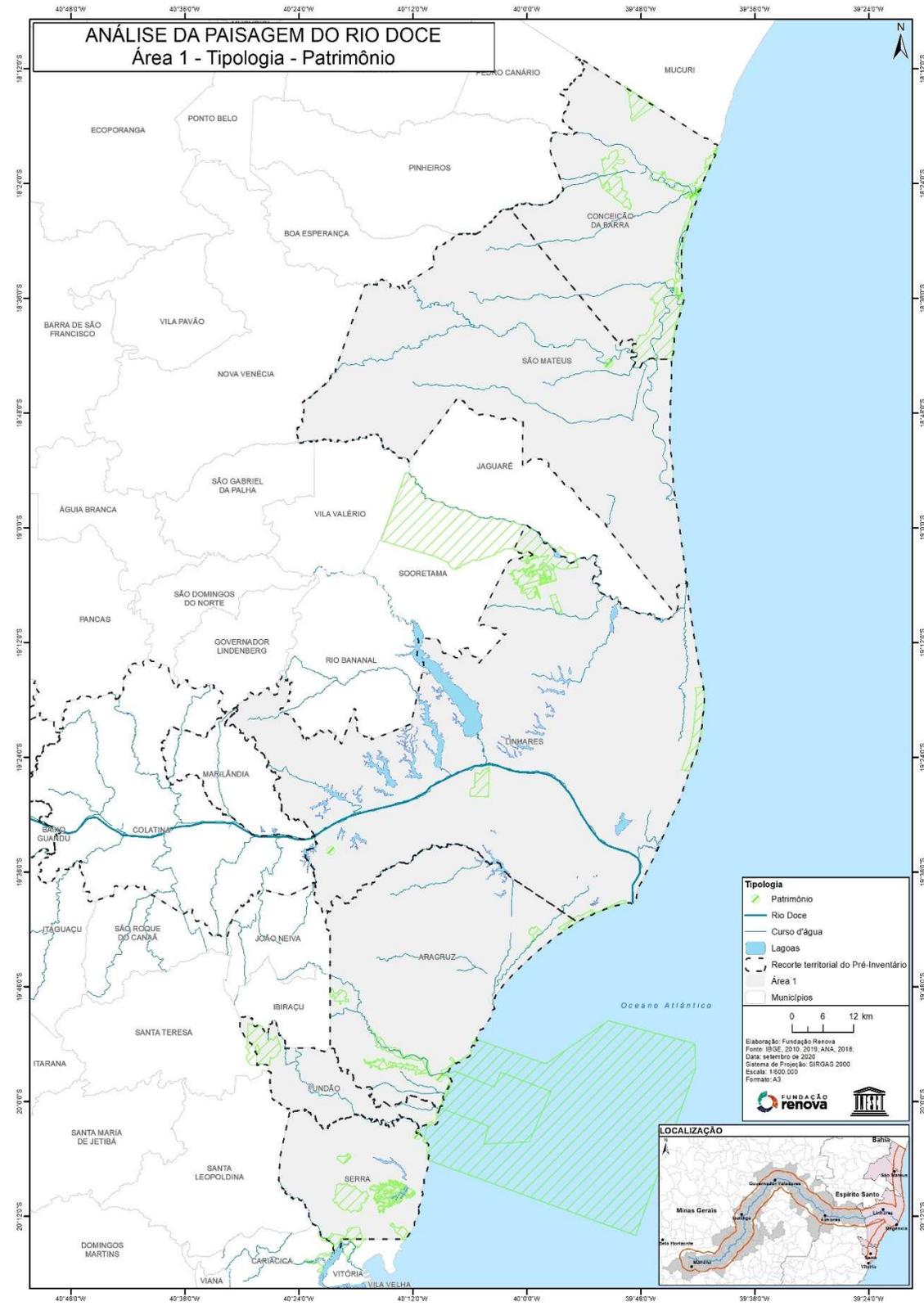
Figura 16 - Praça da vila de Itaúnas. Conceição da Barra/ES, 2020.

Patrimônios

Ícones e memória

As paisagens-Patrimônios ocorrem associadas a elementos materiais e naturais em diferentes tempos históricos. Elas podem ser igrejas, praças e edificações históricas, mas também rios, praias, mangues e matas. O que distingue essas paisagens é a sensibilidade humana. Ou seja, os sentimentos de pessoas e comunidades atribuídos a elas. Sob esse prisma, os elementos associam-se a um tipo de relação icônica que os investe de um significado compartilhado. Paisagens de Patrimônio estão normalmente sobrepostas a outras e, não necessariamente, têm "selo" de patrimônio.

Dentre as paisagens-patrimônio naturais têm destaque o rio São Mateus e as áreas de preservação ambiental como a reserva biológica de Comboios. Dentre as paisagens patrimônio construídas, são icônicas a Igreja Três Reis Magos no distrito de Nova Almeida, em Serra; o Porto de São Mateus; a Praça 22 de Agosto, em Linhares; o Farol de Regência Ausgusta; o Trapiche em Conceição da Barra; e a ponte velha de Linhares.



O rio Doce é considerado uma paisagem-patrimônio. Em toda a área percorrida ele mobiliza afetos e é apropriado em diferentes sentidos e por diferentes grupos sociais. Para as comunidades indígenas e de pescadores artesanais ele é considerado um ente familiar, fonte de trabalho, de lazer e de conexão com a natureza. Para ambientalistas, ele é responsável pela manutenção de um complexo ecossistema fluvial, lacustre e marinho.



Figura 17 - Vista do rio São Mateus, a partir do mirante. Centro de São Mateus/ES, 2020.



Figura 18 - Antigo Farol na Vila de Regência Augusta. Linhares/ES, 2020

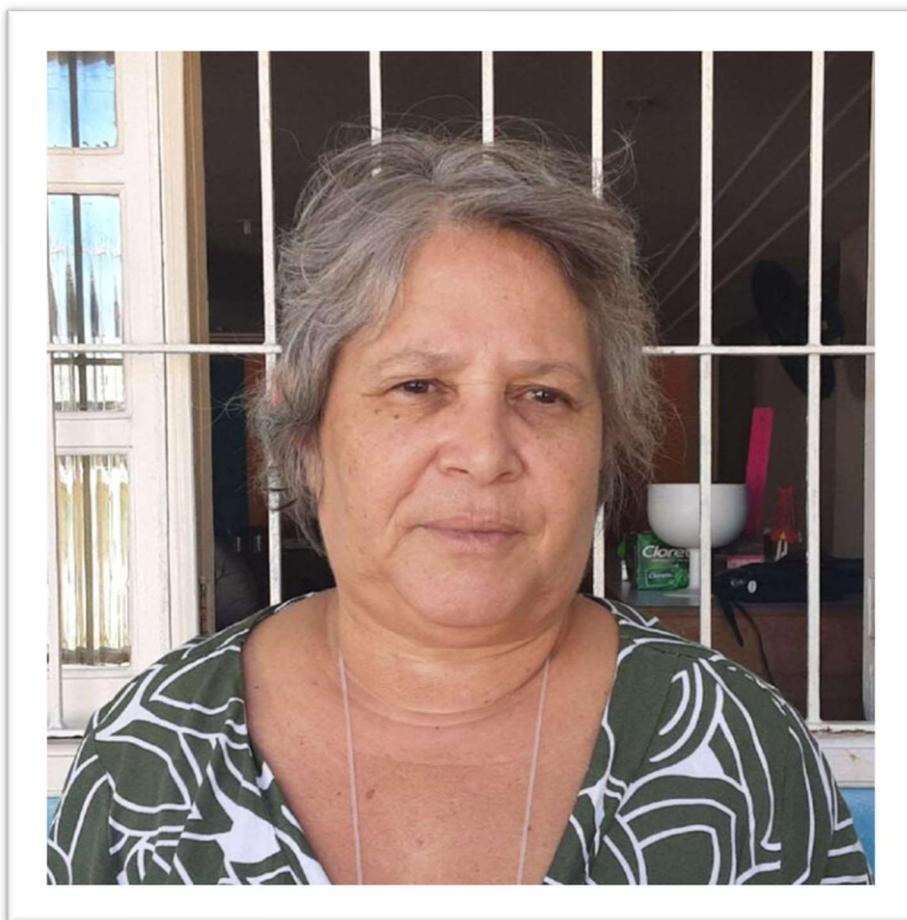


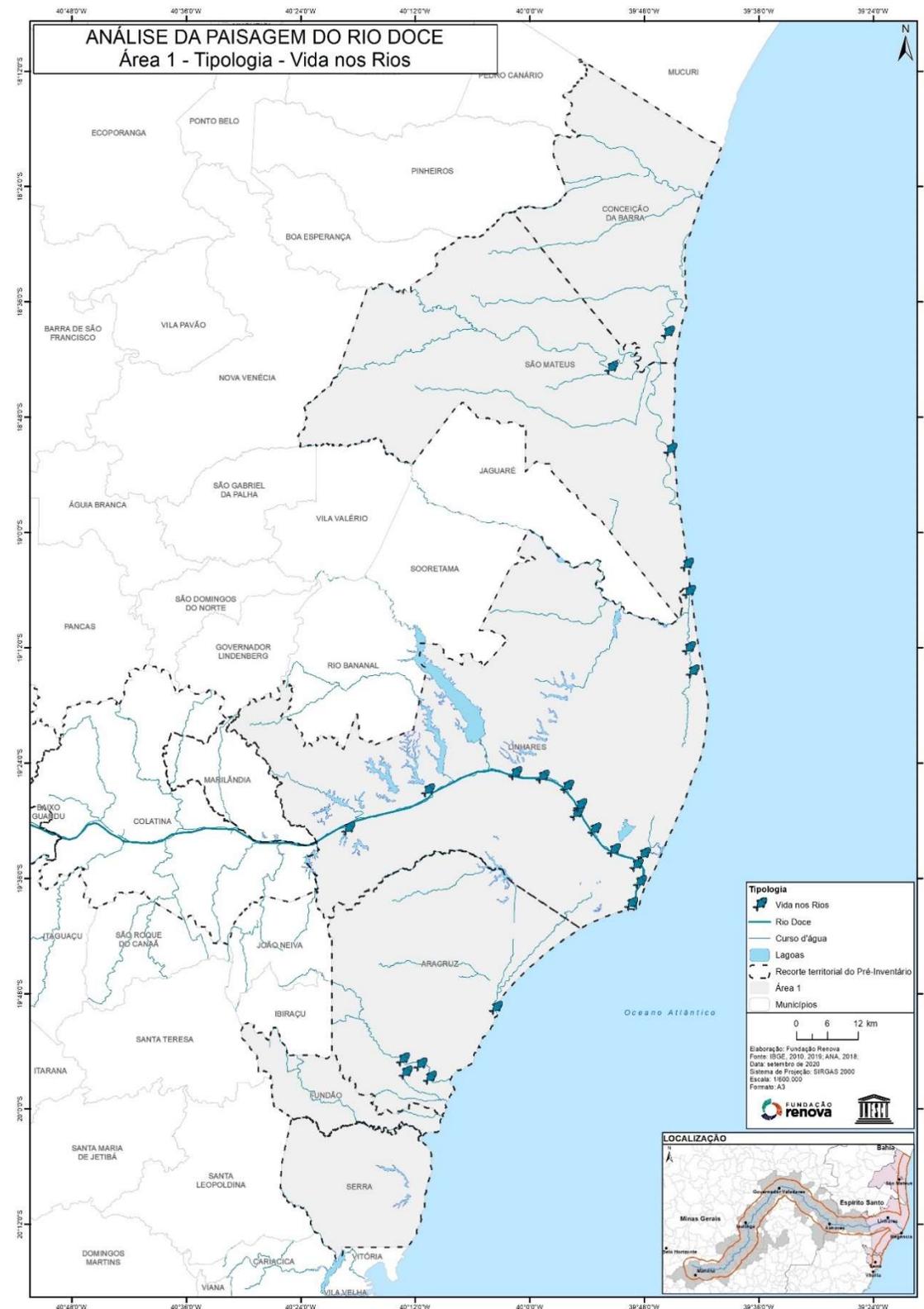
Figura 19 - Georgina Morais. Coqueiral, Aracruz/ES.

“A igreja pequena Santa Cruz, que é de 500 anos, e meus filhos casaram ali naquela igrejinha. Foi fantástico, a coisa mais linda!”

Vida nos rios

A Vida nos Rios, aqui representada pelo próprio rio Doce, pode ser formada por águas doces ou salobras, escuras ou alaranjadas. Nessa paisagem, as águas serpenteiam o território ou seguem retilíneas em leitos comprimidos ou largos, conforme a geografia de cada território. Por vezes essas paisagens têm águas sem pressa, com correntezas demoradas e silenciosas que, no começo do século XIX, conotavam mistério. Por outras, têm águas que avançam de forma veloz e ruidosa. Na região de estudo essas paisagens abrigam uma vegetação relativamente conservada. Nela, vidas animais e humanas constroem e mantêm seus modos de vida, identidade e imaginário.

Tamanha é a importância dos rios, que a maioria da população residente está domiciliada a uma distância de até 5km dos principais cursos d'água da região. A paisagem Vida nos Rios pode ocorrer em contextos rurais e urbanos. A Vida nos Rios no Doce foi interdita após a chegada da lama de rejeitos em 2015. O desastre evidenciou a conexão direta desta paisagem com a presença histórica da paisagem de Indústrias em Minas Gerais, no Alto rio Doce.



A Vida nos Rios, outrora animada por esportistas, pequenos agricultores, turistas, e pescadores artesanais, assistiu à desestruturação de um ofício que impactou famílias e gerações de pescadores e ribeirinhos. Mais do que um trabalho, a Vida nos Rios no rio Doce criou e cria referências para ver, ser e estar no mundo.



Figura 20 - Navigation sur un bras du Rio Doce. Fonte: Maximillian Wied-Neuwied, 1822.



Figura 21 - Leito do rio doce próximo à foz. Fonte: Acervo Fundação Renova, 2018.

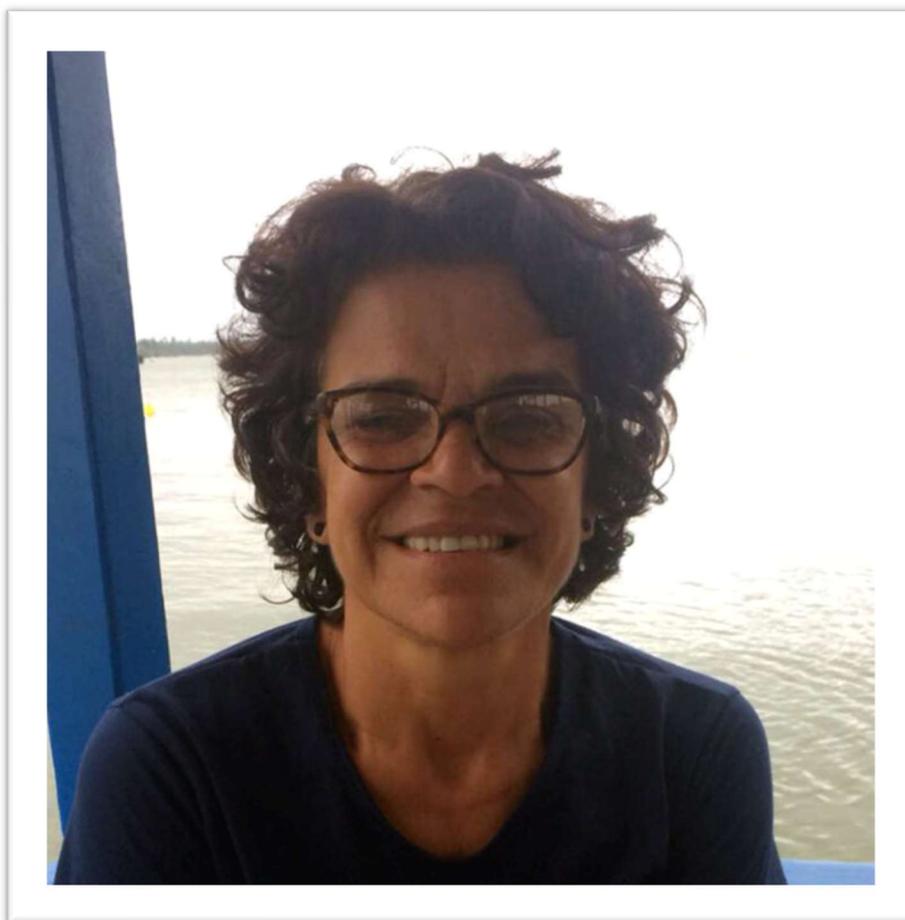
“Incitou-me ele, muitas vezes, a não prosseguir minha viagem, e me apresentou sob as cores mais sombrias a região deserta que eu ia percorrer; sobretudo não se cansava de prevenir-me contra a insalubridade das margens do rio Doce: ‘Ó rio Doce é um inferno’, tais foram as expressões que utilizou ao falar-me desse rio. Mas todas essas falas não faziam arrefecer minha curiosidade.”

Trecho de livro. Fonte: SAINT HILLAIRE, 1974[1834].



Figura 22 - Pedro Ribeiro Clarindo. Nativo, São Mateus/ES.

“(...) geralmente, a maioria mexia com pesca. Pesca, caça de caranguejo, entendeu? Alguns... só que todo pescador, ele também é um pequeno agricultor, né, porque o cara não come um peixe sem farinha, o cara não almoça sem um feijão, sem um arroz, então, todo pequeno... todo pescador ele também é um produtor, de qualquer forma... entendeu?”



“o rio é vida né? Ele é abrigo, ele é vida, ele é ponte de um lado pra outro”

Figura 23 - Flávia Cristina de Jesus Loyola. Santa Cruz, Aracruz/ES.



Figura 24 - Maria da Conceição dos Santos e família. Santa Cruz, Aracruz/ES.

“Eu só não pesco agora porque tá proibido, mas na hora que a pesca tiver aberta eu vou pra beira do rio, nem que seja pra ficar lá olhando pra água. Eu vou”

*“Cricaré significa... é... para os índios né?
Kiri-Karé, rio dorminhoco, rio preguiçoso e o
rio corre tranquilo e esse rio toda vida veio com
a calma que existe, né”?*

Salomão da Silva Pinto, 54 anos

“O rio Doce é um ente familiar”

Carlos Sangália. Vila de Regência Augusta, Linhares/ES.

Nos períodos de seca, o nível de água do rio diminui a ponto de deixar aparente bancos de areia. Roças, animais e comunidades que dependem da água do rio ficam em situação de insegurança hídrica. Nas chuvas intensas, casas e cultivos são destruídos, estradas são interditadas e pessoas têm que deixar suas casas.



Figura 25 - Via de terra no município de Linhares. Linhares/ ES,2020.



*“...mas hoje o mel
diminuiu muito, você
não vê mais uma
abelha, ainda não se
explica o por que...”*

Simone de Jesus. Degredo, Linhares/ES.



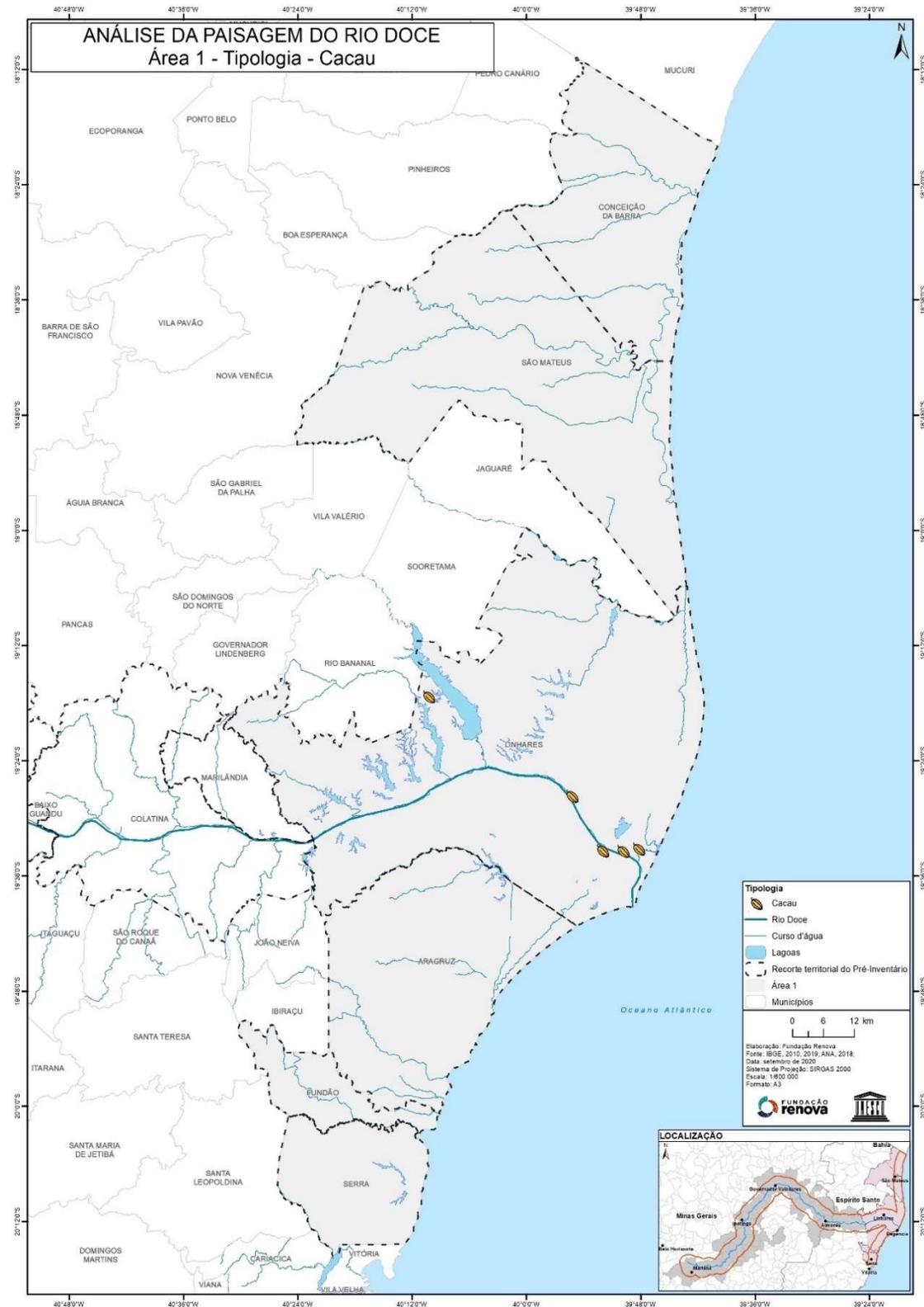
Figura 26 - Gilvan Francesbilho dos Santos. São Mateus, ES

“Tá acabando e não é pouco não, tá! Muita! Está acabando, isso está... tem lugares que você passa que antigamente era uma floresta, hoje em dia você não vê nada, antigamente era uma lagoa, era um lago, você vê seco, entendeu? Isso aí é nítido. Isso aí está acabando e muito e não é pouco não. Se nós não tomarmos providências a tendência eu acho que é acabar mais e mais ainda”.

Cacau

Da paisagem Vida nos Rios vê-se o Cacau. As paisagens do Cacau são caracterizadas pelas cabruças, plantações localizadas no sub-bosque da mata nativa, e por monoculturas. O rio Doce tem uma relação com a paisagem Cacau que remete ao começo do século XX, quando essa cultura se instala nas margens alagáveis e em ilhas fluviais do rio. Desde essa época se configura a paisagem Cacau. Ela surge às margens do rio Doce, mas após a recessão gerada pela vassoura de bruxa, essa paisagem se reorganiza na forma, no espaço e na relação com a mão de obra.

A partir de 2010, o Cacau passa a ocorrer no interior do município de Linhares. Novas formas de produção e técnicas de melhoramento genético são implementadas. A paisagem Cacau tem uma importância política e econômica tão significativa em Linhares, que as amêndoas de cacau estão representadas na bandeira do município. Nas margens do Doce, devido à demanda por sombra, o Cacau teve um papel ecológico decisivo na preservação de outro tipo de paisagem que resiste no território: as Matas.



Em 2015, quando ocorreu o rompimento da barragem do Fundão em Mariana, o rejeito da mineração que desceu pelo rio Doce perturbou as paisagens de Cacau nas margens e em ilhas fluviais do rio Doce.



Figura 27 - Cabruca. Cacau plantado no sub-bosque de floresta de Mata Atlântica. Povoação, Linhares/ES, 2020



Figura 28 - Selo de indicação de procedência do cacau produzido em Linhares. Fonte: www.cacau.com.br



Figura 29 - Bandeira do município de Linhares/ES.



Figura 30 - Simeão Barbosa dos Santos. Povoação, Linhares/ES.

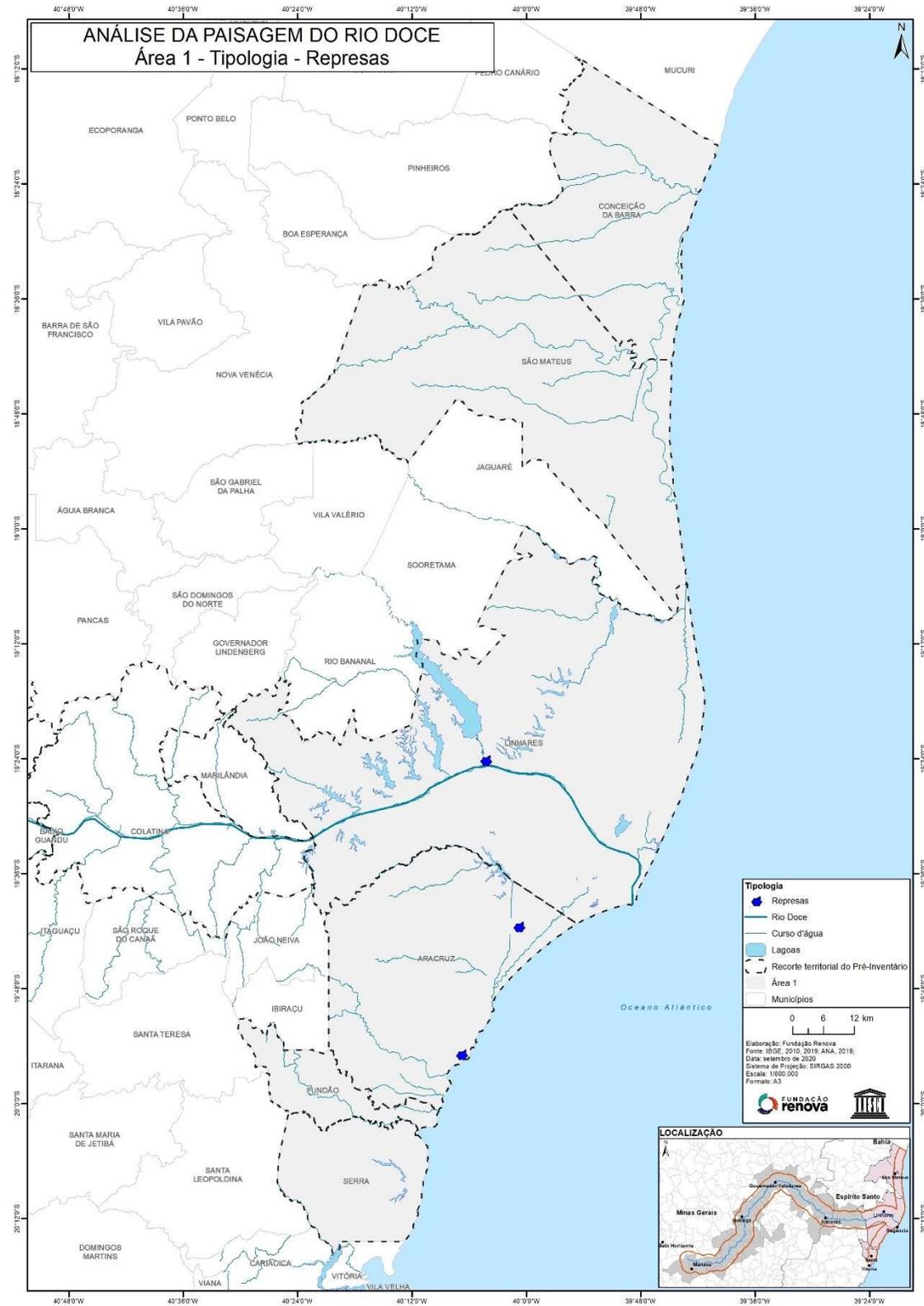
“É, eu tinha uns pés de cacau, eu tinha um cacau novo assim, matou tudo, a lama cobriu tudo, que aquela lama não é igual enchente comum. A enchente comum ela dobra em cima do pé de cacau e o cacau brota de novo, ela não, dobrava em cima do pé de cacau e virava aquele tijolo em cima, virava igual como se fosse um concreto, aí se acabaram tudo”

Represas

Águas cercadas

Ao se conectar à paisagem de Represas, o rio Doce verte para o sul do território. As Represas são paisagens construídas na quais há barragens ou canais que retêm ou desviam cursos d'água para o abastecimento residencial, agrícola, industrial ou para a produção de energia. São paisagens que também podem surgir para fins de controle ambiental, como é o caso da paisagem configurada pelo barramento do rio Pequeno em Linhares/ES. As Represas são paisagens polêmicas e impõem a marca humana na alteração da dinâmica dos rios. Na região percorrida elas têm dimensões e formatos diferentes e abastecem indústrias ou produtores rurais em sítios e fazendas. Elas ocorrem em zonas rurais e urbanas e estão associadas `a atividades de lazer e de pesca.

As Represas se conectam ao curso do rio Doce em dois momentos: na altura do canal Caboclo Bernardo e próximo a Linhares, na altura do rio Pequeno.



O canal Caboclo Bernardo transpõe a água do rio Doce para a barragem de Vertedouro, em Aracruz, e abastece a produção industrial de celulose da Fibria. O rio Pequeno liga o rio Doce à Lagoa Juparanã na altura do município de Linhares. Quando houve o rompimento da barragem de Fundão, o barramento no rio Pequeno foi construído para evitar que o rejeito tóxico contaminasse as águas da lagoa Juparanã.



*Figura 31 - Barragem do Vertedouro. Represa conhecida como “Lagoa Azul”, localizada no município de Aracruz/ES.
Fonte: Prefeitura Municipal de Aracruz, 2017.*



Figura 32 - Segunda etapa do processo de descomissionamento do barramento do rio Pequeno, em Linhares/ES. Fonte: Acervo Fundação Renova, 2020.



Figura 33 - Canal Caboclo Bernardo. Imediações do Assentamento Egídio Bruneto - Linhares/ES. 2020

Não obstante a importância das Matas para as vidas e cultivos que se organizam no território do Doce, o ciclo predatório da madeira entre 1940 e 1960 suprimiu grande parte dessa paisagem na região de estudo. Com a retração das paisagens de Matas, o território se transforma no que diz respeito ao uso do solo e abre-se espaço para o crescimento da agropecuária e da silvicultura. A partir dos anos de 1960 configura-se e reproduz-se na região a paisagens de Pastagens.

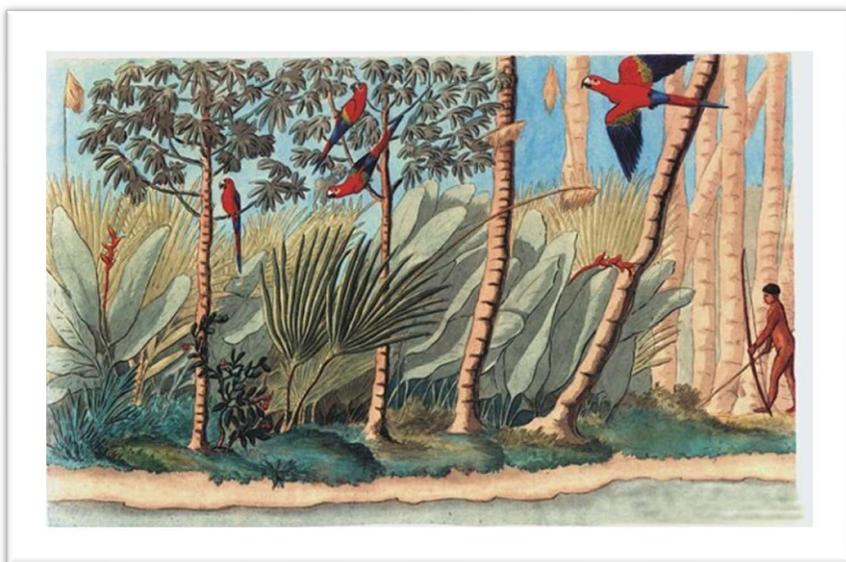


Figura 34 - Gravura da região atravessada pelo rio Doce
Fonte: Príncipe Maximilian Wied Neuwied, 1815.



Figura 35 - Navigation sur un bras du Rio Doce. Fonte: Maximilien Wied-Neuwied, 1822. Disponível em: <https://www.brasilianaiconografica.art.br>



*“Ah, as árvores.
Acabaram com essa
paisagem bonita, as
árvores...”*

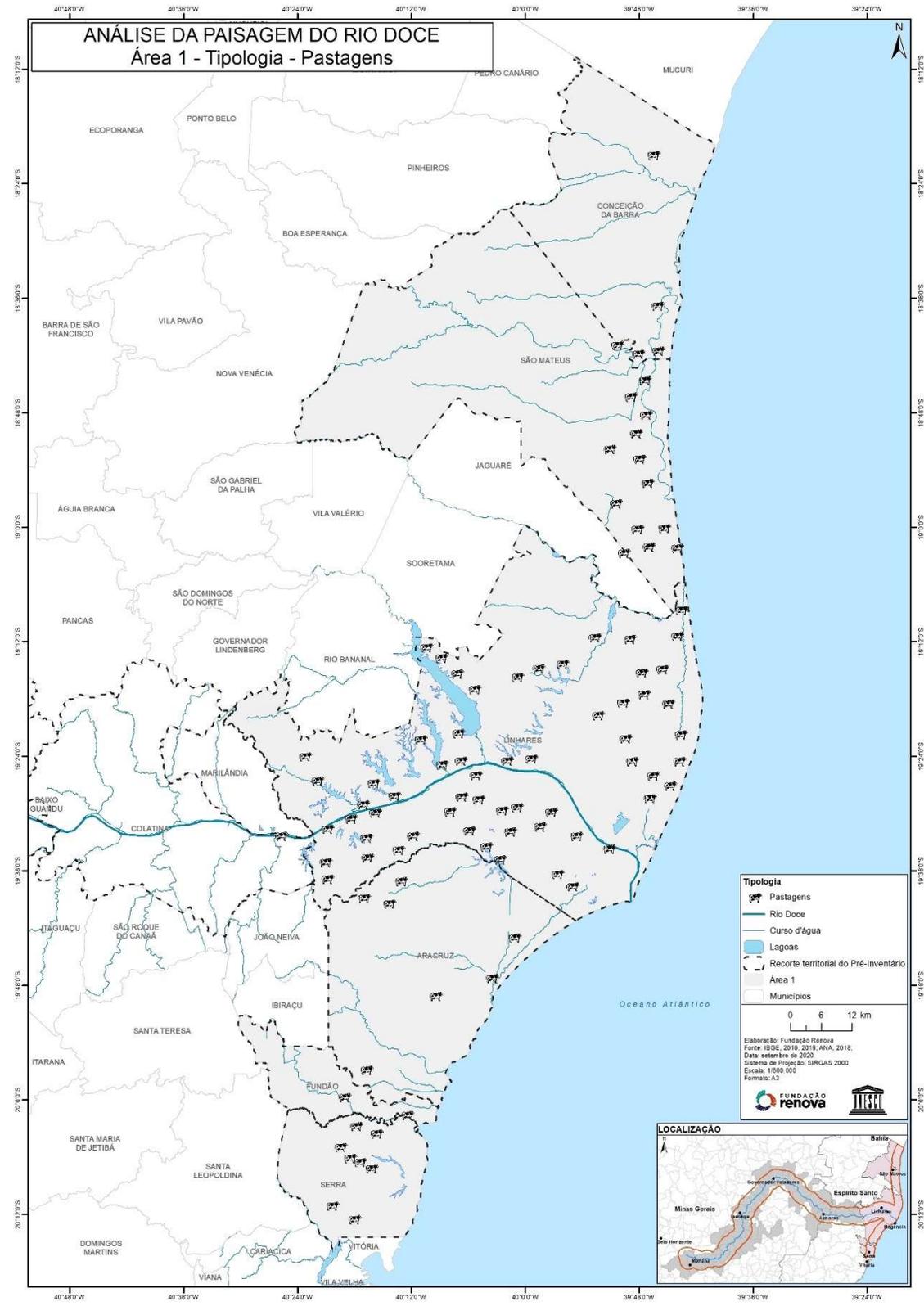
Figura 36 - Elenir Rodrigues. Barra do Riacho. Aracruz/ES.

Pastagens

As criações

As Pastagens são constituídas por grandes áreas e são paisagens relativamente recentes. Elas se sobrepõem a áreas desmatadas e originalmente ocupadas por Mata Atlântica ou a áreas outrora ocupadas por cultivos de cacau ou café. No primeiro plano das paisagens de Pastagens, observa-se um horizonte colorido por capim e a pouca incidência de árvores e outros elementos além dos animais, cercas, cochos e currais. Presentes em planícies e na região montanhosa, elas geram no observador uma sensação de amplitude e monotonia.

Dois aspectos marcantes dessas paisagens são o silêncio e a presença de poucos trabalhadores. Pastagens é a paisagem que ocorre com maior frequência na área da Foz e no Litoral Capixaba. A elas se sobrepõem às paisagens de Indústrias, Alagáveis e Terras Altas. As Pastagens da área percorrida são majoritariamente voltadas à criação de gado leiteiro e de corte. Elas se relacionam com o rio Doce quando estão próximas das suas margens.





*“...ah, eu só vejo boi.
É, ué... quintal, como
é que fala? É...
Fazenda né? Curral,
eu só vejo isso...”*

*Figura 37 - Léia dos Santos Silva. Vila de Regência Augusta.
Linhares/ES.*

“em 2010, mais ou menos, começaram a fazer pasto. Não tinha. Foi chegando os outros moradores (...) foram chegando e foram comprando, daí foram fazendo. Mas não tinha”

Maria da Conceição dos Santos. São Mateus/ES, 2020.

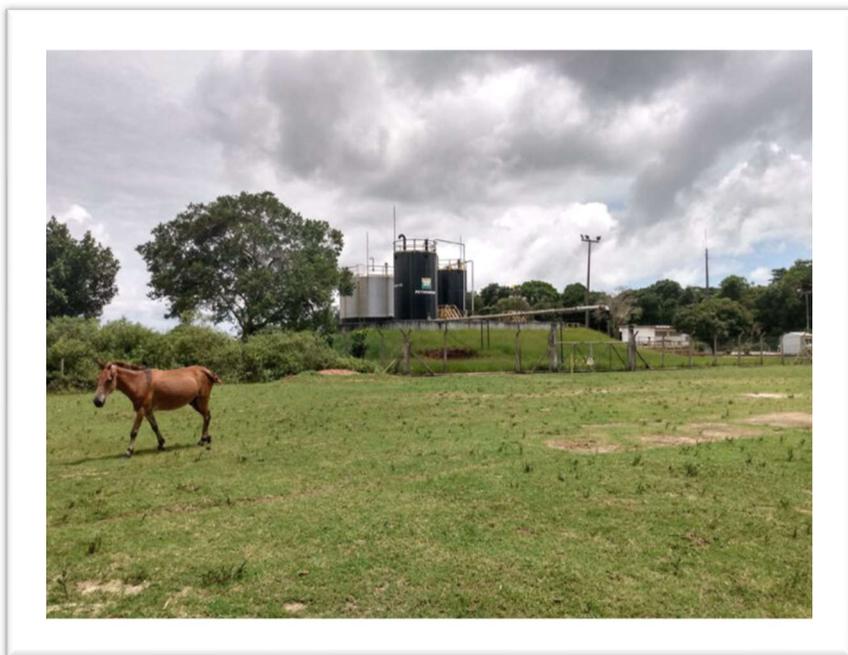


Figura 38 - Paisagem de pastagem com sobreposição de área de gasoduto. São Mateus/ES, 2020.

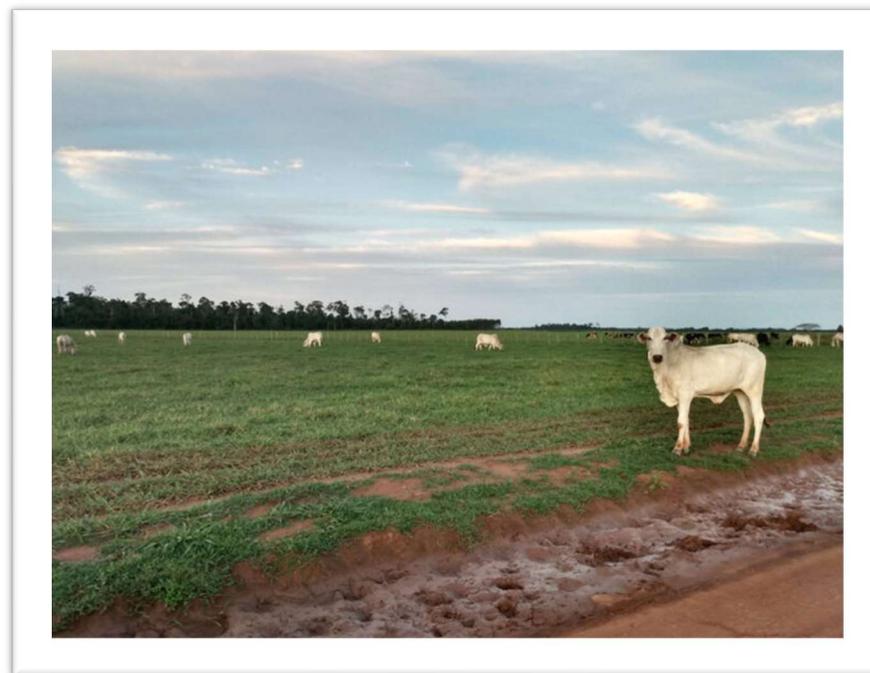
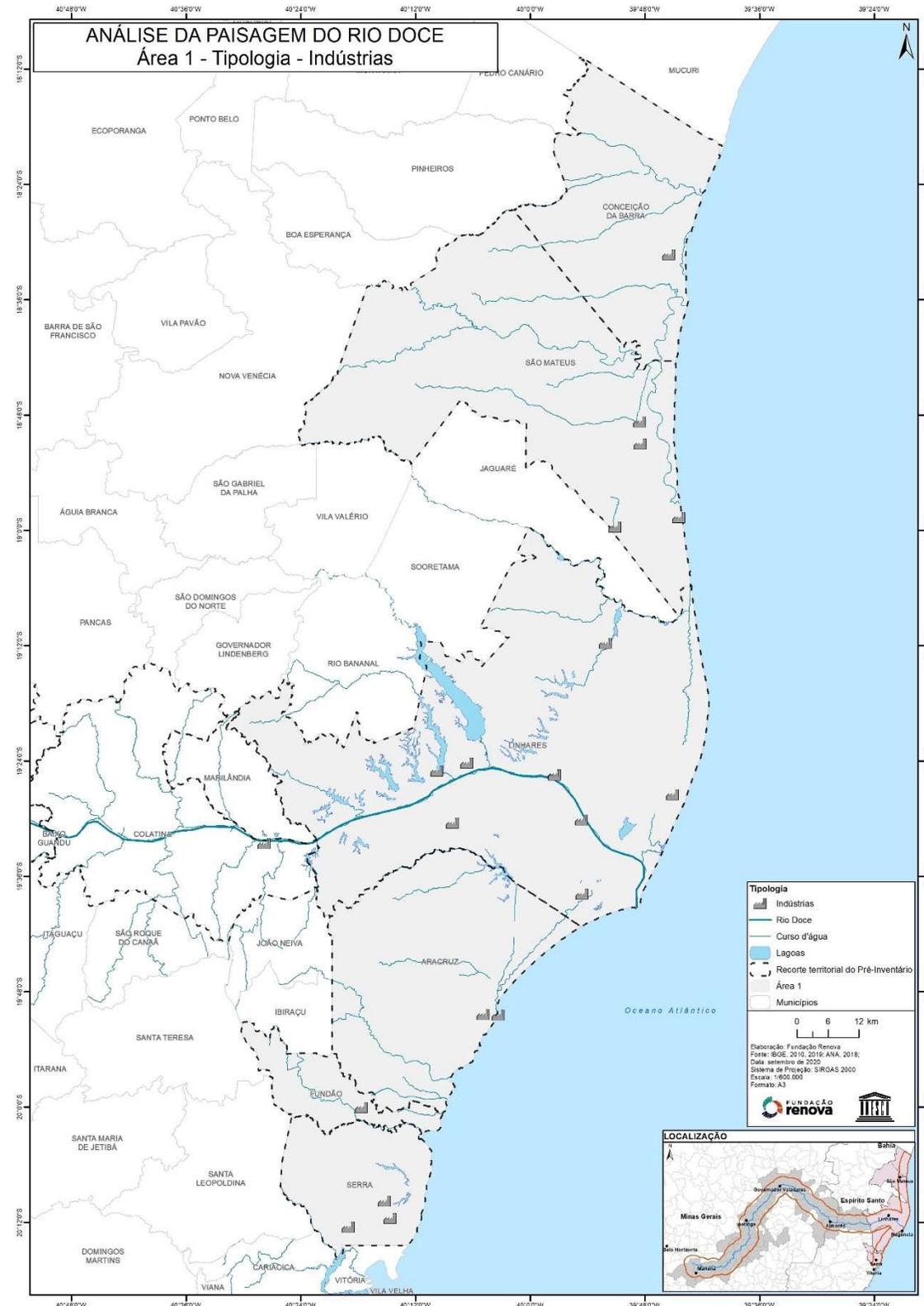


Figura 39 - Pastagem próxima à localidade de Jacupemba, na zona rural de Linhares. Janeiro, 2020.

Indústrias

As Indústrias são paisagens que se impõem no território. Ora podem ser vistas e têm estrutura pequena, ora estão entre muros e são gigantescas. Podem ser de alta ou baixa tecnologia e conotam o domínio sobre a natureza, o progresso e o crescimento econômico. Mobilizam a força de trabalho qualificada de centros urbanos da região e geram renda para o setor de comércio, construção civil e serviços locais. Extratoras de areia, gasodutos, estaleiros, plantas de extração de gás natural, fábricas de celulose e indústrias moveleiras são atividades que caracterizam as Indústrias no litoral do Espírito Santo e na foz do rio Doce.

Nessas paisagens, o tempo e o espaço produtivo contrastam com o tempo-espaço vivido e percebido pelas comunidades vizinhas a essa paisagem. Muitas comunidades locais nem sabem o que é produzido nas fábricas. A relação do rio Doce com as paisagens de Indústrias se dá de várias formas. Até antes do rompimento da barragem de Mariana em 2015, operavam nele indústrias de extração de areia para a construção civil.



Pelo seu leito atravessa o gasoduto que sai da Unidade de Tratamento de Gás em Cacimbas (UTGC) rumo às instalações da Vale em Vitória. Próximo à foz é possível ver sinalizadores dos dutos que atravessam o leito do rio. Desde meados dos anos de 1980, as empresas do setor petrolífero estão presentes na baixada litorânea do rio Doce. Os mosaicos de paisagens Indústrias e Pastagens e Indústrias e Eucalipto se sobrepõem constantemente no litoral ao norte e ao sul do rio Doce.

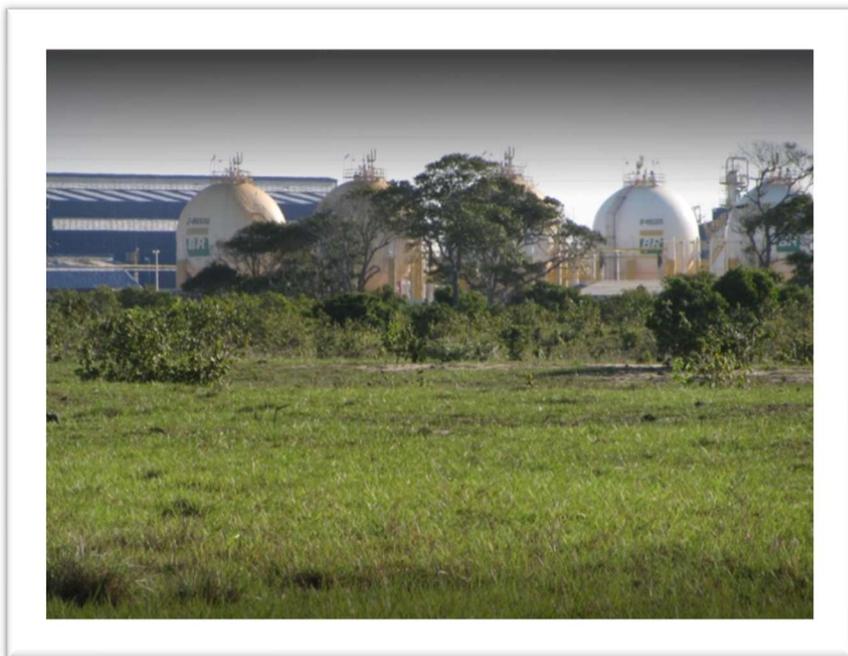
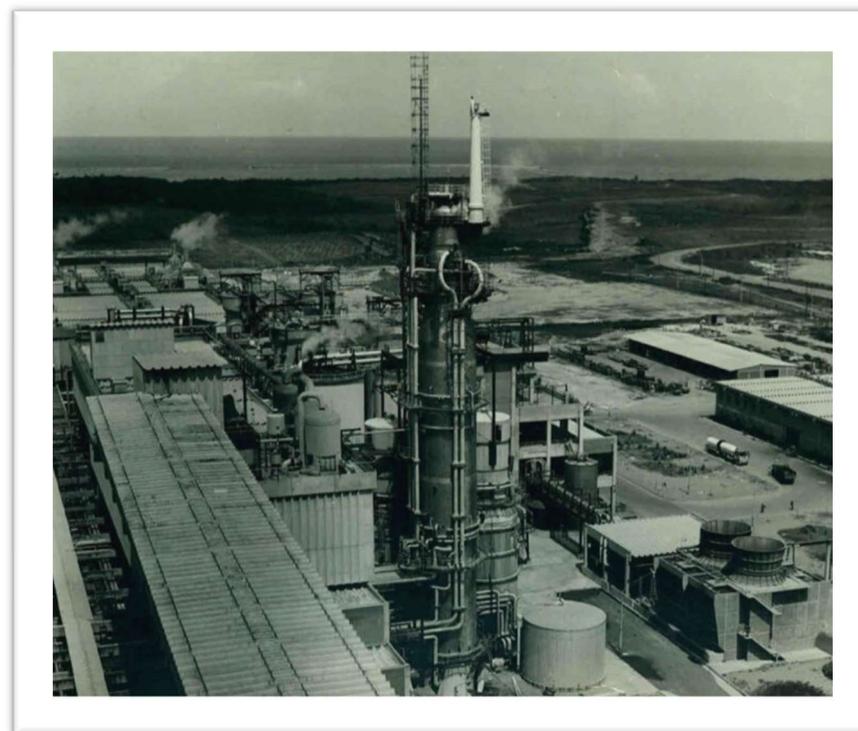


Figura 40 - Usina de Tratamento de Gás Cacimbas (UTGC), em Cacimbas. Linhares/ ES, 2020.



*Figura 41 - Fábrica da Aracruz Celulose em Aracruz/ES. Década 1970.
Fonte: Acervo IBGE.*

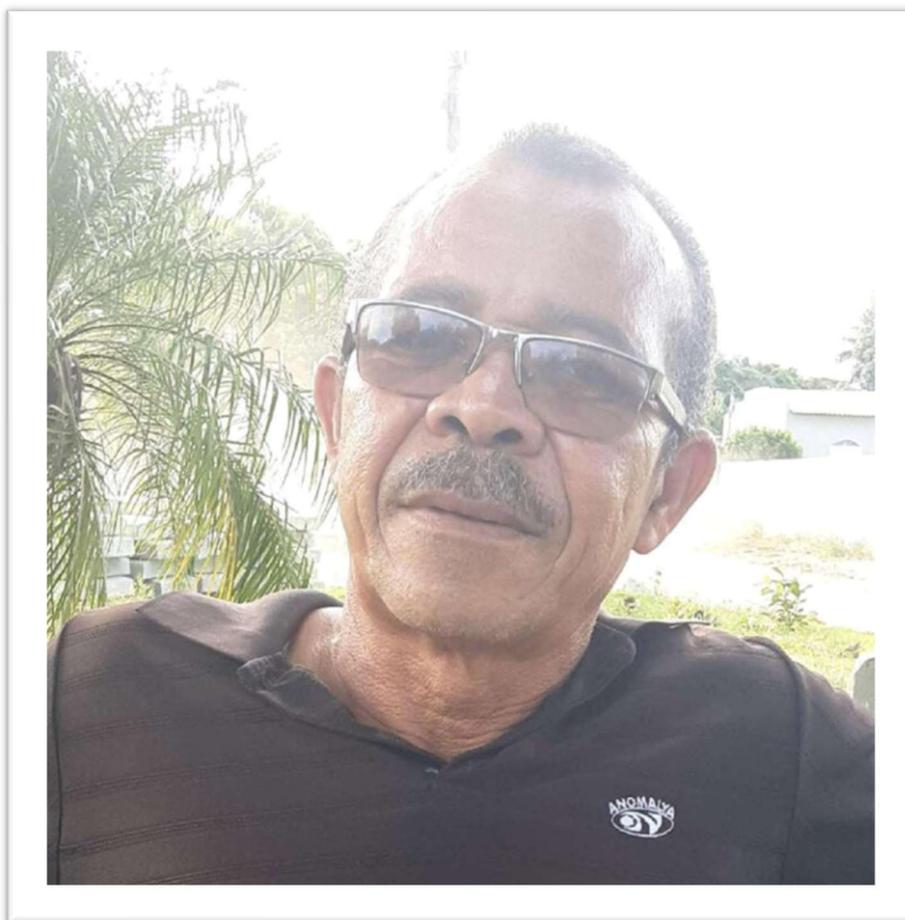


Figura 42 - Sebastião da Assunção. Serra/ES.

“Porque eles não vêm conversar, simplesmente, vão chegando e se instalando de qualquer jeito aí e acabou. Nosso povo é um povo que não tem cultura e tal, não tem conhecimento, aí eles vão chegando e fazendo de qualquer jeito. (...), mas para nós não há novidade, que ela vai conseguir se instalar, vai, só que vai encontrar um embargo que nós vamos estar brigando, nós vamos. Mas nós sabemos do nosso tamanho né? Nós sabemos, ela é uma empresa multinacional, então é difícil, é difícil”

Roças

O íntimo e a subsistência

As paisagens de Roças são construídas por grupos sociais com o objetivo de prover subsistência e sustento. Elas são marcadas pela agricultura diversificada, pela criação de animais para consumo e pelos ciclos do plantar e colher. São paisagens ligadas ao ambiente rural, a pequenas propriedades e ao trabalho familiar. Por isso mesmo estão associadas a um modo de vida que é considerado duro, mas que proporciona um pedaço de chão onde se constrói dignidade e do qual se tem orgulho.

Os elementos que caracterizam essas paisagens são estradas de acesso não pavimentadas, a sensação de segurança e a relação de conexão com a natureza. As Roças ocorrem em comunidades rurais das regiões montanhosas do município de Linhares e em comunidades tradicionais. O rio Doce tem uma conexão forte com as paisagens de Roças, pois suas margens e ilhas naturalmente irrigadas favoreceram a fixação dessa paisagem aí.

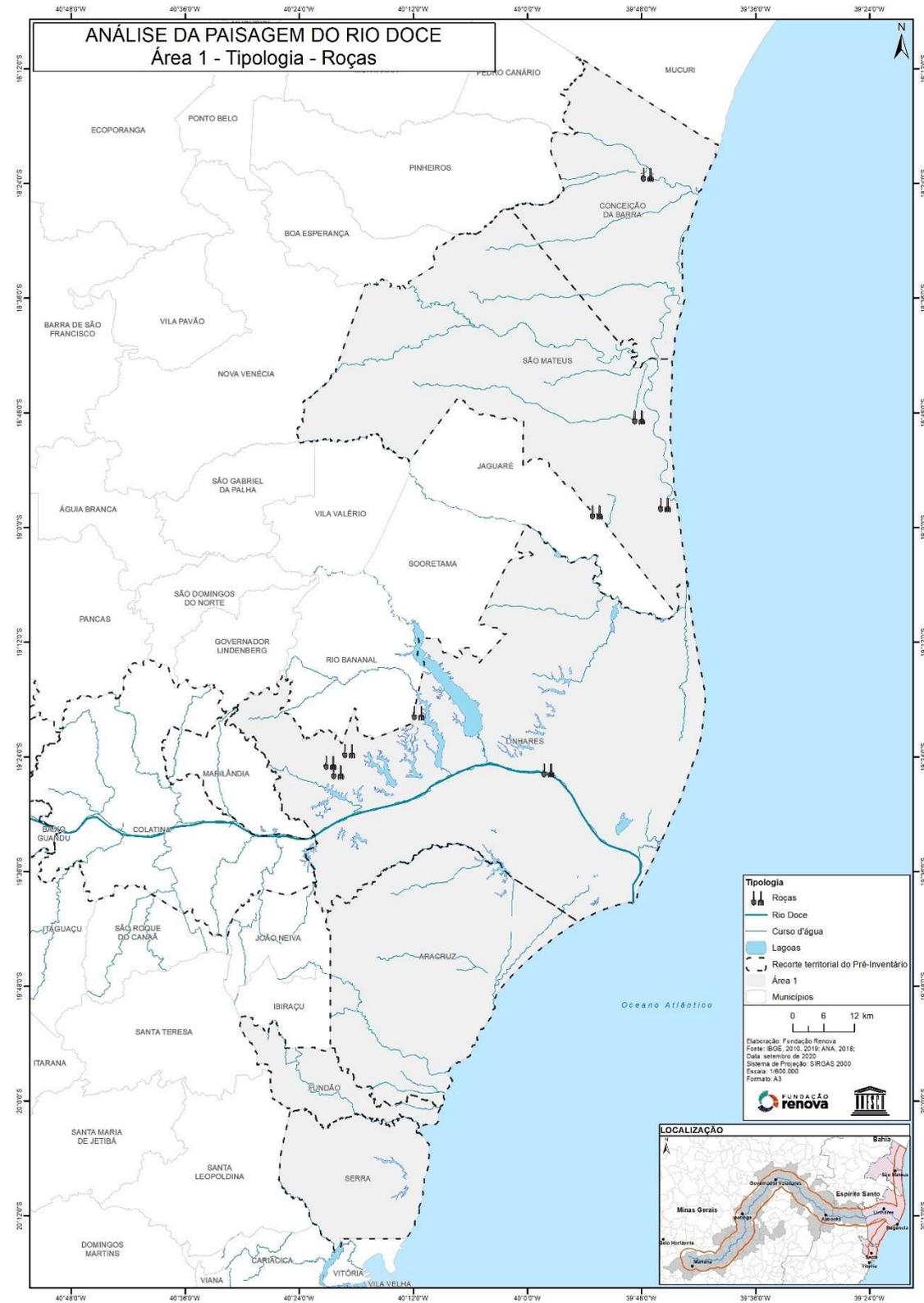




Figura 43 - Maria Aparecida. Conceição da Barra/ES.

“Menina, é uma vida assim muito batalhadeira né? A gente tem que batalhar muito para adquirir as coisas, mas é um lugar bom de sobreviver”

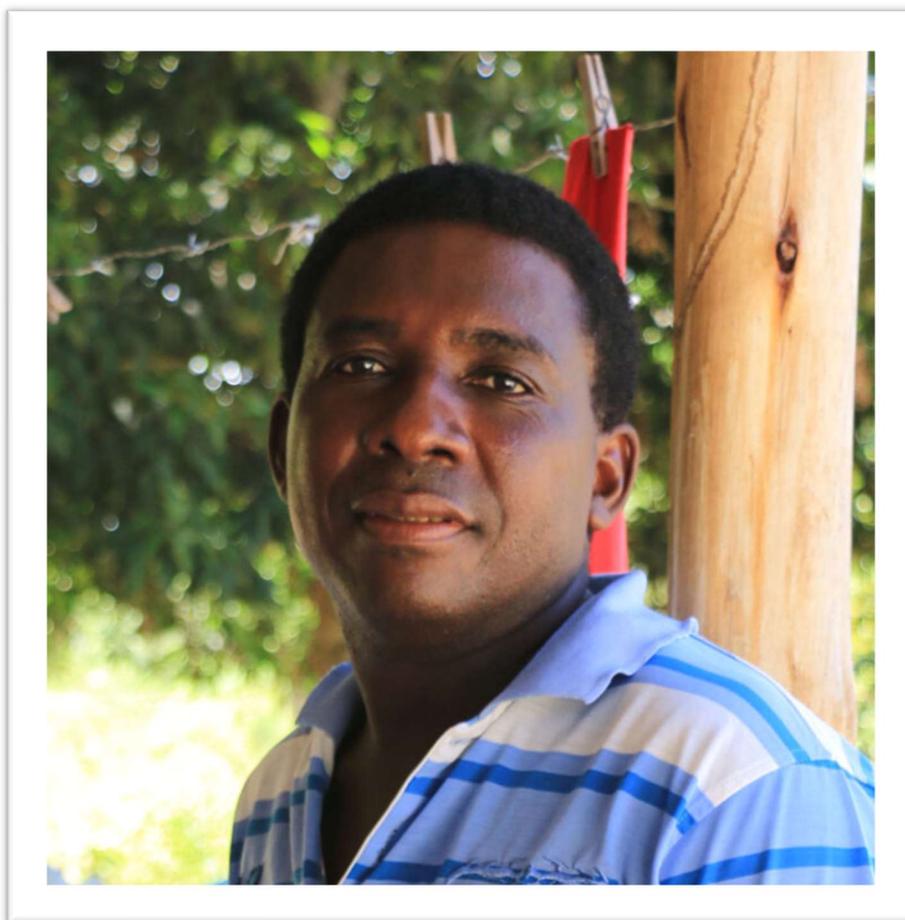


Figura 44 - Mauro Cesar dos Santos. Conceição da Barra/ES.

“É que às vezes Deus está na roça e na cidade, mas eu acho que na roça tem mais uma facilidade de criar os filhos do que na rua. A realidade da violência, né?”



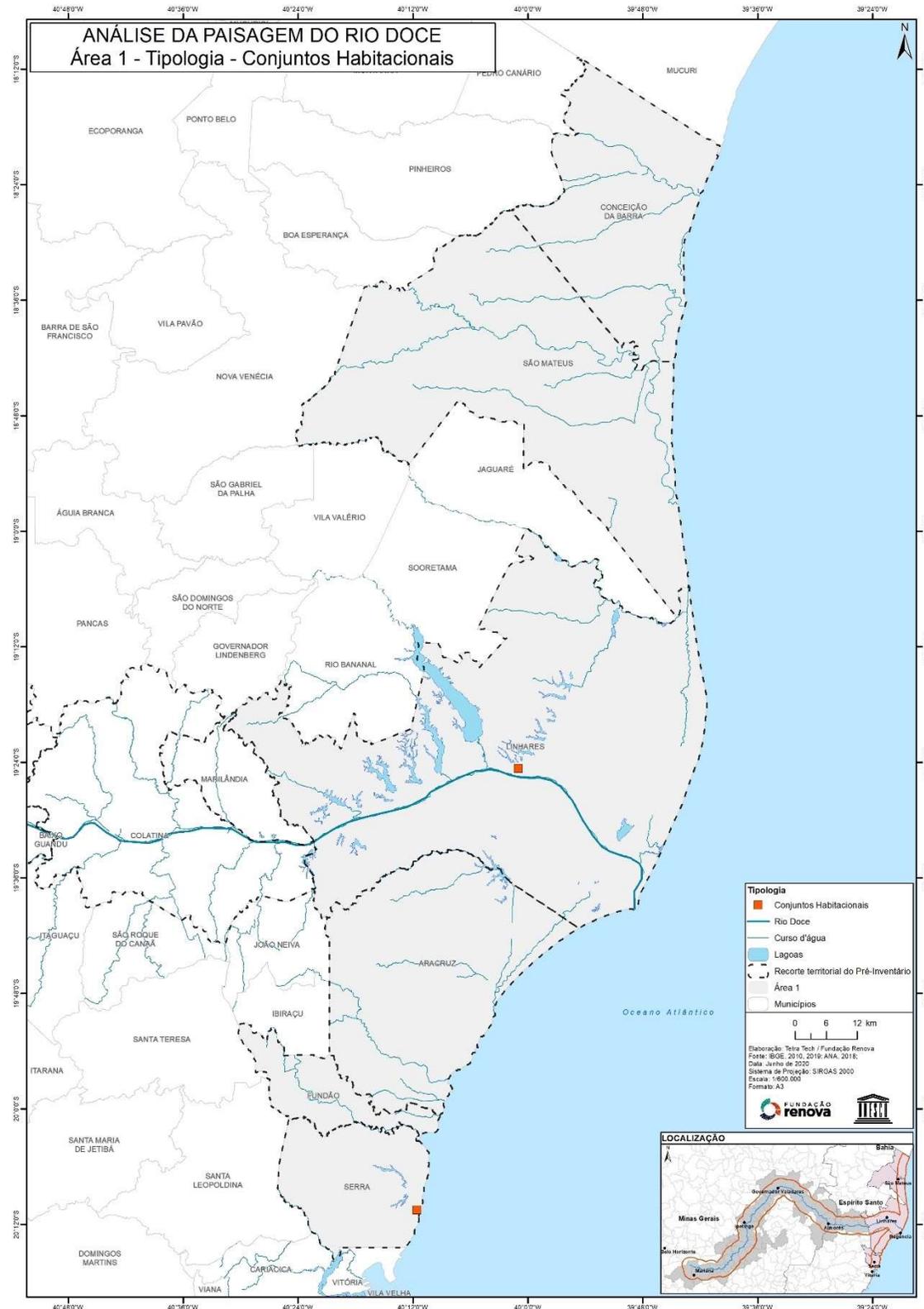
Figura 45 - Propriedade da família de Maria Glicéria Turíbio em Palmitinho. São Mateus/ES, 2020.

Conjuntos habitacionais

Moradias como direito

Os Conjuntos Habitacionais são paisagens que refletem o crescimento urbano acelerado, a desigualdade social e a operacionalização de políticas de acesso à moradia popular. Trata-se de paisagens recentes e que surgem no espaço urbano do território percorrido em meados dos anos 2000. Quando observadas de longe, elas chamam atenção pelas construções padronizadas e sem muros.

Localizadas em zonas periurbanas de expansão da cidade, são paisagens relativamente afastadas de serviços públicos essenciais como escolas, postos de saúde e linhas de transporte. Nos Conjuntos Habitacionais residem trabalhadores majoritariamente empregados no setor de serviços, comércio e indústria e aposentados de baixa renda.



Observa-se a existência de pequenos comércios tocados por moradores locais, bem como uma sociabilidade particular: grupos de idosos reunidos em pequenos grupos; crianças brincando nas ruas; animais transitando livres entre os lotes e pelas vias. Presente em áreas periféricas do centro de Linhares e Barra do Riacho, os Conjuntos Habitacionais também estão associados ao descaso do poder público e à violência. No município de Linhares, o rio Doce se conecta a esta paisagem pela proximidade física e pelo imaginário popular que apropria o rio nos nomes dos conjuntos residenciais.



Figura 46 - Conjunto Habitacional Rio Doce inaugurado em 2018. Linhares/ES.

Café

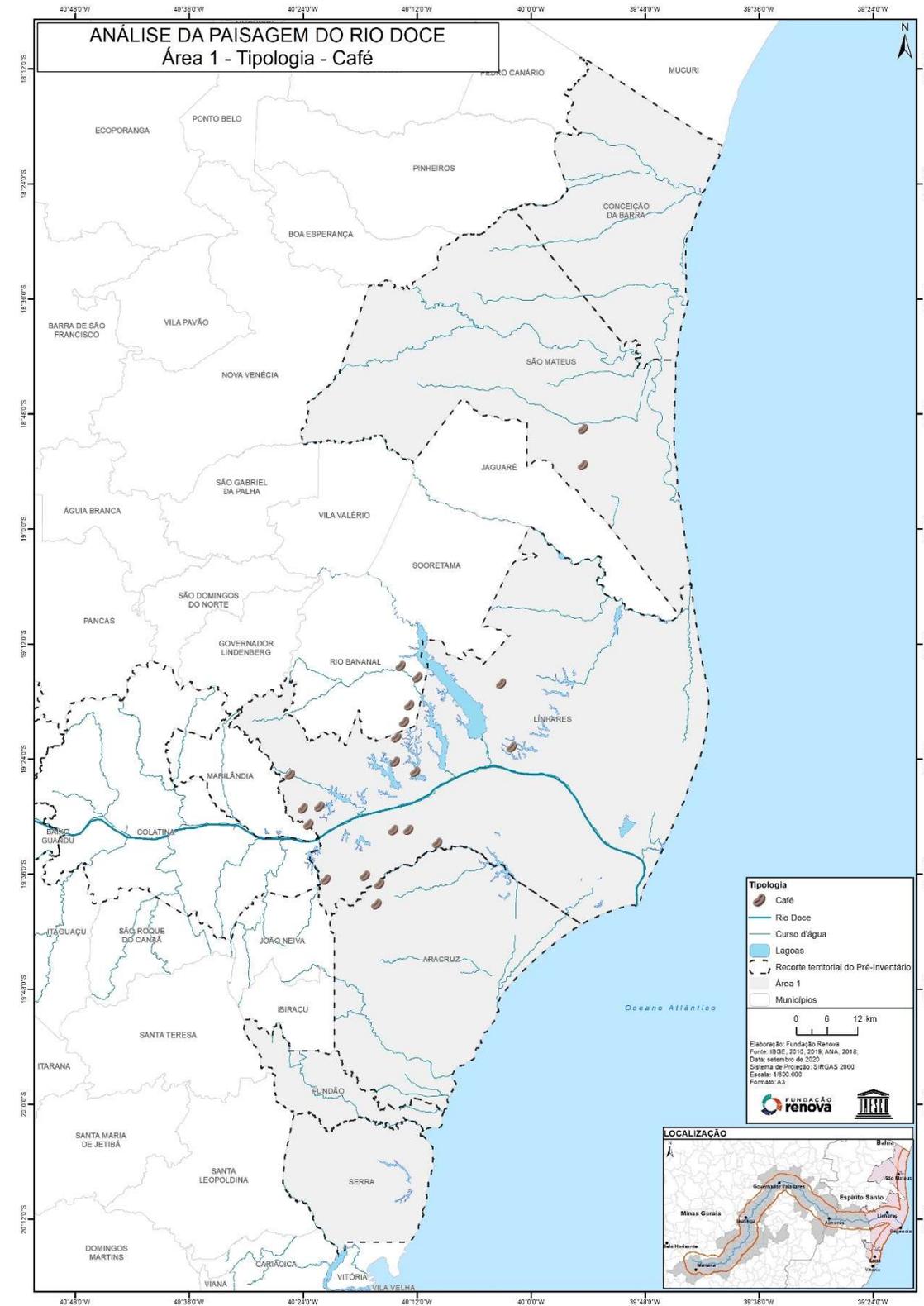
O verde e o vermelho

A exploração do rio Doce e a interiorização da ocupação da bacia no século XIX abriram os caminhos para as Paisagens de Café na região. O café é uma cultura agrícola importante para a economia local. Ele é o elemento que marca a Paisagem Café que, por sua vez, acumula tempos e processos socioeconômicos estruturantes da história do Brasil.

Trata-se de uma paisagem que remete à escravidão, a presença da população negra na região e à imigração alemã e italiana para o Espírito Santo no começo do século XX. Ela ocorre com frequência nas áreas montanhosas e de temperaturas mais baixas.

Nesta paisagem, fileiras homogêneas de cor verde escuro e aspersores de irrigação preenchem os morros até onde a vista alcança. Observa-se na paisagem Café o predomínio do regime de trabalho de meeiros e da mão de obra familiar.

A ocorrência desta paisagem está associada à subtração da Mata Atlântica nativa e à poluição hídrica pelo uso de agrotóxicos.



No território percorrido, a paisagem Café vinha perdendo espaço para a expansão das paisagens de Pastagens e de paisagens de Eucalipto. No entanto, desde os anos 2000, políticas públicas do Estado reanimaram o setor. Investiu-se na mecanização e em técnicas de manejo e beneficiamento e, hoje, Linhares, no Baixo Doce, é o terceiro maior produtor de café do Brasil. A relação de Café com o rio Doce se dá nos trânsitos de pessoas, bens e serviços gerados a partir dele.



Figura 47 - Monocultura de café em área montanhosa. Linhares/ES, 2020.



Figura 48 - Cláudia Martins Rigonis. Conceição da Barra/ES.

“aonde meu pai mora, que tem a fazenda, não sei se vocês já ouviram falar, é a antiga fazenda do Barão do Tibuí. Vocês já ouviram falar? (...) tinha as ruínas, né? Então antes do meu pai, tinham outros fazendeiros que foi depois do Barão do Tibuí, entendeu? Então era tudo... Tinha café da época dos escravos ainda quando o pai do meu pai, que é meu avô, comprou. Tinha café da época dos escravos, tinha os engenhos de casa de farinha”

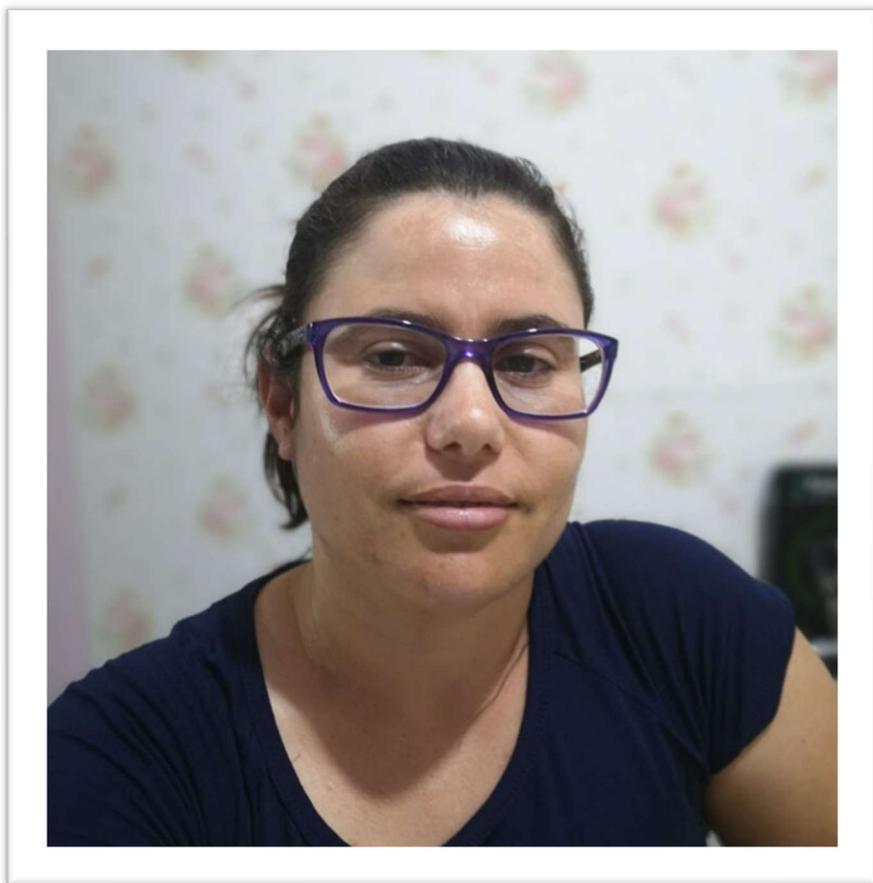


Figura 49 - Flávia Onorato. São Rafael, Linhares/ES.

“eu não sei te dizer se é água limpa da cachoeira ou se é água poluída. Porque devido os plantios de café, né? Café e a pecuária que o rio corta né, antes de chegar na cachoeira, ele passa nessas localidades né? Então quando chove, se tem agrotóxico na lavoura eu acho que vem na água né? Então não tem aquela preservação como deveria ser né?”

Lagoas

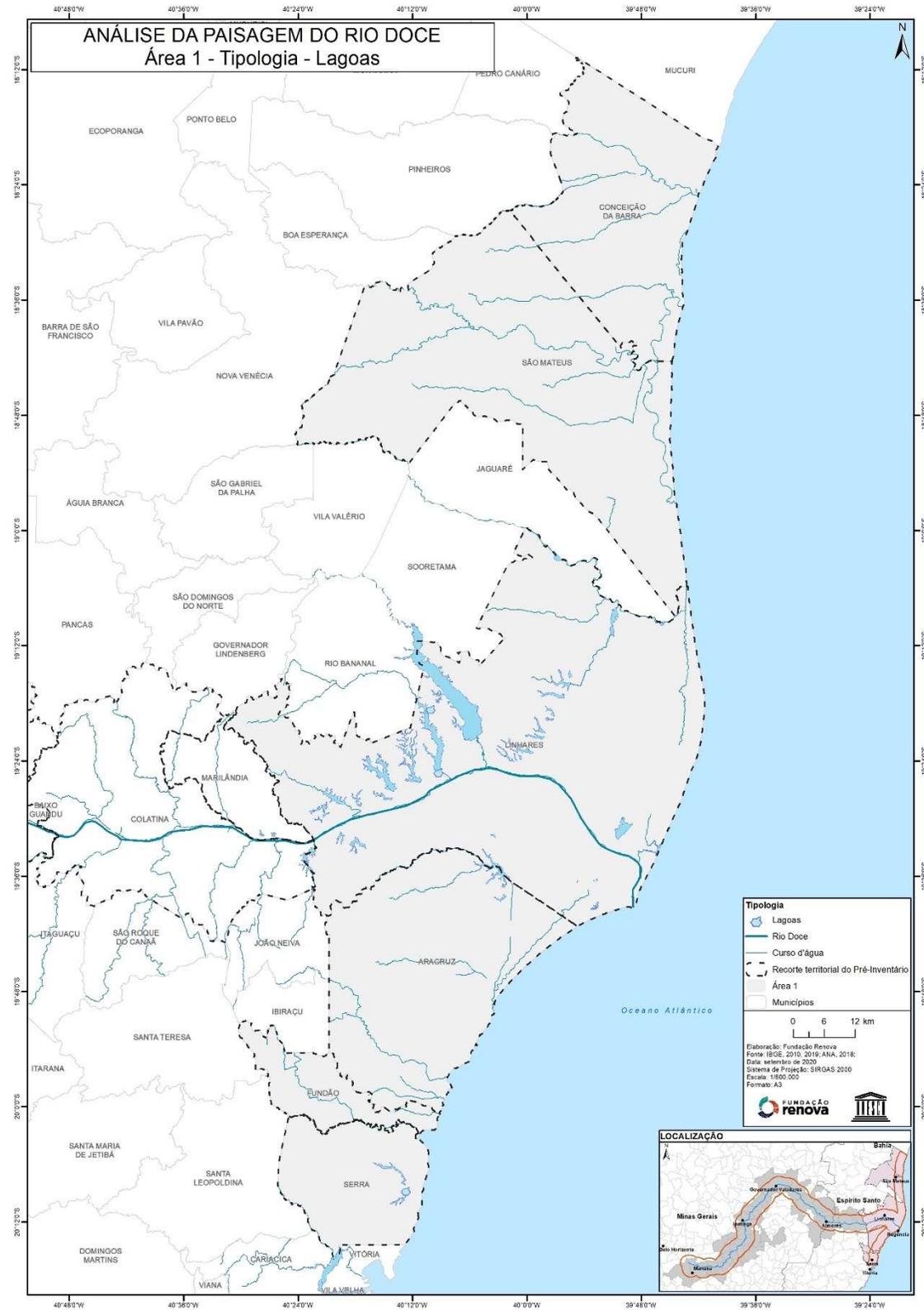
Águas interiores e internas

As Lagoas são mares interiores de água. São paisagens marcadas pelo protagonismo das lagoas, por ilhas e pelos usos múltiplos associados a suas águas, praias, fauna e beleza cênica. As maiores lagoas da região se formaram em uma escala de tempo geológica. Elas têm sua origem ligada à presença de planícies litorâneas mal drenadas e de baixa declividade.

As Lagoas têm águas mais calmas do que os mares e os rios e formam espelhos d'água emoldurados. Elas são importantes para a cultura dos povos indígenas. Juparanã significa "mar de água doce" na língua Tupi.

No Brasil Império, Dom Pedro II destacou a beleza de Juparanã. As paisagens de Lagoas são importantes para o turismo. Elas podem ser paisagens de conflito e de degradação ambiental quando seus recursos naturais são disputados, privatizados ou impactados.

As Lagoas do território estão conectadas às paisagens de Praias, Vida nos Rios, Cultivos Agrícolas e Florestais, Vidas nos Mangues e Vidas Quilombolas.



A paisagem de Lagoas que ocorre no Baixo Doce se conecta ao rio Doce sobretudo em eventos de cheias. Nesse período há troca de água, animais e matéria orgânica entre esses corpos hídricos. Em 2015, com o rompimento da barragem de Fundão, a construção da barragem no rio Pequeno interrompeu a conexão do rio Doce com a Lagoa Juparanã e provocou alterações socioambientais nesta paisagem.



Figura 50 - Lagoa Juparanã, Linhares/ES. Meados de 1940. Fonte: Acervo IBGE.

“Gostei muito de estar assentado na ribanceira de pedra do lado da barreira da margem esquerda da lagoa...Havia no cimo da ilha um bom barracão, coberto de sapé e outros dois menores. Há uma ilha pequena, entre a margem direita da lagoa e a ilha da pedreira, com que se comunica com um istmozinho de Terra.”

Declaração do Imperador D. Pedro II em 1860. Fonte: Acervo histórico.



Figura 51 - Elber Tesch. Linhares/ES.

“(...) nós temos a Lagoa de Juparanã que é a maior do Brasil em volume de água. Nós temos a Lagoa das Palmas que é a maior do Brasil em profundidade, nós temos a Lagoa Nova que tem um gênero de peixe endêmico, só existe nela, então nós temos coisas assim...”

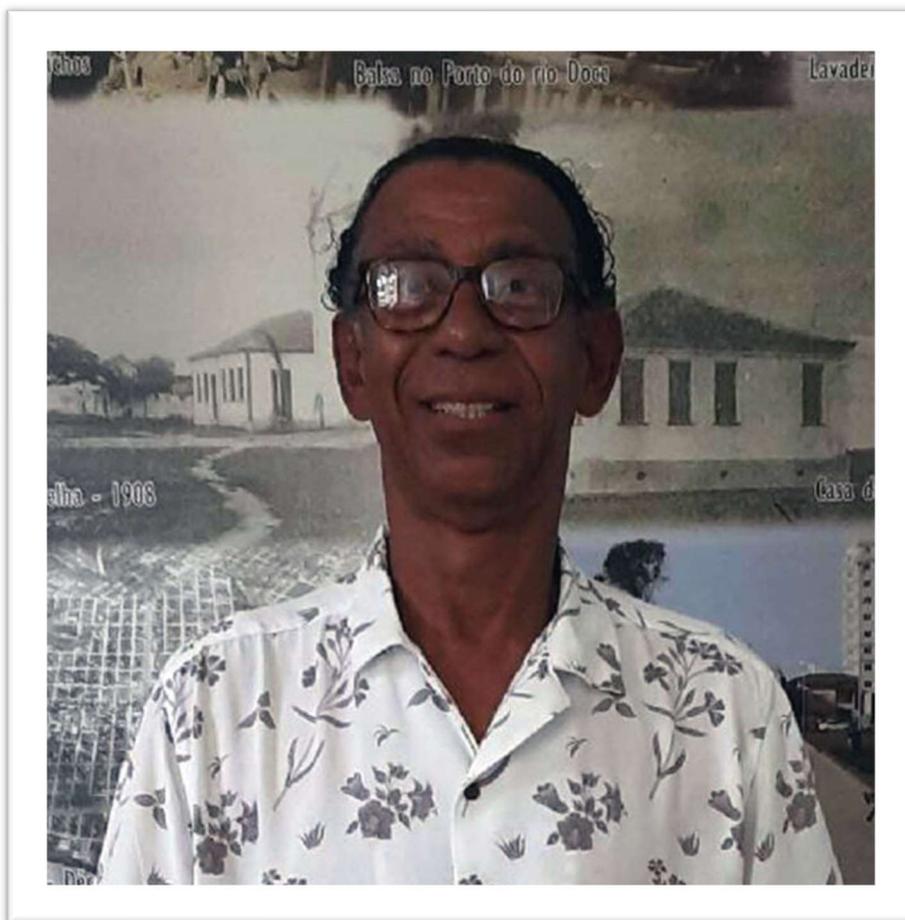


Figura 52 - Reuber Nascimento. Linhares/ES.

“Quando você olha em cima do alto da Bela Vista aquela lagoa [Juparanã], você fala que é um mar de água doce. É a coisa mais maravilhosa que tem”

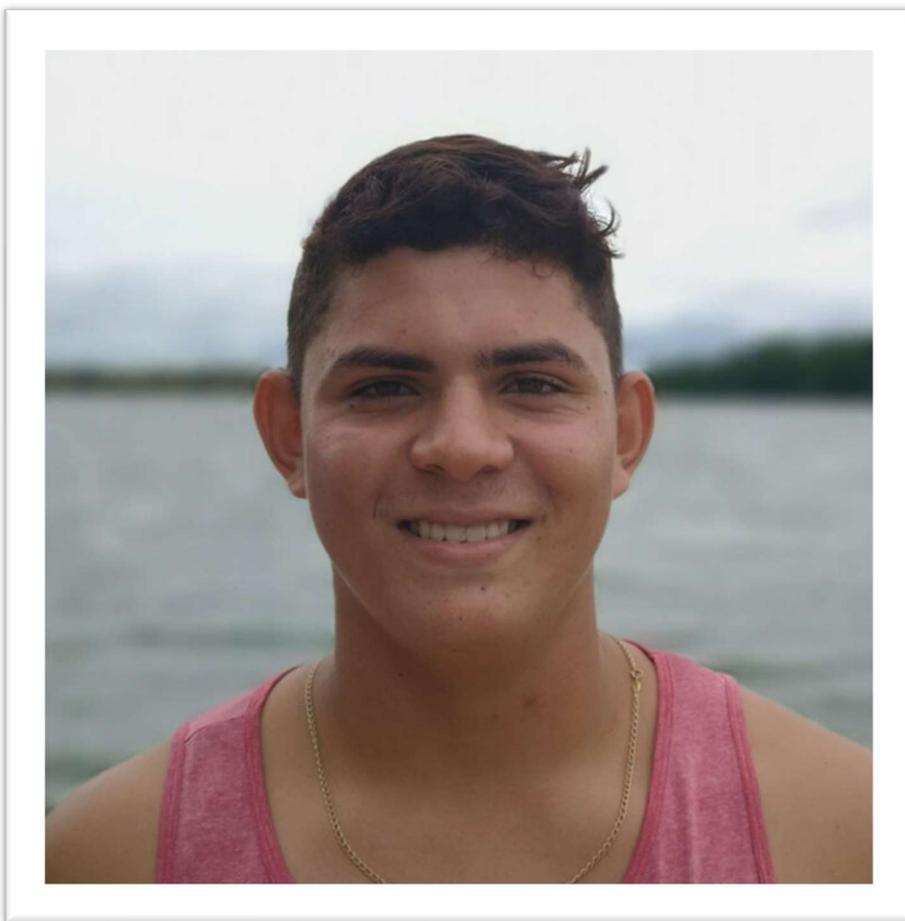


Figura 53 - Vitor Braz. Chapadão das Palminhas. Linhares/ES.

“...o que prejudica mais é o uso do solo na beira das lagoas. Que eles batem o produto né, querendo ou não a terra filtra e cai na lagoa do mesmo jeito, aí os produtos acabam matando os peixes e acabando, estragando a água, a água potável né? Querendo ou não essa água é a melhor que tem nessa região”



Figura 54 - Maria Lúcia Grossi. Linhares/ES.

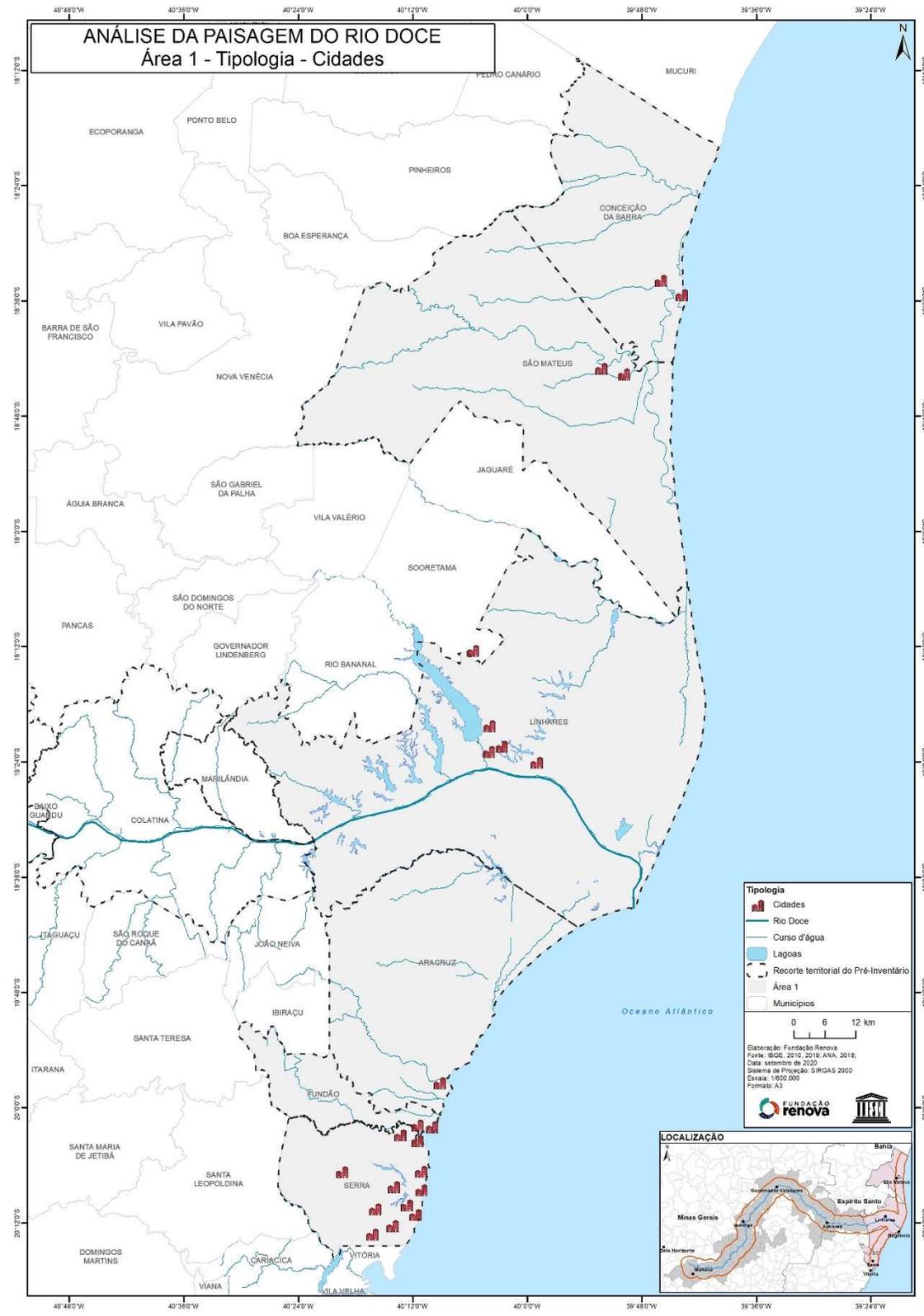
“Aqui, você não tem mais peixe aqui não, a lagoa Juparanã, depois que fizeram aquela barragem, como é que tem peixe?” “Olha bem porque tem esses troncos. É porque tinha as árvores do lado de cá e gado do lado de lá. Agora [depois da barragem do Rio Pequeno] não tem mais... debaixo daquela árvore ali que morreu, eu lia e o leito da lagoa era a vinte metros para lá”

Cidades

Pluralidades, intensidades, ritmos e impulsos industriais – motores de transformação

As Cidades apresentam um tecido social heterogêneo, acumulam construções de diferentes tempos históricos, têm um modo de vida único e formas específicas de organização política e econômica. As Cidades concentram bens e serviços de alta complexidade, e por isso, são paisagens que atraem e repelem olhares, turistas e pessoas de diferentes lugares. Há quem venha para uma temporada. Outros vêm e logo vão embora. Tem gente que nunca saiu e gente que não quer mais voltar. Nas Cidades coexistem culturas, rendas e ritmos, mas a segregação socioespacial e as contradições são marcantes. Elas são centros de desenvolvimento e oportunidades, mas não são democráticas na oferta de serviços essenciais como saneamento básico, educação e saúde.

Na foz do rio Doce e no Litoral Capixaba as Cidades remontam à ocupação portuguesa no século XVI. Atualmente, nesta região, elas são paisagens de expansão.



O crescimento do setor industrial e do setor de serviços nos últimos vinte anos atraiu um intenso fluxo de pessoas e ampliou a quantidade e qualidade de serviços oferecidos e de áreas construídas (Mapbiomas, 2019). Os municípios de Linhares, Aracruz, São Matheus e Conceição da Barra já têm mais de 78% de seus moradores vivendo em cidades (IBGE, 2019). A urbanização acelerada característica da maioria das cidades médias localizadas na calha do rio Doce conecta a paisagem de Cidades ao rio Doce. O rio Doce forja a identidade do Linharenses que se orgulha da beleza do rio que corta a cidade. A ausência de saneamento básico para todos e a ocupação irregular das margens do rio Doce causam poluição hídrica, inundações e desastres sociais nas temporadas de chuva.

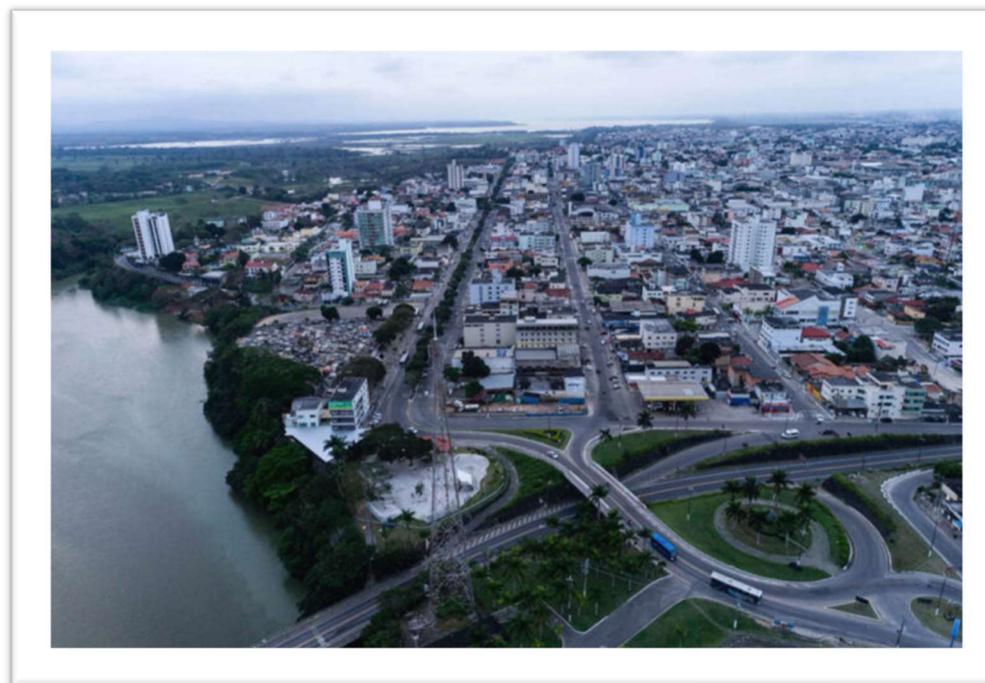


Figura 55 - Rio Doce na altura de Linhares. Fonte: Acervo Fundação Renova, 2020.



Figura 56 - Rui Barbosa. São Mateus/ES.

“Eu gosto da minha cidade, [São Mateus] é um lugar aconchegante, é um lugar assim, de adaptação, é fácil pra todo mundo, tem opções né, de coisas pra você fazer, apesar que é simples, mas tem muita coisa relacionada ao cultural, tem uma influência muito forte também da cultura negra na cidade, é muito bonita como eu te falei. Apesar de eu não acompanhar muito, eu acho interessante, tem a Folia de Reis, tem o trabalho do pessoal quilombola né, as comidas típicas, tem a moqueca da nossa região que é muito falada, a moqueca capixaba. É um lugar que...no Centro da cidade fica a meia hora da praia, pra quem não gosta de praia tem os rios é um acesso bem fácil né?”



Figura 57 - Porto de São Mateus. Conceição da Barra. Acervo IBGE.

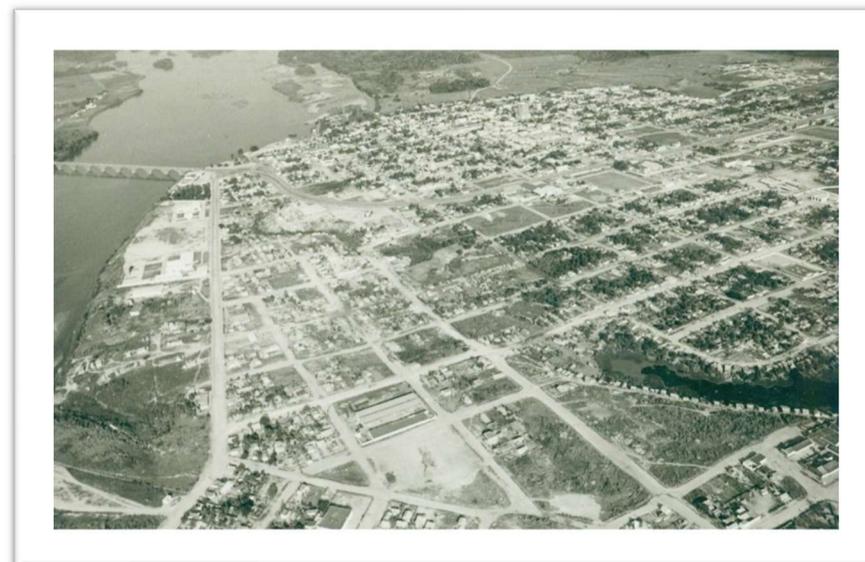


Figura 58 - Vista aérea de Linhares em 1975. Acervo IBGE.

“Porque o município (???), ele não está preparado para que venha esse mundaréu de gente de fora e eles não querem voltar. Eu fico vendo, as pessoas que chegam aqui... agora há pouco veio uma família e eles vieram trabalhar aqui por um período. As crianças não querem ir embora! Não quer ir embora, não quer ir embora. Não vai voltar. Então eles ficam, mas acaba ficando sem emprego. Aí vai juntando, sabe, vai caindo demais a qualidade de vida dessa população geral. Porque quando a população aumenta, né, e você não tem infraestrutura para todo mundo, a natureza vai sofrendo também. Porque aí eles vão criando os métodos práticos e fáceis [de despejo dos resíduos domésticos]. Aonde eles fazem? Nos rios. Para onde é direcionado? Para o mar. Então é isso que vai acontecendo, entendeu?”

Georgina Morais. Aracruz/ES.



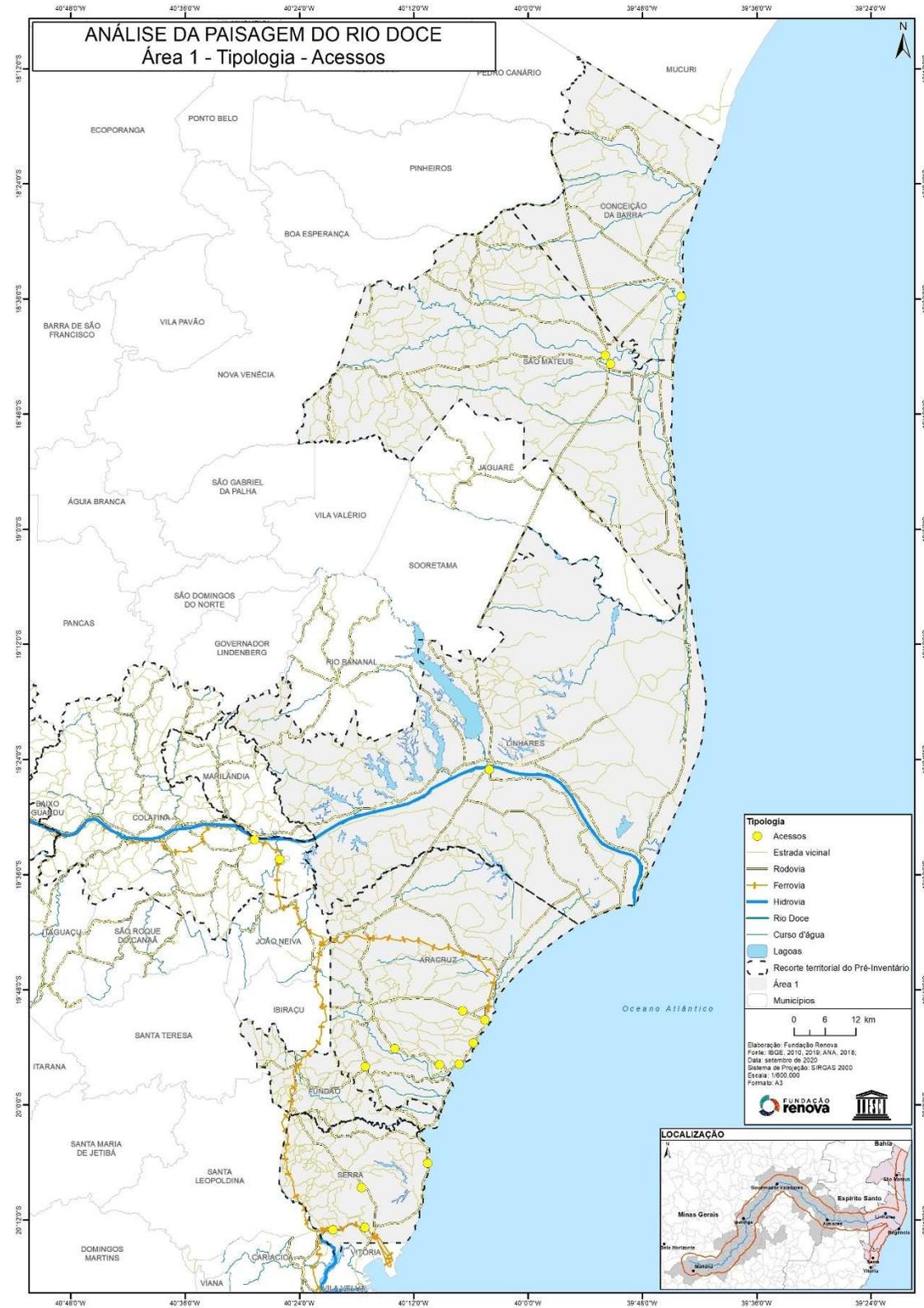
Figura 59 - Vista aérea de São Mateus na segunda metade do século XX. Fonte: Acervo IBGE.

Acessos

As ligações construídas e nativas, o trânsito

A paisagem de Acessos denota aproximação. Na área de estudo ela ocorre para viabilizar o deslocamento histórico de pessoas, serviços, mercadorias e de culturas humanas, agrícolas, minerais e florestais. Os elementos que caracterizam essa paisagem são as estradas, as pontes, as ferrovias, os portos e os próprios rios que cortam o território. Um atributo marcante é a sensação de movimento. As trocas que elas direcionam. Desde os tempos coloniais a paisagem de Acessos evoluiu em materiais, formas e distribuição. No território, elas conectam localidades, sobrepõem-se, dividem-se e se fusionam a outras paisagens.

Dentre os Acessos que ocorrem em estradas, destaca-se a ES-010 que permite a conexão pelo litoral entre a capital Vitória e os municípios do Norte; e a BR-101, que promove a mesma conectividade entre o Norte e o Sul do Estado, pelo interior. Em relação a Acessos relacionados às ferrovias, tem relevância no território a Estrada de Ferro Vitória Minas sob concessão da empresa Vale.



Embora faça o transporte de pessoas, a Estrada de Ferro Vitória Minas é utilizada principalmente para o escoamento de minérios, aço e celulose do interior de Minas Gerais até os portos do litoral do Espírito Santo. Sobre paisagens de Acessos em pontes, ressalta-se a importância das pontes Joaquim Calmon e da ponte Presidente Getúlio Vargas, hoje em ruínas.

A ponte presidente Getúlio Vargas integrou Linhares ao restante do Brasil, tendo um papel histórico fundamental na consolidação econômica e política desta região. Alguns exemplos de Acessos em portos marítimos são o Porto de Barra do Riacho em Aracruz, também conhecido como PortoCel. O Porto de Regência, em Linhares, de uso privado da Petrobrás. E o Porto Norte Capixaba, em São Mateus, também sob tutela da Petrobras.



*Figura 60 - Auto de linha na estação João Neiva.
Fonte: <http://www.ferreoclube.com.br/>*



*Figura 61 - Presidente Getúlio Vargas inaugura ponte sobre o Rio Doce, Linhares, ES. Agência Nacional Brasil, 22/06/1954.
Fonte: Ministério da Justiça – Arquivo Nacional.*

“Linhares antes da inauguração da ponte, com a interligação da BR101, Linhares tinha trinta mil habitantes, após dez anos da inauguração, tinha cento e trinta, entendeu? Então você via aquela imagem, daquela ponte arcada, que virou símbolo nacional. Todos os produtos de Linhares que tivessem um poder de apelação de mídia viam a ponte como representatividade de Linhares. Então a imagem de Linhares”

Reuber Nascimento. Linhares/ES.

“Rapaz, essa estrada nossa aqui, essa estrada é histórica, porque por aqui passavam os escravos que vinham de Queimados, aonde houve a senzala né? Eles passavam por aqui para Nova Almeida para negócio de corte de cana, então usava essa estrada nossa aqui”

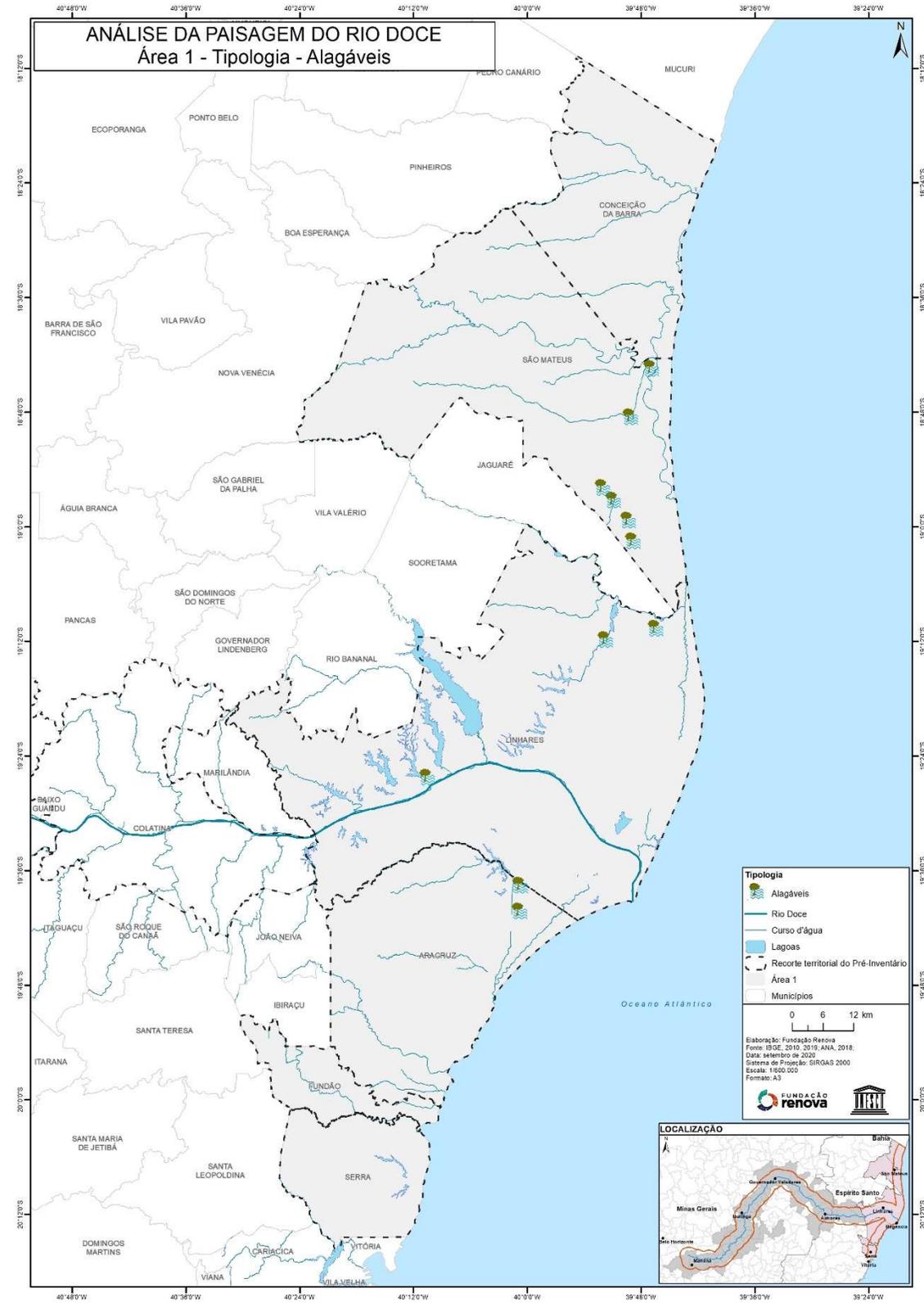
Sebastião da Assunção. Serra/ES.

Alagáveis

Transformáveis e transitórias

As paisagens de Alagáveis têm natureza sazonal. Ou seja, variam segundo as estações do ano. Sua aparência é instável. Nos períodos de cheia a água é o elemento protagonista. Nos períodos mais secos é a vegetação ou o solo. As paisagens de Alagáveis ocorrem perto de rios e lagoas, nas planícies interplantálticas e no delta do rio Doce. Assim como as paisagens de Lagoas, elas se formam devido ao baixo grau de declividade dessas áreas. As Alagáveis se sobrepõem às demais paisagens existentes no território.

As vidas nas paisagens de Alagáveis se adaptam ao constante subir e descer das águas. Na seca, as Alagáveis são parte dos quintais das casas dos ribeirinhos, são estradas e caminhos. Na cheia, esses usos são transformados pela água. Se já não é possível percorrer a estrada a pé, segue-se de barco ou em pequenas canoas. Alagáveis são paisagens usadas para fins agrícolas.



O rio Doce se torna paisagem de Alagáveis em períodos de cheia, nos quais faz a irrigação natural de roças de subsistência e de lavouras de cacau situadas às suas margens e em ilhas fluviais.



Figura 62 - Ponto de embarque e desembarque no rio Doce nas proximidades de Povoação. Linhares/ES, 2020.

“Nós tínhamos (...) pântanos, a parte de cima aqui nós tínhamos pântanos. Esses pântanos, a água deles descia vagarosamente e alimentava o rio... alimentava com uma água doce, alimentava com os peixes que desciam... alimentava... nós tínhamos muitos jacarés, entre outras espécies que nós já não vemos aqui, entendeu? Então eu acho que a recuperação de uma parte desses pântanos, onde os fazendeiros cavaram tudo para fazer pasto, seria um dos primeiros projetos, falando de meio ambiente, para equilibrar o ecossistema aqui da região”

Pedro Ribeiro Clarindo. São Mateus/ES.

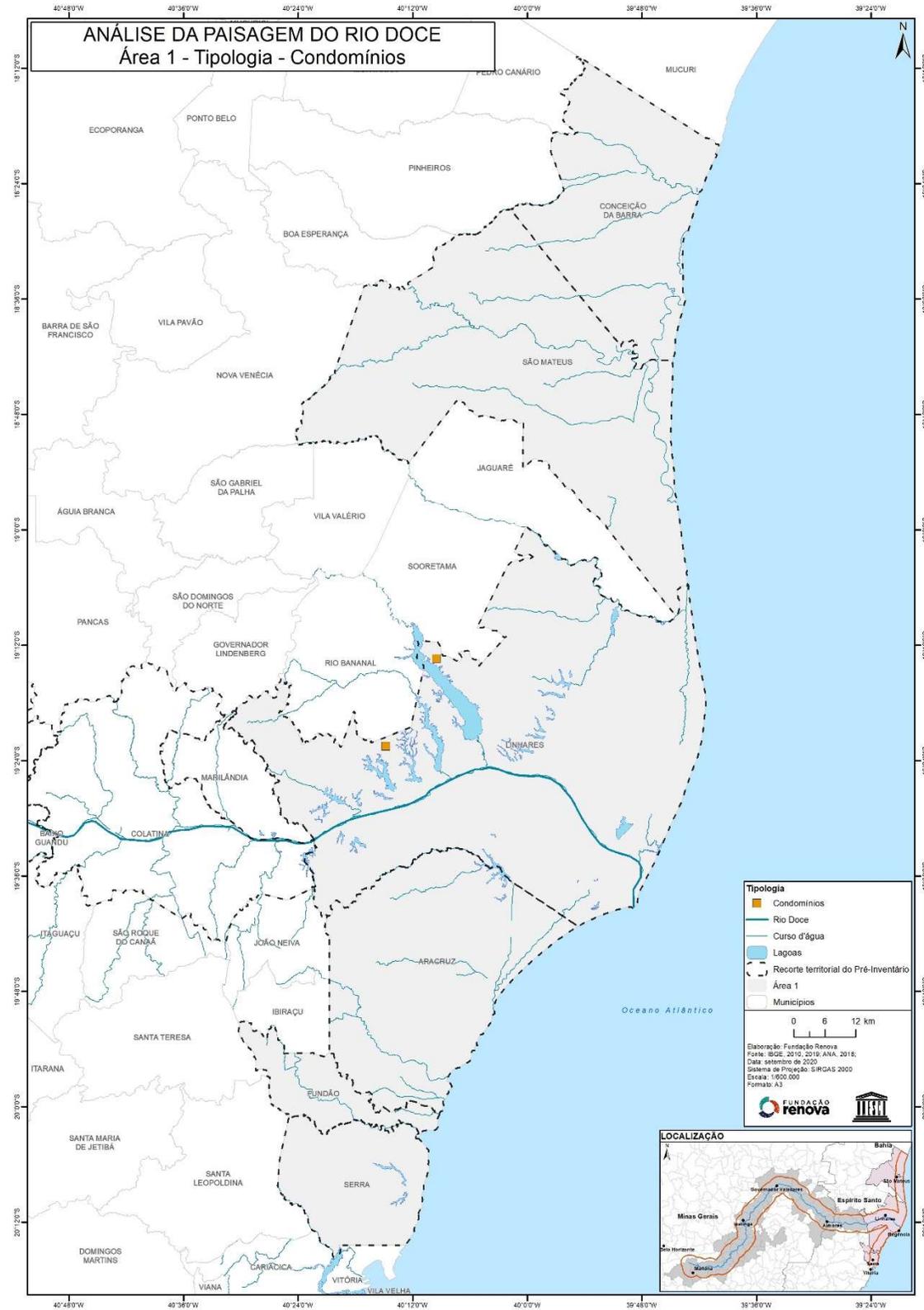
Condomínios

O isolamento enimesmado

Os Condomínios são paisagens que marcam no espaço a desigualdade social. São caracterizadas por conter unidades habitacionais de alto padrão e por terem acesso privilegiado a áreas com atrativos naturais. Moradores destas paisagens valorizam a exclusividade e a segurança. Por isso, muitas vezes, são paisagens muradas e vigiadas. Os Condomínios podem estar inseridos em grandes ou pequenas áreas. Mais próximos ou afastados de centros urbanos.

Voltados às atividades de veraneio ou residência de trabalhadores. De classe média ou de elite. O surgimento dos primeiros condomínios nessa região está associado à instalação de indústrias de celulose nos anos de 1970 e à atração de mão de obra para os municípios que sediam os empreendimentos.

Em Linhares e ao norte da foz do rio Doce, a ocorrência de Condomínios é mais recente e está associada à expansão de empresas do setor de óleo e gás e de logística.



Trata-se de paisagens que podem gerar conflitos na escala local por privatizar áreas públicas ou mesmo por interromper ou dificultar o acesso de grupos sociais a recursos naturais, como é o caso de condomínios localizados à beira da Lagoa Juparanã. No território, essa paisagem não tem uma relação direta com o rio Doce.



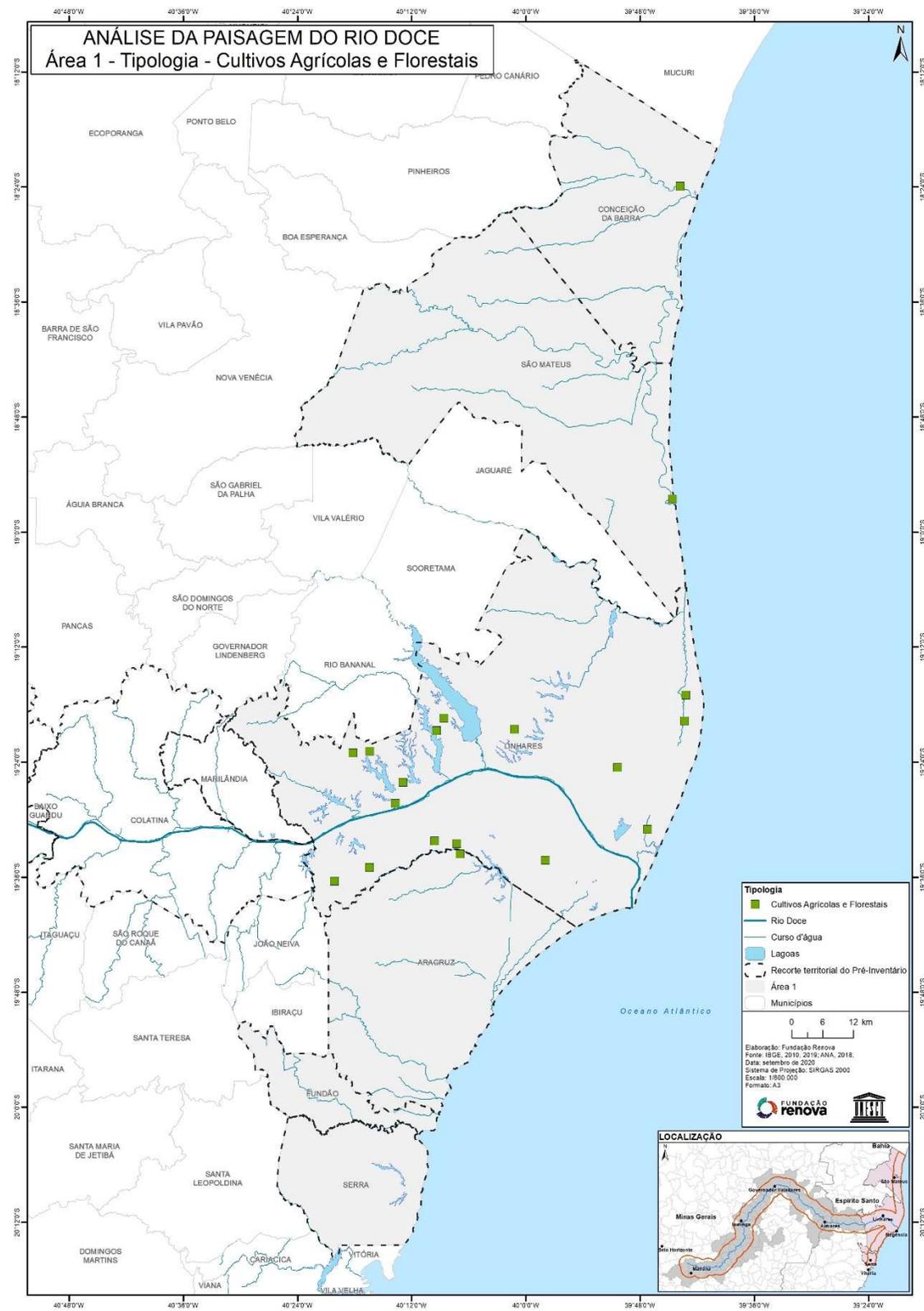
Figura 63 - Portal de entrada do Condomínio Ilha do Imperador. Imediações da Lagoa Juparanã. Linhares/ES, 2020.

Cultivos Agrícolas e Florestais

Produção hidratada em fila

Os Cultivos Agrícolas e Florestais são paisagens que proporcionam uma sensação visual de uniformidade. Essa sensação é produzida a partir da observação de áreas extensas onde se combinam o ordenamento físico do plantio e espécies vegetais que apresentam, majoritariamente, tons de verde. Mamão, seringa, cana-de-açúcar, coco, pimenta e banana são exemplos de cultivos agrícolas e florestais na região da Foz do rio Doce e no Litoral Capixaba. Em menor quantidade encontram-se plantações de pitanga, graviola, arroz, milho e feijão. Trata-se de paisagens que ocorrem em planícies ou morros, e que frequentemente estão consorciadas.

Os Cultivos Agrícolas e Florestais são observados em assentamentos agrícolas, em regiões de colonização italiana, em comunidades rurais, em fazendas e em áreas incorporadas por agroindústrias.



Em suas múltiplas configurações de produção e de organização do trabalho, esta paisagem representa o esforço de domesticar ambientes para o estabelecimento de lavouras. Eles dinamizam a vida social e econômica dos municípios dos quais fazem parte, sendo uma importante fonte de emprego e renda em Linhares e Conceição da Barra. As paisagens de Cultivos Agrícolas e Florestais são vetores de transformação do uso do solo no território e de supressão da mata nativa.



Figura 64 - Plantação mamão com faixas que indicam se tratar de mosaicos com café. Chapadão das Palminhas, Linhares/ES, 2020.



Figura 65 - Monocultura de Seringa no entorno da Lagoa Juparanã. Linhares/ES, 2020.



Figura 66 - Mateus José Cairu. Laje, Itaguaçu/ES.

“Tem a plantação de coco, tem um fazendeiro ali, tem a cultura de aroeira também, está com três anos que eles começaram a produzir aroeira aí, emprega um pouco do pessoal aí também...”

“...tem uma usina forte de cana de açúcar e álcool aqui em Linhares, quando ainda era o corte manual, era ônibus e mais ônibus de pessoas vindo, porque antigamente era corte manual.”

Reuber Nascimento. Linhares/ES.

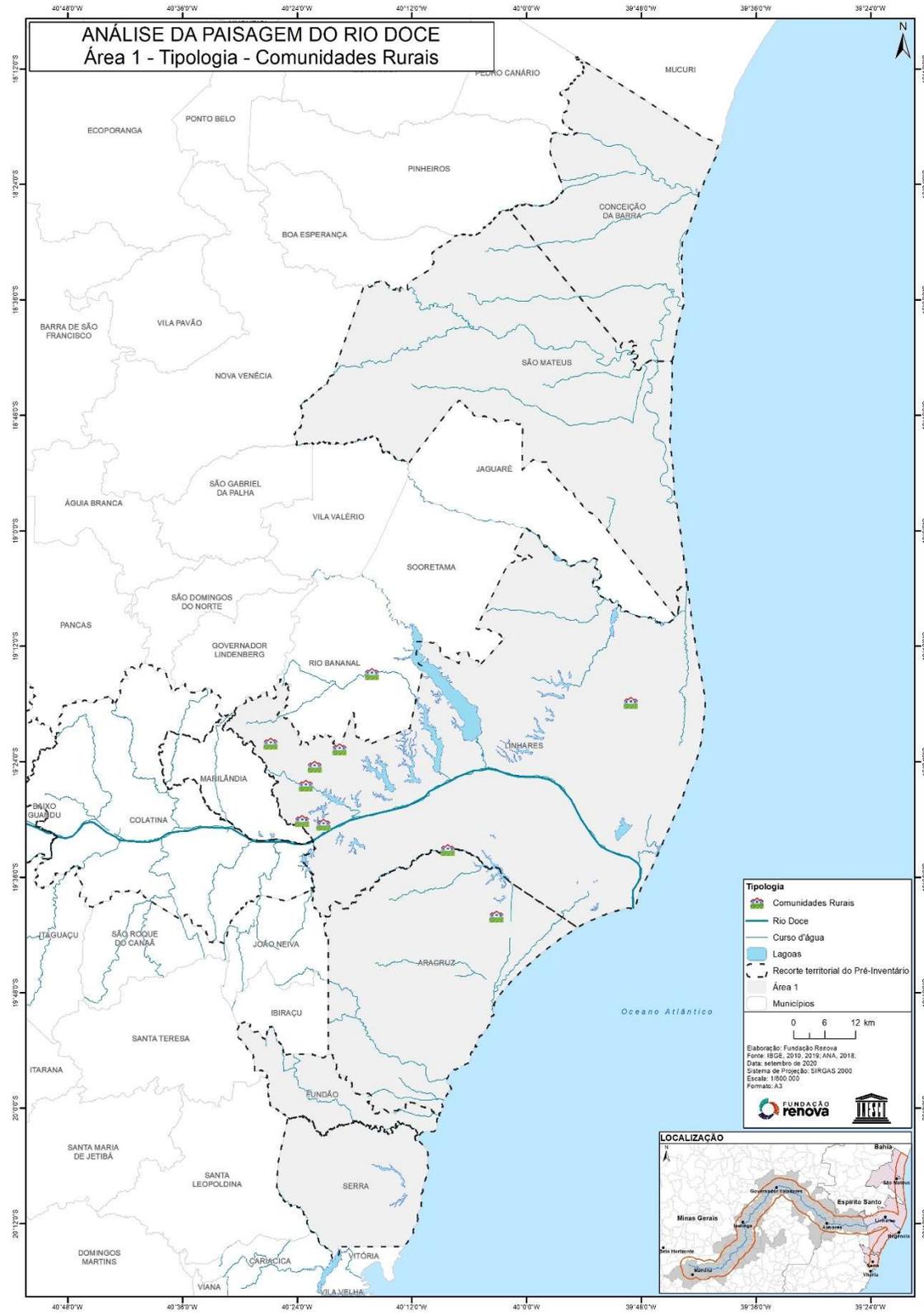
Comunidades Rurais

A terra e a vida

As paisagens de Comunidades Rurais são marcadas pela presença de casas simples, de lavouras de pequeno porte, de roças de subsistência e pela criação de pequenos rebanhos de animais.

Trata-se de uma paisagem que remete a um modo de vida associado ao trabalho na terra, a uma rotina de muito esforço, mas de tranquilidade e de cooperação entre vizinhos, que muitas vezes pertencem à mesma família. De alvenaria ou de madeira, a maioria das casas nesta paisagem têm varandas e paredes claras que contrastam com o verde vistoso do entorno.

Em alguns casos os terrenos são margeados por cercas de vegetação, bambu ou madeira e permitem a visão parcial de seus interiores.



Em paisagens de Comunidades Rurais é comum a presença de infraestrutura básica como escolas da educação básica, postos de saúde, igrejas e espaços de convivência como pequenas praças públicas.

Trata-se de paisagens associadas à presença de fazendas na região ou a outras atividades produtivas relacionadas à agropecuária. Na área percorrida elas são frequentes em áreas montanhosas. Os moradores das comunidades têm origens distintas relacionadas à ascendência africana, europeia, e mais recentemente, no fim do século XX, a fluxos da região nordeste. A convergência de culturas diferentes faz com que nessas paisagens o calendário de festas populares sejam eventos importantes para a coesão social. São frequentes celebrações religiosas para São Benedito e Nossa Senhora da Saúde. Festas vinculadas às épocas de pesca, como a festa da Manjuba. E a manifestação do Jongo e do Ticumbi. É comum que próximo às Comunidades Rurais haja atrativos naturais como lagoas, córregos, pequenas cachoeiras e o próprio rio Doce, utilizados pelos moradores para a pesca e lazer. Desde os anos de 1970, a chegada de empresas de eucalipto e do setor de óleo gás vêm pressionando essas comunidades a deixarem as suas terras. É comum na região do Baixo Doce e do Litoral Capixaba, a venda de pequenas propriedades rurais para empresas e o deslocamento das famílias para a periferia de centros urbanos. As Comunidades Rurais estão conectadas ao rio Doce quando elas ocorrem próximas ao seu leito, como é o caso de Povoação.



Figura 67 - Igreja de Santa Luzia na Comunidade Palmitinho II. São Mateus/ES, 2020.



Figura 68 - Comunidade rural nas margens da BR-101. Linhares/ES, 2020



Figura 69 - Elizângela Lima de Freitas. Fazenda Tupã. Linhares/ES.

“É onde eu moro [Fazenda Tupã, em Linhares], é onde eu tiro o meu sustento, onde eu tiro o sustento da minha família, onde meu filho trabalha, onde meu marido trabalha e eu falo que aqui é o cantinho, é um paraisozinho, né, um paraíso que nós temos”



Figura 70 - Angelita Maria Gama. Puriti, Serra/ES.

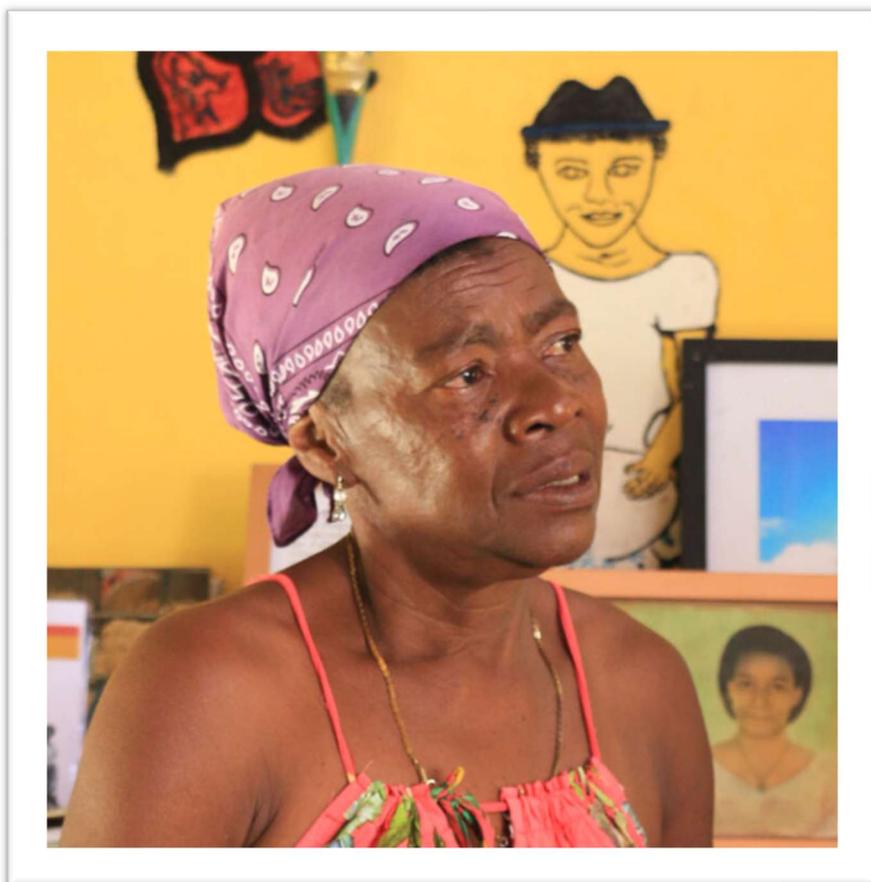
“Nós [em Putiri, Aracruz] temos uma unidade de saúde, nós temos a creche, nós temos a escola, nós temos o centro comunitário, nós temos a pracinha, agora tem um calçamento, nós temos a água da Cesam (...)”

Vidas Quilombolas é caracterizada pela presença de casas de construção simples e roças de feijão, milho e mandioca. No território percorrido, as comunidades têm na pesca artesanal de água doce e salgada uma importante fonte de renda. Apesar da alta frequência desta paisagem em zonas rurais, ela também ocorre próxima a áreas urbanas, como no caso do bairro Santana, em Conceição da Barra.

Desde a expansão da indústria de celulose e de petróleo e gás na região em meados das décadas de 1990 e 2000 essas paisagens vêm sendo reduzidas e pressionadas. A mata nativa foi desmatada e comunidades tradicionais venderam sua terra e se mudaram para as periferias das cidades próximas. Os interesses econômicos, a ineficácia de políticas públicas e o aumento da frequência de desastres ambientais fazem com que essas paisagens e essas pessoas estejam em constante situação de vulnerabilidade social e insegurança fundiária. As paisagens de Vidas Quilombolas se distribuem em Conceição da Barra, São Mateus e Linhares, no Espírito Santo. Vidas Quilombolas se relaciona ao rio Doce por intermédio do mar, especialmente na comunidade de Degredo. Além de integrar o modo de vida local, a pesca é uma das principais atividades econômicas de Vidas Quilombolas.

*“Rei de Bamba
Essa espada era do meu tataravô,
Que morreu faz trezentos anos
Ficou com meu bisavô.
Meu bisavô também se foi
Passou para o meu avô,
Meu avô foi convocado
Para o Ticumbi do senhor.
Então passou para o meu pai
Meu pai muito lutou
Não podendo mais lutar
Para o mestre ele entregou
O mestre passou para mim
Para eu ser o vencedor
Eeucomelanamão
Vou fazer igual a ele
Seja aqui, seja acolá
Seja em qual lugar eu for”.*

TICUMBI DE CONCEIÇÃO DA BARRA. Secretário do Rei de Congo. In: MEDEIROS, 2007



*“Eu tenho muito orgulho de ser
jongueira, eu tenho muito orgulho
do povo de Sapê do Norte. São
minha família, são meu povo e eu
só abandono, só por morte mesmo
porque foi um povo sofrido”*

Figura 71 - Maria Amélia. Bairro Sant'ana, Conceição da Barra/ES.



Figura 72 - Comunidade Quilombola Linharinho. Conceição da Barra/ES, 2020.

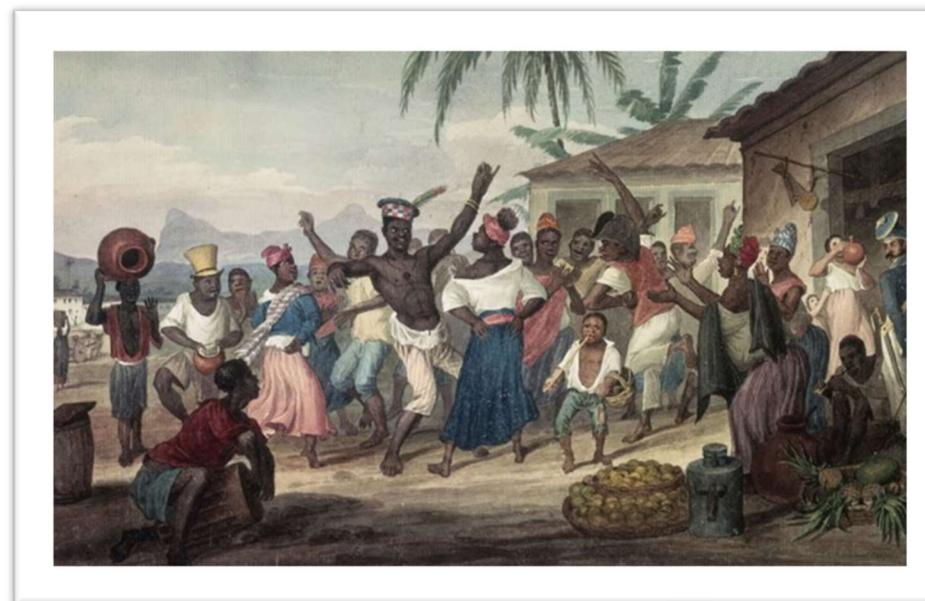


Figura 73 - Jongo de August Earle, 1822. Fonte: National Library of Australia.

“Tudo era Sapê. Aí depois veio Aracruz celulose que veio pra cá e enganou muitos. Ia dar estudo para os filhos, vendia as terras para eles, para plantar eucalipto, vieram os fazendeiros. Aí o pessoal era muito (miserável) era bobo, deram a terra de graça. Era um correntão. A máquina de esteira pegava de um lado e pegava outra. Aí ia quebrando tudo, as máquinas, destruindo tudo. Tinha muita casa aqui, hoje não tem nada. Sessenta anos atrás”

Mauro Cesar dos Santos. Linharinho, Conceição da Barra/ES.

“Era, descendente de escravo. Sofria bastante. Já tomaram muita correçada já... Não é mole não. Mas graças a Deus na nossa época aí nós não... Sofre de outras maneiras que a gente não percebe que deu, mas não é tão visível igual eles sofriam antigamente não. Sofre ainda, até hoje, mas... hoje em dia é mais... como diz o outro ‘é mais na calada’”

Gilvan Francesbilho dos Santos. São Mateus/ES.

Re-Existências

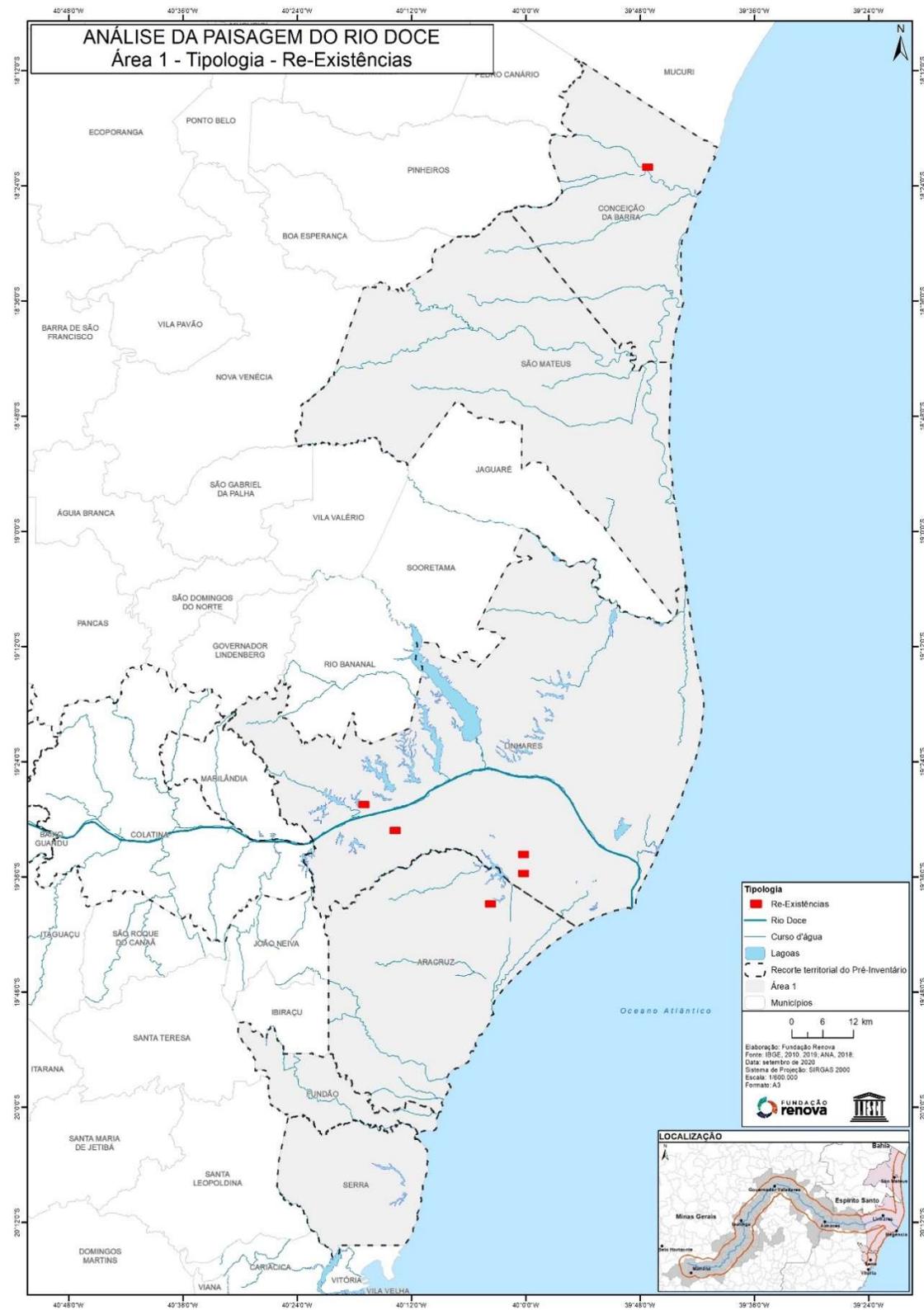
O direito, a ocupação e a produção

As paisagens Re-existências têm origem na luta histórica pela reforma agrária nos anos de 1970 e na busca por fazer valer a função social da terra: moradia e produção de alimentos.

Elas evocam um duplo significado: a noção de resistência e a chance de existências mais prósperas. Re-existências na área percorrida são enclaves que ocupam áreas rurais da calha do rio Doce ou no Litoral Capixaba e estão cercadas por grandes áreas de pastagens e monoculturas agrícolas e florestais.

É uma paisagem simbólica. Ao entrar-se nelas, vê-se bandeiras de movimentos sociais hasteadas e espaços coletivos com faixas e nomes que remetem à memória de companheiros. São paisagens nas quais prevalece a mão de obra familiar e o trabalho comunitário. A entrada pelos caminhos de terra que levam às paisagens de Re-existências exige respeito, mas é acolhedora.

Trata-se de uma paisagem marcada por muito trabalho, pouco incentivo e por conflitos. Re-existências podem ter caráter permanente, quando já são assentamentos reconhecidos pela



legislação, ou serem temporárias, no caso de acampamentos. A depender do estágio de reconhecimento, essas paisagens têm mais ou menos infraestrutura incorporada. Nas Re-existências mais antigas é forte o vínculo com a Igreja Católica, haja vista o suporte que esta instituição deu aos trabalhadores nos anos oitenta. As Re-existências identificadas no território se relacionam de forma bem diferente com o rio Doce. Antes do rompimento da barragem de Mariana, em 2015, paisagens localizadas na altura do canal Caboclo Bernardo utilizavam as águas do Doce para a pesca recreativa. Na época do Robalo essas comunidades também iam ao rio Doce para pescar. Em Re-existências identificadas próxima à calha e em Conceição da Barra, no norte, não foi mencionado um vínculo direto com o rio Doce, embora sua importância para a segurança hídrica da região tenha sido destacada.



Figura 74 – Acampamento dos trabalhadores sem-terra. Distrito de Bebedouro. Linhares-ES, 2020



Figura 75 - Produção coletiva de mudas no assentamento Egídio Brunetto. Linhares/ES, 2020



Figura 76 - Geraldo Comper,. Assentamento Egídio Bruneto.
Linhares/ES.

“...É para a gente tirar para consumir pra gente e para ter renda também né? Para ter renda. Só que para ter renda... você fazer plantação para ter renda, tem que ter investimento. Irrigação, adubo, preparação do solo e a gente não tem isso”



Figura 77 - Adilson Alves dos Santos Rigonis. Assentamento Paulo Vinhas. Conceição da Barra/ES.

“É saber que você vive bem, que você tem uma casa em que se vive bem, e ter as plantações ali que te dá a segurança (...). O assentamento, a minha visão do assentamento, é isso”



Figura 78 - Elza Soares, 63 anos

“Tinha a intenção de criar os meus filhos num lugar que pudesse tirar pelo menos o sustento básico, com muita luta a gente conseguiu e daí na época era através da igreja né, tinha uns padres que ajudava na época, CPT, Pastoral da Terra e a gente foi participando dessas entidades a partir da igreja e a gente acabou indo em oitenta e sete que a gente conseguiu aqui, vir para cá”

Baixo rio Doce em 140% (Mapbiomas, 2019). Depois das Pastagens, o Eucalipto é a paisagem mais frequente na área percorrida. Ele ocorre próximo das pontas norte e sul do território e, desde a década de 1970, vem expandindo rapidamente sua área na região. O crescimento desta paisagem é um vetor de êxodo rural. A relação de Eucaliptos com o rio Doce se dá através da cessão de água para paisagens de Indústrias na porção sul do território. Ao longo da calha, o Eucalipto aparece nas Terras Altas associado aos Cultivos Agrícolas e Florestais e ao Café. Observações e escutas no território indicam que essa paisagem em gradativamente substituindo a Café e paisagens de Pastagens.

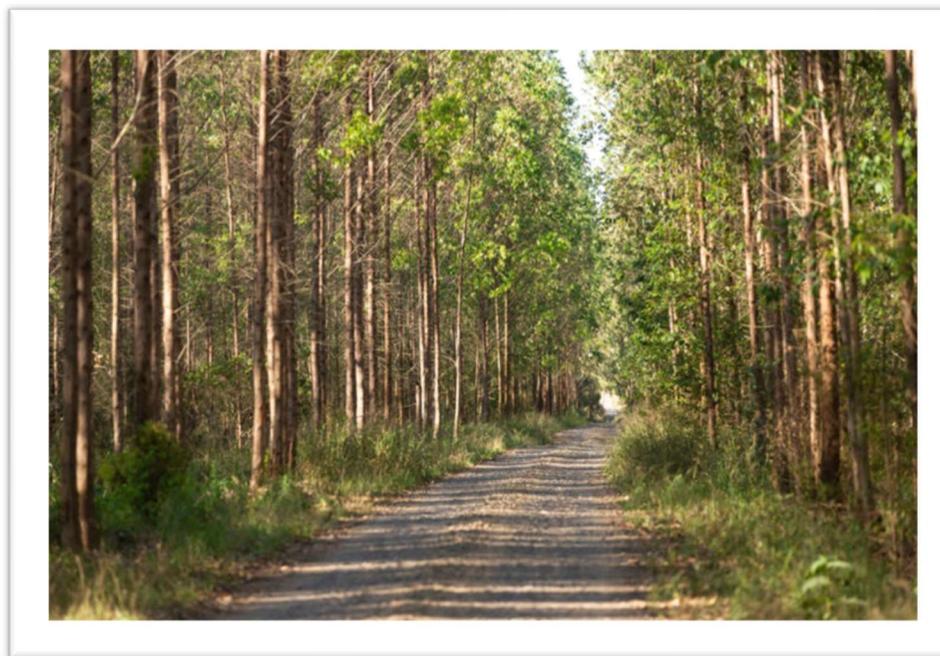


Figura 79 - Floresta de Eucalipto em Aracruz/ES. Fonte: Fundação Renova, 2020.



Figura 80 - Silvano Ramos e Laurinete da Silva Ramos. Mar Azul, Aracruz/ES.

“Os eucaliptos tomam muito... muito espaço de uma área nativa, onde você vê os animais silvestres né? (...) Você não vê nada, nem cobra. Porque não existe... a cadeia alimentar não existe para eles”

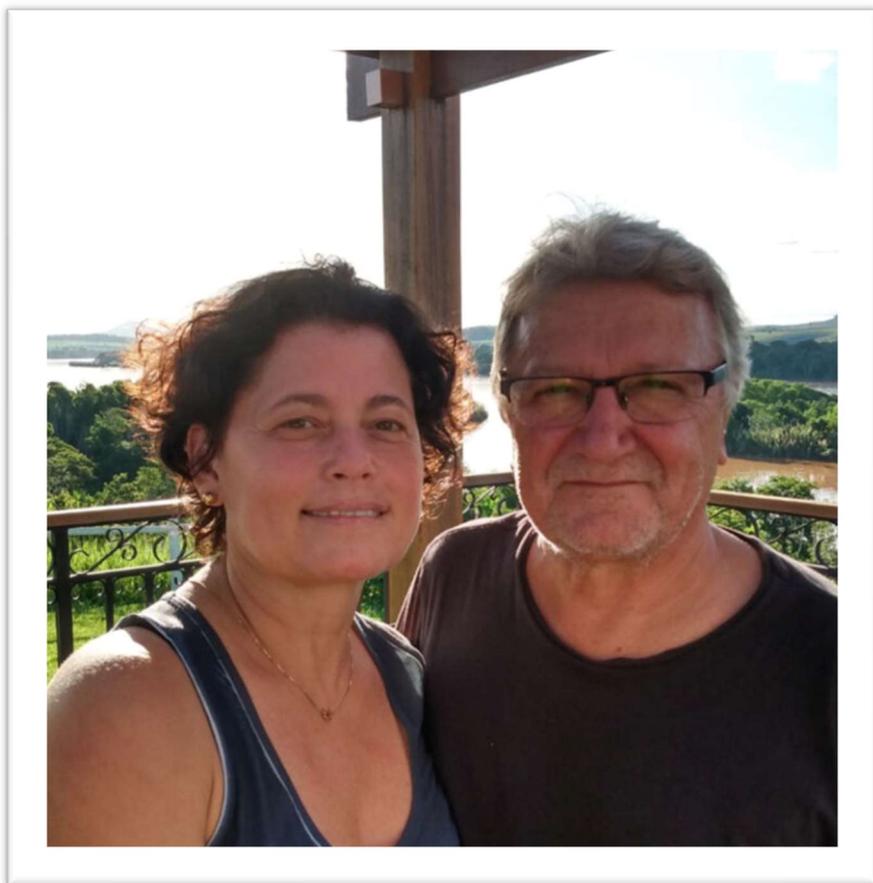


Figura 81 - Adão Cella, 61 anos

“Então, a Fíbria e a Celulose acabou tirando também umas setenta famílias aqui do fundo, que viviam aqui, que acabou vendendo pra eles e foi embora, e virou aqui, um deserto verde, o fundo nosso, um deserto verde grande, de muito eucalipto, muito eucalipto. Porque agora está na mão da Suzano, né?”

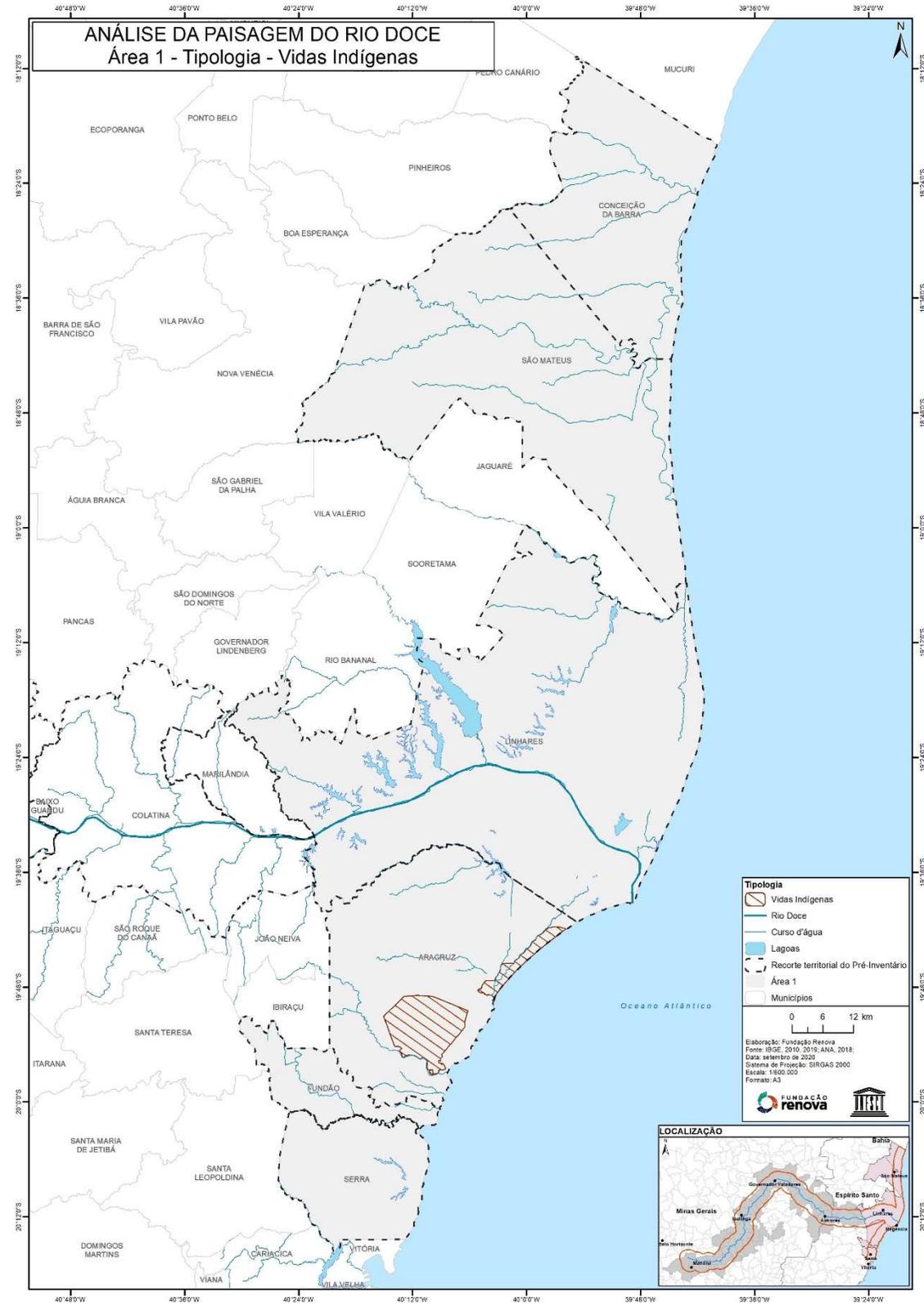


Figura 82 - Zelia Scarpati, 75 anos

“Lá dentro, que meu filho tem o eucalipto plantado, lá não tem mata não, lá é só pasto, eucalipto e café que ele produz café lá e eucalipto mais aqui, só isso aí mesmo”

Vidas Indígenas

As Vidas Indígenas paisagens remetem à ocupação original do Brasil e do território, sendo reconhecidas pela preservação ambiental de suas áreas. No Espírito Santo registra-se a presença destes povos desde 7000 anos atrás. Em Minas Gerais, desde 12.000 anos atrás (IPHAN, 2018). Em Minas Gerais, a paisagem de Vidas Indígenas ocorre no território do povo Krenak – que se autodenomina Borum – e localiza-se na Terra Indígena Krenak, no município de Resplendor, à beira do rio Doce. Vidas Indígenas caracterizam-se por modos próprios de se relacionar com a natureza e com os recursos naturais, de pensar e de sentir o mundo. Nestas paisagens a natureza é fonte sobrevivência, mas também é um ser da família, uma entidade que orienta comportamentos e rituais. Na região percorrida, os povos indígenas são reconhecidos como descendentes dos "Botocudos" e receberam essa denominação devido aos adereços que adornavam suas bocas e orelhas. No século XIX os "Botocudos" se concentraram ao longo dos rios Doce, Mucuri e São Mateus.



Nos séculos XIX e XX, em função da construção da ferrovia Vitória-Minas e de práticas de dispersão desses povos pelo Estado, eles foram expulsos do vale do rio Doce. Somente em 1975, devido a pressão dos movimentos sociais organizados, as terras indígenas no Espírito Santo, não sem a oposição do setor empresarial, começaram a ser regularizadas.

A paisagem Vidas Indígenas não se restringe a perímetros definidos, no entanto, na região percorrida ela ocorre majoritariamente nas Terras Indígenas Caieiras-Velha II, Tupiniquim-Guarani e Comboios, no município de Aracruz. Nesta região eles se relacionam com comunitários do entorno e usufruem de recursos das matas e do rio Piraquê-Açu e seus mangues.

Embora as Vidas indígenas estejam geograficamente afastadas do leito do rio Doce, elas se conectam a ele pelo interior e pelo mar. Pelo interior as águas do rio Doce chegam pelo canal Caboclo Bernardo e se misturam ao rio Riacho onde são usadas pelas comunidades indígenas para pesca artesanal.

Pelo mar, as águas da Foz do Doce chegam à praia de Comboios pela dinâmica das correntes marinhas. Na dimensão cultural, a conexão das Vidas Indígenas com o rio Doce está presente na pisada rítmica do Congo cantado e dançado em Regência e nas cores e feições dos moradores da Foz e do Litoral Capixaba.



Figura 83 - Os Botocudos do rio Doce. Fonte: série de Walter Garbe, 1909.

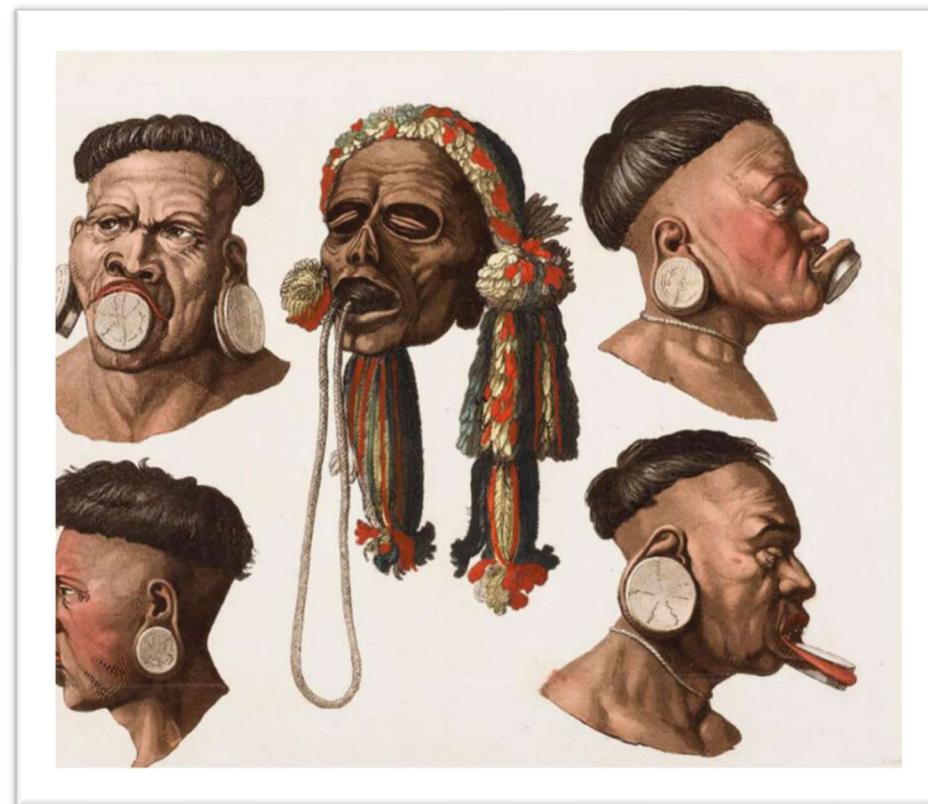


Figura 84 - Fisonomia di alcuni Botocudos (1821), de Giulio Ferrari.
Fonte: <https://www.brasilianaiconografica.art.br/obras/20059/fisonomia-di-alcuni-botocudos>.



Figura 85 - Astrogilda Ribeiro dos Santos. Vila do Riacho.
Aracruz/ES.

“(...) meu sogro era meio índio, sabe? Caboclo índio. Aí ele fala assim: olha, cuidado, ali tem uma cobra. E eu não era filha daqui, eu tremia de medo quando ouvia falar. Aí eu falei: ali tem a cobra? Como o senhor viu? Tem ali, tem sim. Olha o cheiro dela ali. Fica pra trás de mim. Aí eu ia pra trás, porque a gente ia no trilho dos Botocudos”

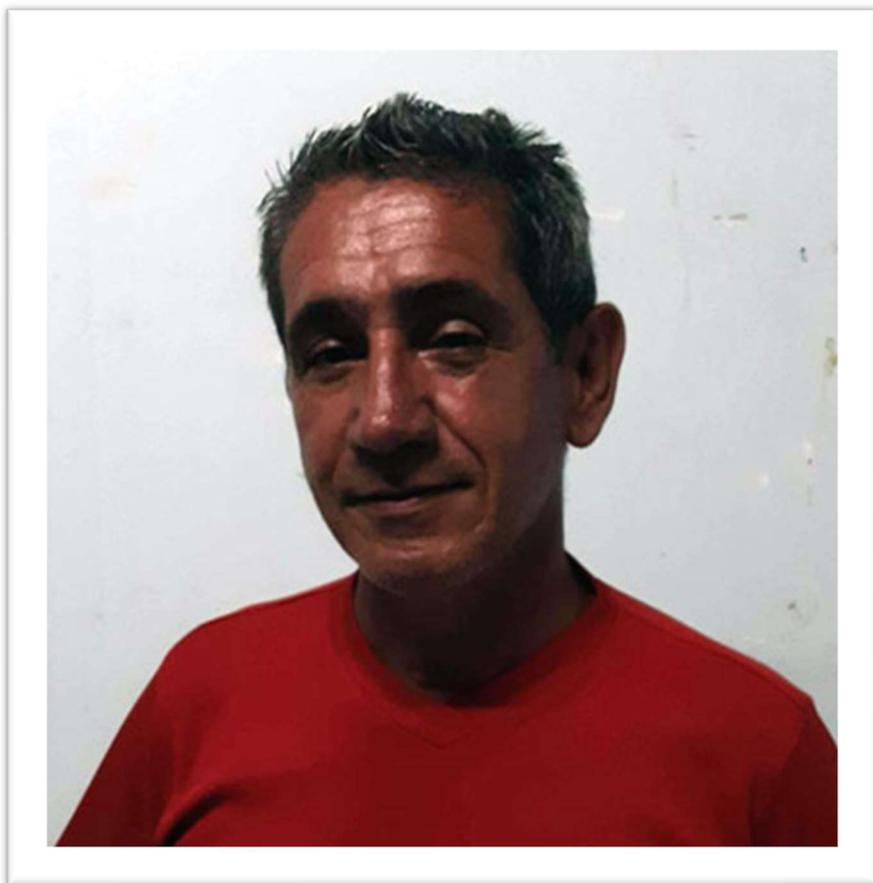


Figura 86 - Herval Nogueira Junior. Barra do Riacho, Aracruz/ES.

(...) se a gente for observar, você vai deparar com vários e várias moradores que eles têm um tio na aldeia, que tem um filho na Barra [do Sahi], que tem... Ou seja, a gente, de uma forma ou de outra, aqui não é aldeia, mas o sangue que tá aqui tá lá. E é uma cultura que a gente se sente bem melhor de entender que eles são os nossos povos. São originais”



Figura 87 - Porto no rio Piraquê-açu, Terra Indígena Caieiras Velha. Aracruz (ES). Janeiro de 2020.

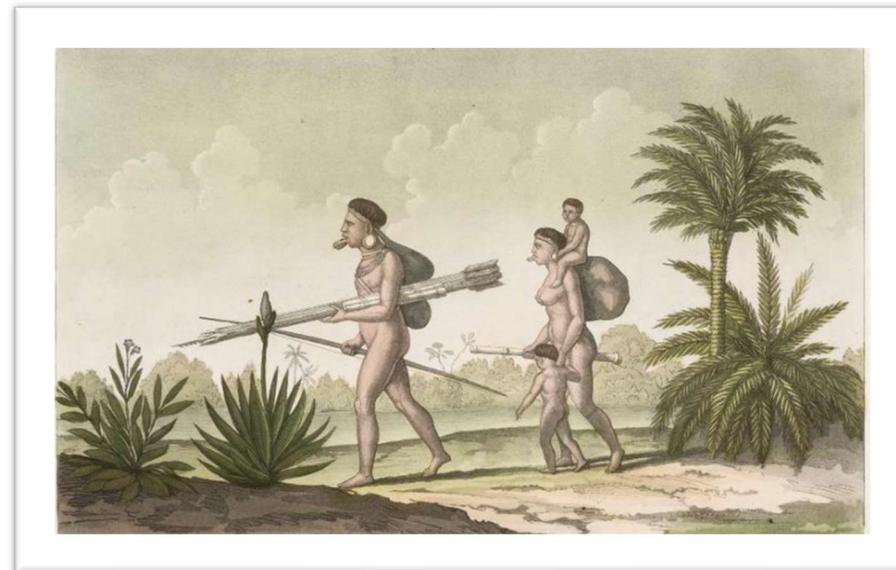


Figura 88 - Kerenguatnuk capo de' Botocudos colla sua famiglia (1821), Giulio Ferrario. Fonte: <https://www.brasilianaiconografica.art.br/obras/20059/fisionomia-di-alcuni-botocudos>

“Marisco assim, sempre os índios aqui tiveram mais essa cultura de extração, tanto de ostra quanto marisco. Desde essa época você consegue ali com eles”

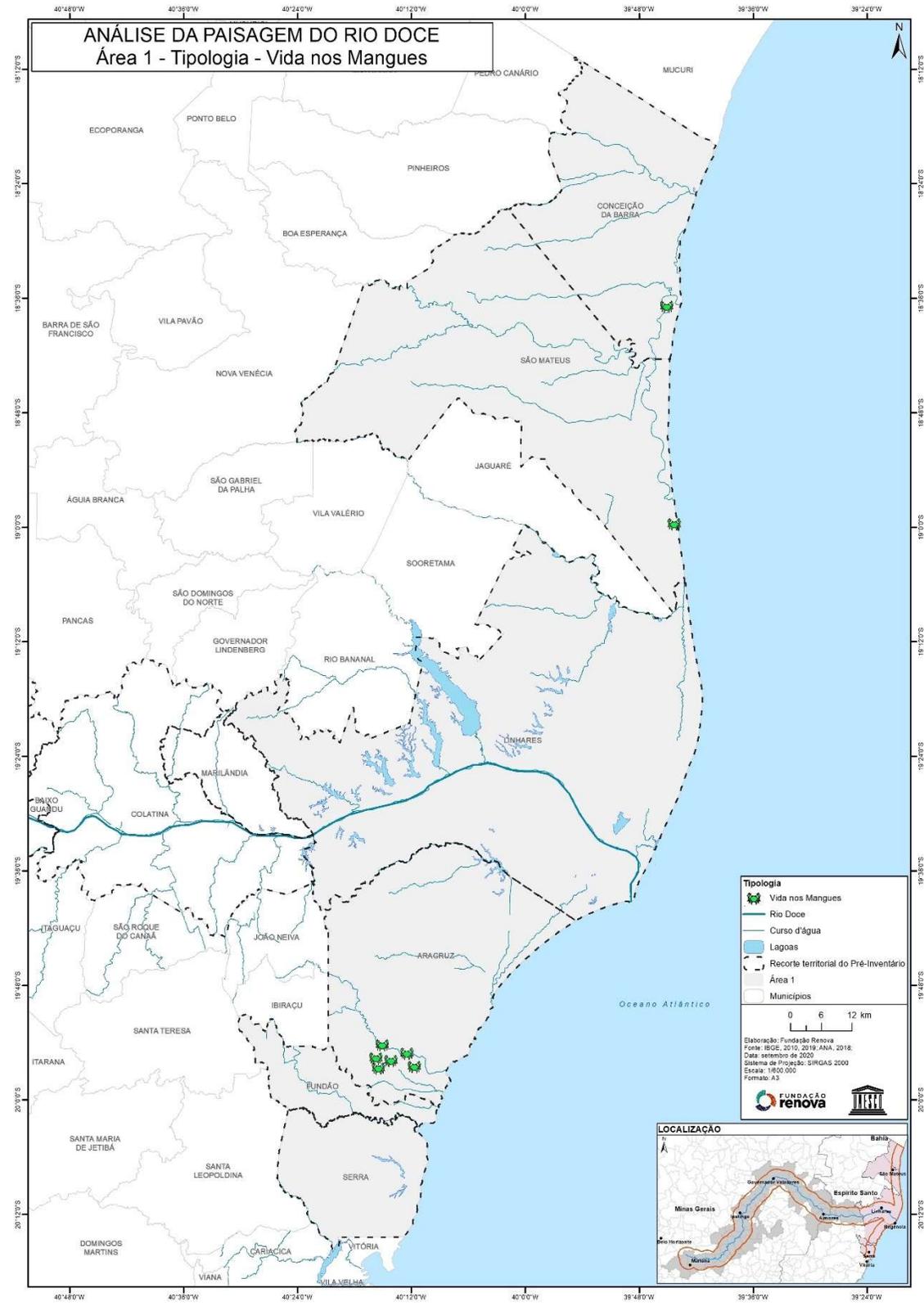
Breno Boos. Coqueiral, Aracruz/ES.

Vida nos mangues

Suspensão e sustento

Vidas nos Mangues é uma paisagem caracterizada pelo verde vivo da vegetação. Ela se configura no encontro da terra com o movimento das águas dos rios e dos mares e é marcada pela convivência de comunidades extrativistas. As águas dessa paisagem são misturadas, salobras, e dão vida a espécies e modos de vida que se adaptam a esse ambiente. A aparência das raízes emaranhadas nos manguezais pode causar estranhamento aos olhos do observador, assim como o seu odor. Para compreender essa paisagem é preciso enxergar mais do que um terreno argiloso e sentir além do cheiro da putrefação. É justamente o acúmulo de matéria orgânica e nutrientes que fazem dessa paisagem abrigo e berçário de espécies marinhas.

A vida humana integra essa paisagem para sua nutrição biológica e afetiva e para a geração de renda. Presente no cotidiano de gerações de extrativistas locais pertencentes ou não a comunidades tradicionais, é uma paisagem que desperta



memórias, resgata saberes e produz cultura como a festa do caranguejo em São Mateus. Esta paisagem está próxima ou mais afastada de comunidades com características rurais e de baixa renda e envolve o trabalho de mulheres. Nessas comunidades, o trabalho nos manguezais tem como objetivo a coleta de crustáceos e de mariscos. As paisagens de Vidas nos Mangues ocorrem no norte e no sul do litoral capixaba. No sul destaca-se a Vida nos Mangues nos estuários dos dos rios Piraquê-Açu e Piraquê- Mirim. O crescimento populacional, a rápida urbanização, o rompimento da barragem de Mariana em 2015 e eventos climáticos extremos como a chuva de granizo em 2016 vêm promovendo a degradação destes ambientes na região. A relação de Vidas nos Mangues com o rio Doce se dá pelo mar e através dos movimentos de correntes marítimas e das marés que promovem o encontro dessas águas.



Figura 89 - José Pinho Ramalho no mangue localizado nos fundos de sua residência. Campo Grande, São Mateus/ES, 2020.

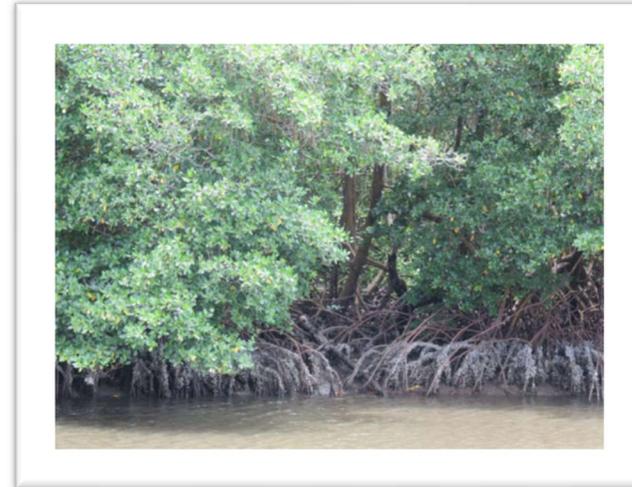


Figura 90 - Raízes do manguezal no rio Piraquê-Açu. Aracruz/ES, 2020.



“Bom, aqui os que têm seu serviço, trabalham, os que não têm, trabalham no mangue”

Figura 91 - Regina Vieira Pereira do Rosário. Pirassununga, Aracruz/ES.



Figura 92 - Breno Barroso Boos. Coqueiral, Aracruz/ES.

“de proximidade, e de sintonia também! Que muitos gostam de fazer pesca... pegar um siri... guaiamum... Sabe, eu acho assim, são várias coisas em torno do mangue, do manguezal do rio. Eu acho bonita essa relação”

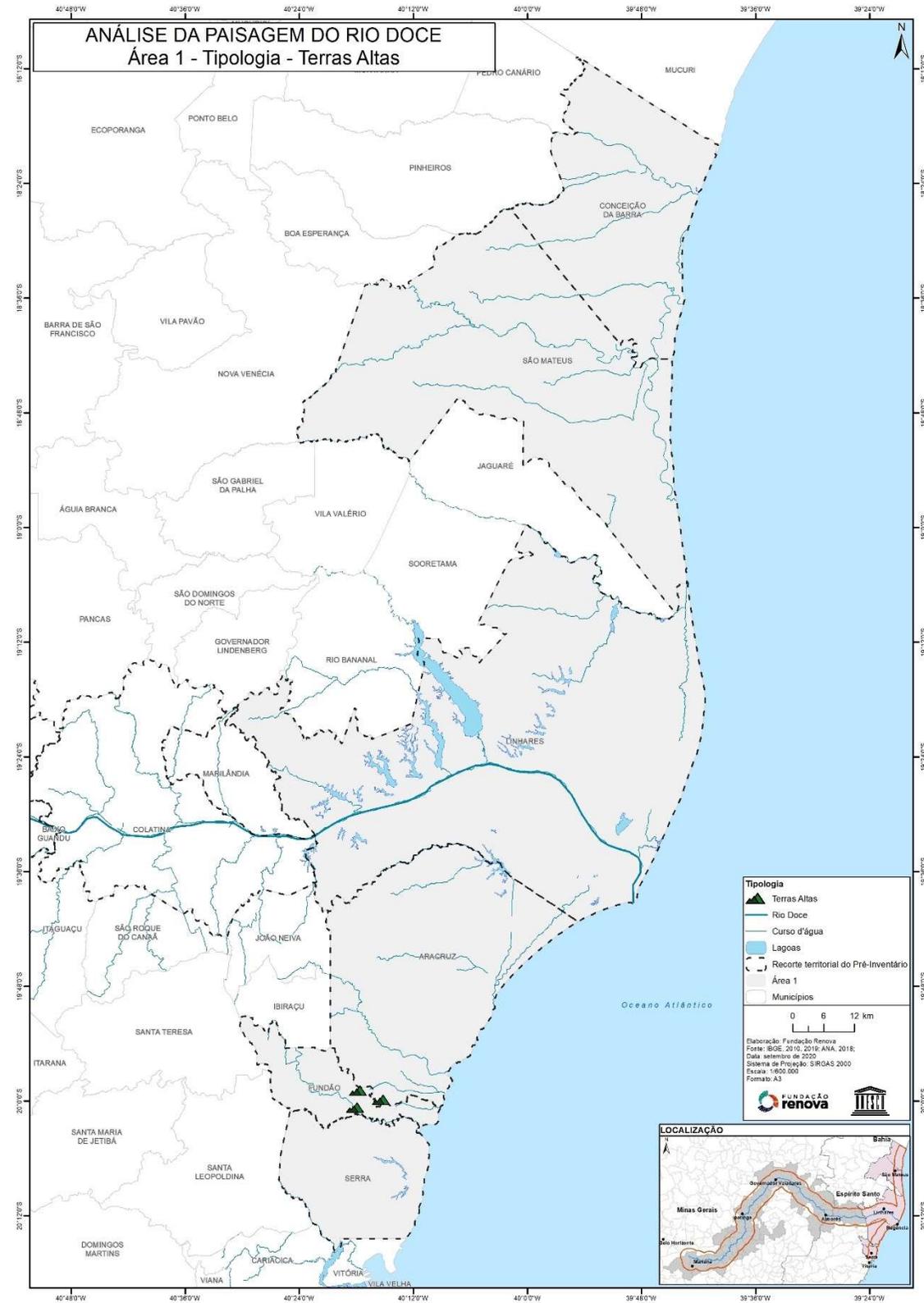
“O alimento vai acabando, a pessoa já não tem aquela fartura mais... aqui caranguejo nós pegávamos era de braçada quando ele andava. Hoje você vai lá pegar um caranguejo, você precisa estar procurando...”

José Pinho Ramalho, 75 anos

Terras Altas

As Terras Altas são paisagens marcadas por volumes, desníveis, tons de verde e pedras. Oriundas de processos geológicos antigos, as serras e rochas da região do Médio e do Baixo Doce compõem uma paisagem testemunho da vida e da cultura humanas. De perto ou de longe elas se apresentam ao observador como uma paisagem sem bordas definidas. Destacam-se por sua imponência, por nos fazer pequenos diante de sua grandeza e imensidão. Terras Altas estendem-se até onde a vista alcança. Em representações históricas do século XVII essa paisagem motivou o processo de interiorização da ocupação portuguesa no Espírito Santo. Ela alimentava o imaginário dos exploradores sobre as riquezas minerais e criava pontos de referência no espaço.

Devido a sua composição mineral, Terras Altas suscita oportunidades econômicas e remete à degradação ambiental. São paisagens ocupadas por matas endêmicas, pastagens e por culturas agrícolas e florestais. Nelas a temperatura é mais baixa e o barulho do vento frequente. Na região percorrida são paisagens que ocorrem em fazendas, parques naturais e áreas públicas.



São exploradas para lazer, para a plantação do café, para a criação de gado leiteiro e, mais recentemente, para o plantio de eucalipto. A paisagem de Terras Altas não utiliza mão de obra intensiva e mobiliza o trabalho de moradores de comunidades rurais. Devido à distância espacial do leito do rio Doce, Terras Altas têm uma relação indireta com o rio, associada às atividades de lazer, pesca esportiva e ao deslocamento de comunidades.



Figura 93 - Representação geográfica do rio Doce e das Capitânicas do Espírito Santo e de Porto Seguro. Fonte: João Teixeira Albemaz, 1627

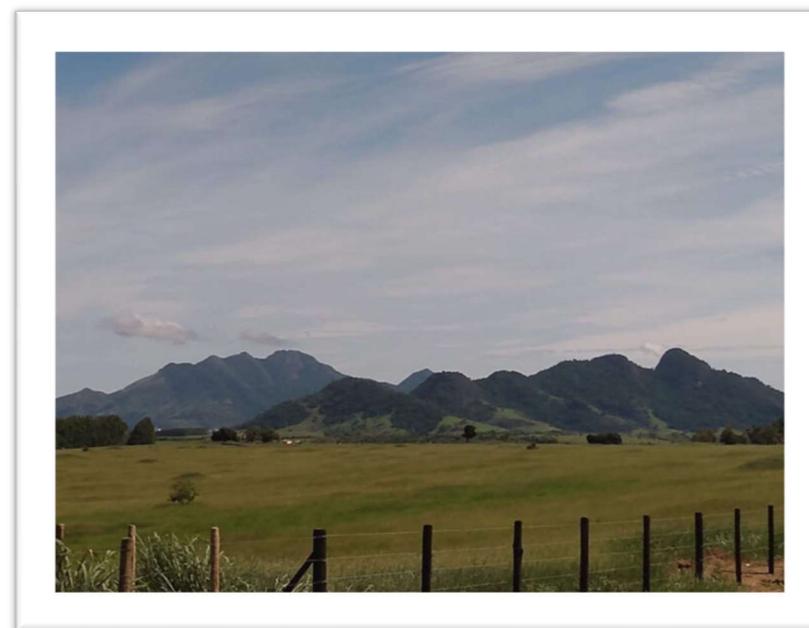


Figura 94 - Morro do Mestre Álvaro visto da comunidade de Putiri. Serra/ES. 2020.

“Como tem uma visão né rapaz, você vê tudo, principalmente quando chove igual choveu, tudo verdinho, é bonito. Morro, você viu os morros?”

Ronisvaldo Simões. Puriti, Serra/ES.

Pessoas

O rio Doce é brisa. O rio Doce é Watu. O rio Doce é lama. O rio Doce é resiliência, resistência. O rio Doce é Tupiniquim-Guarani e Negro. É Portugal, Itália, Alemanha. É Brasil. O rio Doce é festa, berço e vista. O rio Doce é movimento. O rio Doce é mar.

As pessoas que residem nos lugares percorridos são coautoras das 28 paisagens que identificamos na foz do rio Doce e no Litoral Capixaba adjacente a ela. Através da observação e escuta de suas memórias, percepções, práticas espaciais e manifestações artísticas, conseguimos nos aproximar de sentimentos e significados que atualizam nosso imaginário sobre o rio Doce.

91 pessoas compartilharam suas percepções sobre o território conosco. Aqui conhecemos, reconhecemos e agradecemos a todos que nos ajudaram a ver com olhos “novos” o território da foz do rio Doce.



Adão Celia e Maria Isabel Gomes
Fazenda Tupã, Linhares



Adilson Alves dos Santos Rigonis
Assentamento Paulo Vinhas, Conceição da Barra



Adirson Gomes da Silva
Santo Hilário, Linhares



Aldair Moreira Costa
Linhares, Linhares



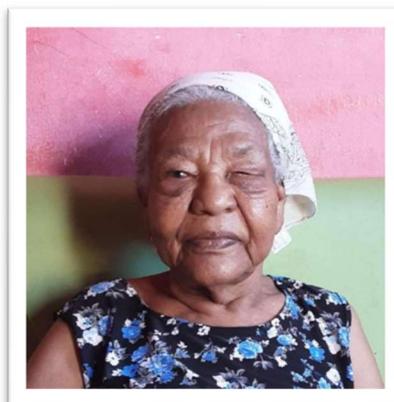
Andreas José Boos
Santa Cruz, Aracruz



Angelita Maria Gama
Putiri, Serra



Arnaldo dos Santos Pereira
Pirassununga, Aracruz



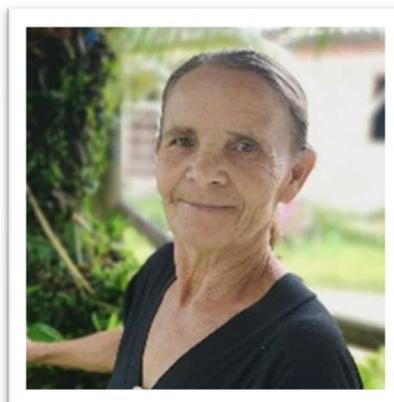
Astrogilda Ribeiro dos Santos
Vila do Riacho, Aracruz



Breno Barroso Boos
Coqueiral, Aracruz



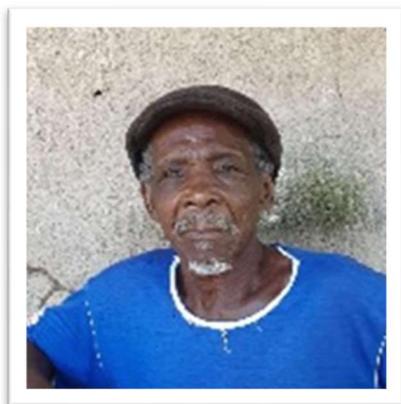
Cláudia Rigonis
Assentamento Paulo Vinhas, Conceição da Barra



Cercenilha de Freitas Azevedo
Palhal, Linhares



Diana Campista
Povoação, Linhares



Domingos Cosme dos Santos
Comunidade Quilombola Linharinho, Conceição
da Barra



Elber Tesch
Linhares, Linhares



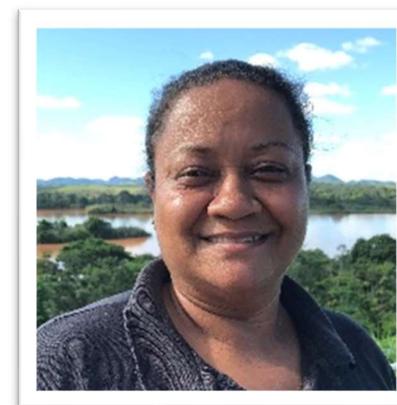
Elenir Ribeiro Rodrigues
Barra do Riacho, Aracruz



Evânia do Rosário
Itaúnas, Conceição da Barra



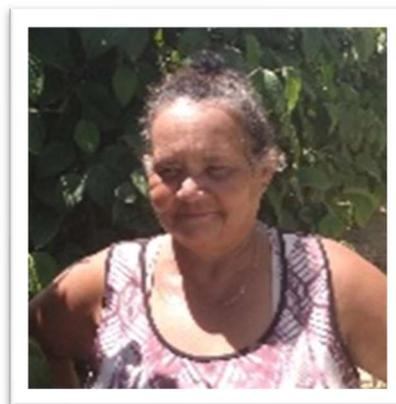
Elizabeth de Souza Areias
Santa Cruz, Aracruz



Elizângela Lima de Freitas
Fazenda Tupã, Linhares



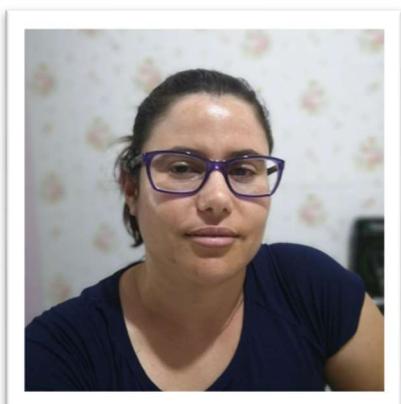
Elvira Nascimento Freitas
Biriricas, Aracruz



Elza Soares Lucas
Assenramento Primeiro de Agosto, Linhares



Fábio da Silva Clarindo
Centro, Conceição da Barra



Flávia Onorato
São Rafael, Linhares



Flávia Cristina de Jesus Loyola
Santa Cruz, Aracruz



Georgina Morais Pestana
Coqueiral, Aracruz



Geraldo Comper
Assentamento Egídio Bruneto, Linhares



Gilvan Francesbilho dos Santos
São Mateus, São Mateus



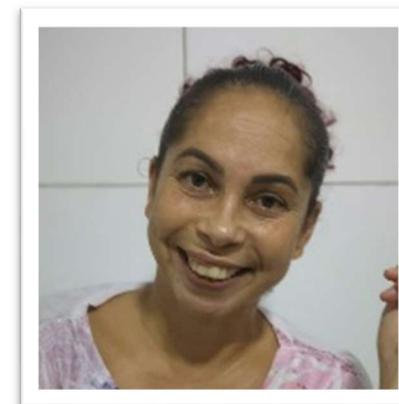
Herval Nogueira Júnior
Barra do Riacho, Aracruz



Ivan Monteiro
Barra Nova Sul, São Mateus



José Pinho Ramalho
Campo Grande, São Mateus



Léia dos Santos Silva
Regência, Linhares



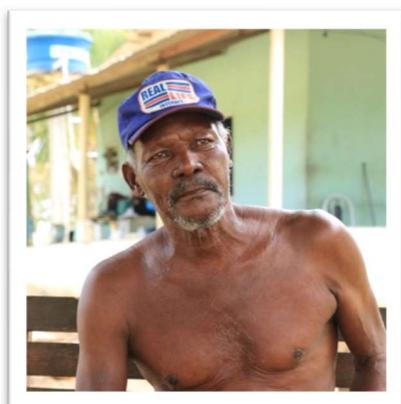
Luciana Souza de Oliveira
Regência, Linhares



Luiz André Pinto Leal
Acampamento Egídio Bruneto, Linhares



Manoel Afonso
Bairro Litorâneo, São Mateus



Manoel Cairu
Barreiras, Conceição da Barra



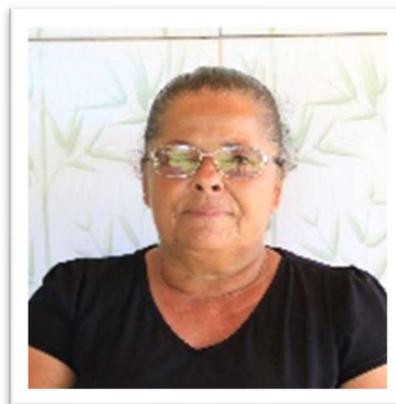
Marcia Lederman
Itaúnas, Conceição da Barra



Maria Amélia
Bairro Sant'Ana, Conceição da Barra



Maria da Conceição dos Santos
(primeira a esquerda) e família
Ilha Preta, São Mateus



Maria da Penha Monteiro
Biriricas, Aracruz



Maria Lúcia Grossi Zunti
Linhares, Linhares



Maria Glicéria
Palmitinho II, São Mateus



Orladesson Ferreira Aguiar
São Miguel, São Mateus



Paulo César Oliveira Gama
Praia de Guriri, São Mateus



Pedro Leite Costa
Comunidade Quilombola de Degredo, Linhares



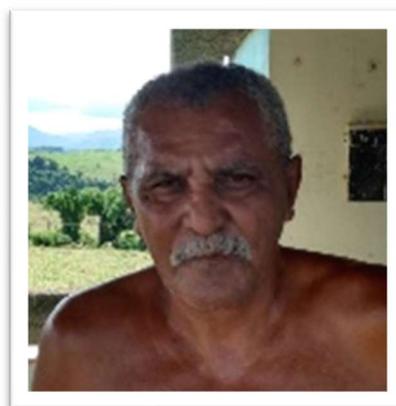
Pedro Ribeiro Clarindo
Nativo, São Mateus



Reuber da Costa Nascimento
Linhares, Linhares



Regina Vieira Pereira do Rosário
Pirassununga, Aracruz



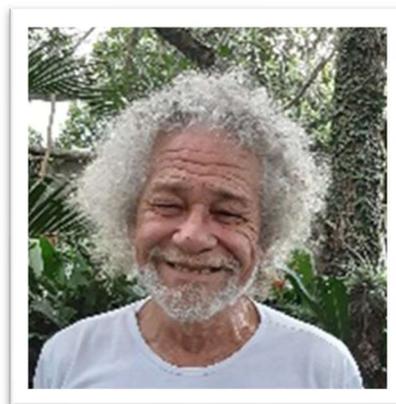
Ronisvaldo de Souza Simões
Putiri, Serra



Rui Barbosa Jaqueline
Fazenda Cedro, São Mateus



Sebastião Assumpção
Putiri, Serra



Sebastião Pereira da Fonseca
Vila de Itaparico, Santa Cruz, Aracruz



Simeão Barbosa dos Santos
Povoação, Linhares



Simone de Jesus
Comunidade Quilombola de Degredo, Linhares



Tarcísio Dias de Oliveira
Cabeceira de Santo Hilário, Linhares



Teodorico Boa Morte
Nova Almeida, Serra



Victor Campos Rodrigues
Urussuquara, São Mateus



Vilma Pimentel de Souza e Agostinho de Souza
Praia do Sauê, Aracruz



Vitor Braz
Chapadão das Palminhas, Linhares



Zélia Scarpati
Desengano, Linhares

Referências Bibliográficas

Rennó, F. Le Sertão Mineiro du Moyen Rio São Francisco - Un territoire à la recherche de ses paysages e de ses identités. Université de Toulouse II. Tese de doutorado. França, 2009.

UNESCO/FUNDAÇÃO RENOVA. Pré-inventário paisagístico do Rio Doce. Belo Horizonte, 2019.

UNESCO/FUNDAÇÃO RENOVA. Pré-inventário paisagístico do Rio Doce. Sumário Executivo. Belo Horizonte, 2020.

UNESCO/FUNDAÇÃO RENOVA. Análise da Paisagem da Foz do rio Doce e Litoral Capixaba. Tipologia Paisagística. Belo Horizonte, 2020.

UNESCO/FUNDAÇÃO RENOVA. Análise da Paisagem da Foz do rio Doce e Litoral Capixaba. Recompondo a paisagem. Belo Horizonte, 2020.